

# **Diplomarbeit**

## **A Teoria Crioula de Adolfo Coelho segundo a Correspondência com Hugo Schuchardt e Leite de Vasconcelos**

Ausgeführt zum Zwecke der Erlangung des akademischen Grades

Magister

am Universität Wien

Verfasser: Sílvio A. Moreira de Sousa

Begutacher: Prof. Michael Metzeltin

Ich versichere:

dass ich die Diplomarbeit selbständig verfasst, andere als die angegebenen Hilfsmittel nicht benutzt und mich auch sonst keiner unerlaubten Hilfe bedient habe.

dass ich dieses Diplomarbeitsthema bisher weder im In- noch im Ausland (einer Beurteilerin/einem Beurteiler) in irgendeiner Form als Prüfungsarbeit vorgelegt habe.

dass diese Arbeit mit der vom Begutachter beurteilten Arbeit übereinstimmt.

---

Ort, Datum

---

Unterschrift

### Abstracto

Apesar de ser considerado como um dos iniciadores dos estudos crioulos enquanto ciência, Adolfo Coelho não possui, à exceção de dois parágrafos num de seus artigos, uma exposição concreta de sua teoria acerca da gênese das línguas crioulas. Este trabalho procura investigar, através da sua correspondência enviada ao precursor da Crioulística, Hugo Schuchardt, e ao iniciador da Dialectologia portuguesa, Leite de Vasconcelos, indícios que permitam um esboço dos principais pontos de sua teoria.

### Zusammenfassung

Adolfo Coelho war einer der ersten Kreolisten, der sich wissenschaftlicher Weise mit den Kreolsprachen beschäftigt hat. Jedoch seine Theorie über die Entstehung dieser Sprachen begrenzt sich auf zwei Abschnitte seines Werkes. Mit dieser Arbeit wird es untersucht, ob seine Briefe an Hugo Schuchardt und Leite de Vasconcelos theoretische Elemente der Coelho'schen Theorie enthält. In diesen Briefen wurden einige Informationen gefunden, sowie ein neues Konzept über den Sprachkontakt. Dieses Konzept wird mit dem Werk „*Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas, I - Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla*“ (Coelho, 1901), das nicht als kreolorientiertes Werk gilt, verbunden. Der Begriff „Heterogenia Grammatical“ wird erklärt, ebenso die starke phonetische Komponente von Adolfo Coelho's Briefen.

Para a minha família, pelo incentivo e confiança.

<b>1</b>	<b>Introdução</b> .....	<b>6</b>
1.1	<i>Pesquisa do Material de Trabalho</i> .....	7
<b>2</b>	<b>Correspondentes</b> .....	<b>8</b>
1.1	<i>F. Adolfo Coelho</i> .....	8
1.1.1	<i>Biografia</i> .....	8
1.1.2	<i>A Geração de 70</i> .....	12
1.1.3	<i>Bibliografia</i> .....	17
1.2	<i>Hugo Schuchardt</i> .....	30
1.3	<i>Leite de Vasconcelos</i> .....	33
<b>3</b>	<b>Contextualização épocal da Crioulística</b> .....	<b>35</b>
1.1	<i>Em Portugal</i> .....	35
1.2	<i>No Estrangeiro</i> .....	41
<b>4</b>	<b>A Crioulística de Adolfo Coelho</b> .....	<b>47</b>
1.1	<i>Apresentação</i> .....	47
1.2	<i>O Contributo de Adolfo Coelho para a Crioulística</i> .....	53
<b>5</b>	<b>A Crioulística de Hugo Schuchardt</b> .....	<b>57</b>
1.1	<i>Apresentação e Análise</i> .....	57
1.2	<i>O Contributo de Schuchardt para a Crioulística</i> .....	66
<b>6</b>	<b>A Crioulística de Leite de Vasconcelos</b> .....	<b>68</b>
1.1	<i>Apresentação e Análise</i> .....	68
1.2	<i>O Contributo de Leite de Vasconcelos para a Crioulística</i> .....	72
<b>7</b>	<b>A Correspondência de Adolfo Coelho</b> .....	<b>74</b>
1.1	<i>Método de Análise e sua Problemática</i> .....	74
1.2	<i>Hugo Schuchardt</i> .....	75
1.3	<i>Leite de Vasconcelos</i> .....	84
<b>8</b>	<b>Novidades</b> .....	<b>87</b>
1.1	<i>Os Crioulos e Contexto Social</i> .....	87
1.2	<i>A Teoria de Adolfo Coelho</i> .....	91
<b>9</b>	<b>Conclusão</b> .....	<b>94</b>
<b>10</b>	<b>Bibliografia</b> .....	<b>96</b>
<b>11</b>	<b>Appendix</b> .....	<b>105</b>

## 1 Introdução

Enquanto estudante, o contacto com o nome Adolfo Coelho só surge, no panorama educacional português, aliado a um dos mais reputados grupos intelectuais da segunda metade do século XIX: a Geração de 70.

Quando nas aulas de português do ensino secundário é abordada esta geração, é só nessa altura (única e exclusivamente), que é mencionado o nome do pedagogo. E isto, no âmbito das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense (também denominadas de Conferências do Casino), aquando da sua palestra sobre “O ensino”. Esta foi a conferência que originou o cancelamento das até então programadas conferências. De resto, não é mencionado por mais alguma vez até ao fim do ensino secundário. E muito menos, quando estudado na Universidade na cadeira de Cultura Portuguesa, é referido noutros contextos, se não no (contexto) das Conferências.

Com a frequentação da cadeira *Entstehungstheorien der Kreolsprachen*, sob a direcção da docente Bea Gomes, aprofundei, não só os meus conhecimentos acerca das línguascrioulas, como também obtive um conhecimento do trabalho crioulistico de Adolfo Coelho.

O interesse em Adolfo Coelho para tema da tese de mestrado deve-se ao facto de ter sido um dos iniciadores dos estudos crioulos enquanto ciência, cujo testemunho não fora desenvolvido a nível nacional devido à escassa quantidade de material teórico nos seus três artigos dedicados ao estudo das línguas crioulas. De facto, o propósito e o objectivo deste trabalho é o possível levantamento de elementos presentes na correspondência enviada ao crioulista considerado como o “pai” dos estudos crioulos (Hugo Schuchardt) e a um importante dialectólogo português (Leite de Vasconcelos), elementos esses que nos apontem para uma maior compreensão da teoria adolfiana sobre os crioulos.

Este trabalho será dividido da seguinte maneira, de modo a optimalizar uma melhor abordagem à temática aqui tratada: neste capítulo introdutório, focaremos a pesquisa do material de trabalho; no segundo capítulo, faremos uma apresentação dos três intervenientes deste trabalho, ou seja, Adolfo Coelho, Hugo Schuchardt e Leite de Vasconcelos; no terceiro capítulo procuraremos contextualizar os intervenientes de acordo com o desenvolvimento dos estudos crioulos; nos três capítulos seguintes (i.e., nos quarto, quinto e sexto momentos deste trabalho) analisaremos as obras crioulisticas dos três linguístas; no sétimo ponto serão apresentadas as cartas com teor crioulistico, ao qual se sucederá o oitavo capítulo com uma explanação das várias novidades provindas da correspondência adolfiana.

## 1.1 **Pesquisa do Material de Trabalho**

Para a realização da tese de mestrado, e de acordo com o tema, é mister a pesquisa e recolha de informações. Neste sub-capítulo tentarei mostrar quais os procedimentos e problemas que me foram colocados.

Quer na pesquisa das cartas, quer na leitura e sua interpretação houve situações nada abonatórias para o desenvolvimento da tese.

Em primeiro lugar, era importante apropriar-me das cartas de Adolfo Coelho a Hugo Schuchardt, parte do espólio deste último, preservados na Universidade de Graz. Após uma curta pesquisa e contato através da internet com o Mag. Thomas Csanády, director dos espólios guardados pela universidade fora-me autorizado observar e trabalhar com a correspondência. Feita a viagem a Graz no intuito de poder fazer uma primeira interpretação, tomei conhecimento das obras sobre os crioulos de ambos romanistas, ou seja, os *Dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America I – III*<sup>1</sup> de Adolfo Coelho, os *Kreolische Studien I-IX* e os *Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch I – VI*<sup>2</sup> de Hugo Schuchardt.

Os opúsculos de Adolfo Coelho encontram-se disponíveis (todos os três artigos) na internet, sob o endereço eletrónico <http://purl.pt/24/>. Este endereço pertence ao website da Biblioteca Nacional portuguesa, que disponibiliza algumas obras online, no seu formato original. Quanto aos trabalhos realizados por Schuchardt, estes estão disponíveis na Biblioteca Universitária de Graz ou na Academia Austríaca das Ciências. Em adição a estas obras foi necessária a consulta de obras contemporâneas, não só para se possuir um conhecimento mais amplo sobre o assunto a tratar, mas também para conhecer o impacto destes dois romanistas nos estudos sobre o contacto linguístico.

Seria certamente interessante pesquisar e analisar a correspondência enviada por Hugo Schuchardt a Adolfo Coelho, porém essa mesma (correspondência) não seria um auxílio para o objectivo final deste trabalho.

Quanto à correspondência de Adolfo Coelho a Leite de Vasconcelos, o conhecimento da existência da mesma foi quase casual, quando estava ainda em busca de mais materiais para estruturar a tese. O espólio de Leite de Vasconcelos encontra-se conservado no Museu Nacional de Arqueologia; espólio, que possui ainda vários manuscritos sobre variadas temáticas, desde o mirandês até ao falares crioulos, passando pelas religiões da Lusitânia. A

---

<sup>1</sup> Doravante somente designados como *Dialectos*.

<sup>2</sup> Doravante somente designados como *Beiträge*.

obra de Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*<sup>3</sup>, também se encontra disponível para consulta através da internet, sob o endereço da Biblioteca Nacional portuguesa.

Após descobrir a colectânea de Eurico Gama<sup>4</sup>, aventurei-me a procurar algum contacto que tenha existido com crioulistas seus contemporâneos (Hesseling e Adam). Todavia, os meus esforços foram em vão.

A correspondência de Coelho endereçada a Leite de Vasconcelos tornara-se um problema a partir do momento em que certas cartas tinham um teor privado. Perante tal situação, optou-se por subtrair essas mesmas, guardando aquelas onde os estudos científicos estão mais patentes no assunto. Ao todo, 27 cartas e bilhetes postais preencheram as condições de análise (ou seja, cujo assunto fosse acerca dos trabalhos de um de ambos os estudiosos).

Estabelecidos os pontos preliminares deste trabalho, resta-me fazer uma apresentação dos intervenientes.

## 2 Correspondentes

Se nas aulas de crioulistica Hugo Schuchardt é apresentado como o pai desta nova ciência, já Adolfo Coelho é apresentado como o iniciador de uma doutrina dentro deste campo de saber: o universalismo. Já Leite de Vasconcelos é visto como o pai da Dialectologia portuguesa. Neste ponto faremos uma abordagem biográfica mais pormenorizada do que estas informações.

### 2.1 F. Adolfo Coelho

Neste sub-ponto farei a apresentação biográfica de Adolfo Coelho, abordando, quer o seu percurso vital propriamente dito, como a sua inclusão no movimento geracional existente em Portugal a partir dos anos 70. Mais tarde apresentarei de forma leve as suas obras e quais os campos em que Coelho se destacou, para além da Crioulistica.

#### 2.1.1 Biografia

O percurso vital de Francisco Adolfo Coelho foi marcado, segundo a maior parte dos estudiosos, pela vertente de autodidacta. Talvez essa mesma autodidaxia lhe tenha valido a posição que ele hoje em dia ocupa na pedagogia e na crioulistica portuguesas.

A biografia de Adolfo Coelho fica marcada pela sua bibliografia, dada a falta de divulgação existente<sup>5</sup> sobre a vida do crioulista: “A vida e a obra de F. Adolfo Coelho têm

---

<sup>3</sup> Doravante somente designado como *Esquisse*.

<sup>4</sup> Eurico Gama, *Cartas de Adolfo Coelho a António de Tomás Pires*.

<sup>5</sup> António Carvalho da Silva, *Lembrar Adolfo Coelho (1847-1919)*, p. 11.



sido, infelizmente, pouco divulgadas. Por isso mesmo, torna-se bastante difícil a elaboração duma biografia completa do autor, que ainda não existe.”

Contudo, é sempre possível apresentar algumas informações de maior importância a nível biográfico. Francisco Adolfo Coelho nasceu em Coimbra a 15 de Janeiro de 1847, filho de João Gaspar Coelho (morreu quando Adolfo Coelho tinha somente 19 meses de idade) e de Francisca do Carmo Coelho. Segundo Eurico Gama, Adolfo Coelho casou-se com D. Maria Saraiva Coelho, que faleceu a 9 de Fevereiro de 1919<sup>6</sup>.

Residente em Coimbra, completa o liceu e, na idade de 15 anos (em 1862), inscreve-se na Universidade de Coimbra, vindo a abandoná-la dois anos mais tarde, porque, reconhecendo mais tarde o motivo de tal decisão (em 1872), a forma de ensino não o conduzia ao conhecimento que ele próprio desejava atingir. Com tal deliberação, tomou o seu próprio caminho, formando-se num autodidactismo sem limites ou barreiras. O abandono da Universidade é explicado na introdução da conferência proclamada a 17 de Junho de 1871 e publicada, em 1872, com o título *A questão do ensino*<sup>7</sup>: “A minha entrada para a Universidade quebrou porém o encanto. Achei deante de mim um lente de chimica, estúpido, mal seguro nas phrases do compendio, insolente, ora assumindo um ar carrancudo com pretensões a gravidade, ora descendo a graçolas boças, (...). Esse homem tinha muita importancia e influencia na sua faculdade; era um Cerbero collocado á entrada d’aquelle inferno, cuja furia era mister abrandar. (...)”

As minha illusões ácerca da Universidade estavam desfeitas; de ser aquelle lente ahi consentido concluia-se indiscutivelmente que o abuso existia lá em larga escala. Investiguei, e o resultado d’essa investigação foi, que se queria a sciencia, a que aspirava, não a buscasse ahi.”<sup>8</sup>

E mais adiante continua com as suas criticas e desabafos sobre o ensino académico, que o obrigaram a tomar o seu próprio caminho: “Foram os unicos professores que tive na Universidade; pessoalmente nada tenho que dizer contra elles; considerando-me como menos ainda que estudante mediocre, fizeram o que deviam fazer; ainda mais, sou-lhe summamente agradecido, porque a elles devo principalmente o ter perdido as illusões ácerca da Universidade logo na idade em que mais fortes foram para mim até hoje a coragem e as aspirações, em que por consequencia senti forças para tentar a empresa difficil e arriscada de me educar intellectualmente a mim proprio.”<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> As datas de nascimento e de padecimento são referidas por Manuel de Paiva Boléo, «Francisco Adolfo Coelho», *Verbo: Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, p. 834.

<sup>7</sup> Coelho, *A Questão do Ensino*.

<sup>8</sup> Coelho, *A Questão do Ensino*, p. VI.

<sup>9</sup> Coelho, *A Questão do Ensino*, p. VII/ VIII.

Desde 1864, contando Adolfo Coelho 17 anos, elabora os seus planos de estudos etnográficos e desenvolve as suas investigações, de tal forma que repercutia sucesso:

“Bem ou mal essa empresa tenho-a levado por diante, e tenho a consciencia de que cheguei já a resultados a que nunca chegaria se eu tivesse confiado a direcção do meu espirito a esteril ensino universitario, e estes compensam largamente as lacunas que existem necessariamente n’uma educação intellectual feita ao acaso, quasi sem methodo, além do que a propria experiencia do máo exito ensina, ás apalpadelas, n’uma palavra.”<sup>10</sup>

Após a experiência de dois anos (1862-64) na Universidade de Coimbra, aceita o convite de seu irmão mais velho, José Eduardo Coelho (Coimbra, 1835 – Lisboa, 1889), a deslocar-se para Lisboa<sup>11</sup>. Aí, em Outubro de 1869, Adolfo Coelho tenta, novamente, estudar, matriculando-se no Curso Superior de Letras, mas volta a desistir. Na sua conferência do Casino, Adolfo Coelho critica duramente os professores dessa instituição. Ironicamente, ele será convidado, em 1878, para leccionar aí.

Devido ao seu intenso trabalho, é-lhe possível conceber as primeiras publicações; estas assentam-se essencialmente sobre a língua portuguesa. É nesse momento que Adolfo Coelho se assume como investigador, sendo mesmo o primeiro a aplicar aos estudos da língua os métodos da filologia românica germinados por F. Diez na Alemanha. A sua primeira obra, *A língua portugueza*, foi publicada em Coimbra em 1868, quando tinha 21 anos de idade. Infelizmente, só saiu o primeiro fascículo. Contudo, este trabalho tem valor para a filologia portuguesa, levando J. Simões Neves<sup>12</sup> a expressar que “Em 1868 Francisco Adolfo Coelho com a sua obra intitulada 'A língua portuguesa' introduziu em Portugal o critério e os métodos da Filologia moderna, applicados lá fora aos estudos das línguas novilatinas por Frederico Diez. Este seu trabalho fundamental marca, como disse Leite de Vasconcelos, o início de um período novo na história da Filologia Portuguesa.”

Sob a crítica de uma revista de Coimbra (*Aristarco portuguez*) no ano de 1869, publica Adolfo Coelho um ano mais tarde, junto com as obras *Algumas observações acerca do Dicionário bibliográfico português e seu autor*, *A ciência alemã e a ignorância portuguesa*, e *Sobre a necessidade da glótica em Portugal*, uma série de cinco artigos no “Diário de Notícias”. Estes cinco artigos surgem sob o nome *A origem do português*, entre Maio e Junho. Estes trabalhos tornam-no tão conhecido que chega a ser convidado por Jaime Batalha Reis e por Antero de Quental para proferir a famosa conferência sobre o estado do ensino do país.

---

<sup>10</sup> Coelho, *A Questão do Ensino*, p. VIII.

<sup>11</sup> José Eduardo Coelho foi o fundador do jornal “Diário de Notícias”, em 29 de Dezembro de 1864.

<sup>12</sup> J. Simões Neves, in *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural : à memória de Francisco Adolfo Coelho*, p. 1.

Embora muitos estudiosos refiram com muita frequência a incerteza da data da conferência, a versão mais aceite é a realização da conferência a 19 de Junho, data defendida por António Salgado Júnior na *História das conferências do casino*<sup>13</sup>. Discussões à parte, o importante a reter é a forte componente crítica do seu discurso. Este discurso dirige-se ao sistema educacional português, tendo como figura de proa o Curso Superior de Letras<sup>14</sup> e exaltando em contrapartida o ensino “científico” contra o ensino tendencialmente “religioso”.

Em princípio, esta conferência foi tão ofensiva e/ou revolucionária que levou ao encerramento das conferências seguintes. Concordante com esta opinião é Eugénio Lisboa<sup>15</sup>: “Foi, aliás, a sua conferência sobre 'A questão do ensino' que, acusando a Igreja e o Estado de serem responsáveis pelo panorama desolador em que se encontrava o ensino em Portugal, provocou a proibição das célebres Conferências do Casino.”

Tal como afirmara anteriormente, Adolfo Coelho foi convidado a ensinar por mérito próprio, primeiro, no Curso Superior de Letras e depois na Faculdade de Letras. A reputação de Adolfo Coelho era tão patente que, após a criação da “cadeira de Linguística geral indo-europeia e em especial românica”, “foi dirigida às Cortes uma representação, assinada por trinta e quatro professores e escritores conhecidos [de entre os quais destacamos: Antero de Quental, D. Carolina M. de Vasconcelos, Latino Coelho, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga]”<sup>16</sup>, na qual se propunha a nomeação de Adolfo Coelho para o lugar de docente. A sua indigitação foi proclamada, de acordo com o que Rogério Fernandes<sup>17</sup> refere em *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*: “nomeado professor de Filologia comparada por decreto de 6 de Junho de 1878 Adolfo Coelho ocupa-se até cerca de 1882 predominantemente de Linguística e Etnologia.” Mas não foi só para esse cargo que Adolfo Coelho foi indigitado. No ano de 1878 Adolfo Coelho é nomeado director da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio, a qual será estabelecida a título definitivo entre 1882 e 1883.

Com 40 anos de idade (1878), Adolfo Coelho recebe pela Universidade de Goettingen (Alemanha) um título honoris causa, consagrando-o como filólogo, como investigador e como professor.

Em 1911, Adolfo Coelho participa em duas comissões: uma comissão, que estudará a ortografia, à qual propõe algumas alterações reformadoras para o sistema ortográfico do Português, e uma outra, que tem como missão remodelar o ensino secundário. Não descuidando o seu trabalho de investigação, Adolfo Coelho ainda publica outras obras, mas

---

<sup>13</sup> Júnior, *História das conferências do casino*, p. 60.

<sup>14</sup> O Curso Superior de Letras foi criado em 1858 por D. Pedro V.

<sup>15</sup> Lisboa, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, p. 303.

<sup>16</sup> *Revista da Faculdade de Letras*, p. 14.

<sup>17</sup> Fernandes, *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*, p. 182.

elas todas relacionadas com a temática do ensino, da educação e da cultura: *Alexandre Herculano e o ensino público* (1910) e *Cultura e analfabetismo* (1916).

Em concordância com o que se disse no início, Adolfo Coelho morre em 1919, levando Leite de Vasconcelos a afirmar: “(...) o Snr. Dr. Francisco Adolfo Coelho traçou sulcos luminosos em três campos, qual deles mais vasto e difícil, no da Glotologia, no da Etnologia e no da Pedagogia.”<sup>18</sup>

Ciente da imperfeição desta biografia sobre Adolfo Coelho (por motivos já expostos por outros estudiosos), resta-me concluir este mesmo sub-capítulo sobre aquele que é considerado o primeiro linguísta português, etnógrafo e educador. No próximo sub-capítulo procurarei em traços gerais abordar a geração, na qual Adolfo Coelho também participou.

### 2.1.2 A Geração de 70

Iniciando este ponto com uma paráfrase de João Gaspar Simões<sup>19</sup>, procurarei esboçar a Geração de 70 de modo muito superficial, não entrando nas várias discussões (ainda existentes hoje em dia) sobre esta temática: Representa o grupo conhecido por “geração de 70” um conjunto de intelectuais portugueses de maior vulto nacional. Embora especializados em diversos campos, todos os seus membros comungavam do mesmo ideal revolucionário: a integração de Portugal na cultura europeia.

O Fontismo<sup>20</sup> e a Regeneração pioraram a situação económica, deixando o país praticamente na falência. As dívidas contraídas ao estrangeiro para pagar as construção de infra-estruturas agravaram um cenário pautado já pela fraude e corrupção do poder político.

Contudo, estas infra-estruturas (a mais notável foi a implantação e desenvolvimento das linhas ferroviárias) permitem um afluir de ideias novas ao país. Com a abertura da ligação de Portugal a Paris, começam a chegar a Coimbra<sup>21</sup> livros e revistas, onde existe já uma nova Ideia Europeia. Assim, houve em Coimbra um devorar ideológico de Michelet, Quinet e Victor Hugo, Proudhon, entre outros nomes.

Na literatura portuguesa, o movimento então regente era o Romantismo, mas este encontrava-se numa fase antagónica aos valores patentes no seu primeiro momento: já não é combativo, pautado pela reformação e pela crítica. Este movimento marca-se pela improjecção social directa, alheio a entusiasmos, onde se denota uma pieguice exacerbada e um extenuante rebuscar de palavras num vazio de ideias.

---

<sup>18</sup> Fernandes, F. *Adolfo Coelho. Para a História da Instrução Popular*, p. 18.

<sup>19</sup> Simões, A *Geração de 70 – Uma Revolução Cultural e Literária*.

<sup>20</sup> Período e plano de medidas políticas encetadas e fracassadas por Fontes Pereira de Mello com vista à industrialização portuguesa.

<sup>21</sup> Dada a sua posição geográfica no país (quase o epicentro do país), Coimbra serve de elo nas ligações ferroviárias entre Norte - Sul e entre Portugal – Estrangeiro.

A figura principal era António Feliciano de Castilho. Castilho, para além de ser alvo de proteção por parte dos novos escritores, foi o principal visado na Questão Coimbrã. Quando Manuel Pinheiro Chagas elogiou Castilho, procurando proteção ao seu *Poema da Mocidade*, responde este (Castilho) no prefácio da mesma obra com *Carta do Il. e Ex. Sr. António Feliciano de Castilho ao Editor*, na qual Castilho faz um elogio à corrente romântica e ao seu protegido, criticando, ao mesmo tempo, as novas ideias despertadas em certos estudantes de Coimbra. Esta situação adensa-se com a publicação, em 1865, de uma carta aberta a Castilho redigida por Antero Quental. O título desta carta, *Bom Senso e Bom Gosto*, daria o mote para a polémica entre os adeptos de Castilho e a Escola Coimbrã. Na carta dirigida a Castilho, Antero faz várias críticas a Castilho e àquilo que ele chama “escola do elogio mútuo”. A polémica acentua-se com críticas de ambos os lados, levando mesmo à inserção no conflito de pessoas até então “neutras” ao problema.

Esquecida a polémica e terminados os cursos em Coimbra, estes estudantes seguem os seus rumos, contudo encontrando-se num lugar comum: Lisboa. Tendo Eça de Queirós junto com Jaime Batalha Reis iniciado alguns serões no quarto deste último (Batalha Reis) na Travessa do Guarda-Mor, surge assim aquele grupo e ambiente que iria constituir o Cenáculo. Em Dezembro de 1867 já esse ponto de reunião servia de guarida a alguns dos elementos que formarão o núcleo original da «geração de 70»: Batalha Reis, Eça de Queirós, Salomão Saragga, Santos Valente. Com a chegada de Ramalho Ortigão a Lisboa vindo do Porto e com a chegada de Antero Quental vindo de Paris, em 1868, é que o Cenáculo se começa a manifestar publicamente através de dois importantes acontecimentos: a redação d’ *As Farpas* por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão e a iniciativa das Conferências Democráticas do Casino.

O Cenáculo programa as Conferências, a serem realizadas no Casino Lisbonense, com os seguintes intuitos: “Abrir uma tribuna onde tenham voz as ideias e os trabalhos que caracterizam este movimento do século, preocupando-nos sobretudo com a transformação social, moral e política dos povos; ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada; procurar adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam, na Europa; agitar na opinião pública as grandes questões da Filosofia e da Ciência moderna; estudar as condições da transformação política, económica e religiosa da sociedade portuguesa: Tal é o fim das Conferências democráticas.”<sup>22</sup>

O programa das Conferências foi redigido por Antero de Quental e assinado pelo mesmo, por Teófilo Braga, Eça de Queirós, Germano Vieira de Meireles, Manuel de Arriaga,

---

<sup>22</sup> Pires, *Antero de Quental. Prefácio e Antologia*, p. 129.

Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, J. P. Oliveira Martins e Salomão Saragga, previndo as seguintes conferências:

- “*O Espírito das Conferências*” por Antero de Quental;
- “*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*” por Antero de Quental;
- “*A Literatura Portuguesa*” por Augusto Soromenho;
- “*A Literatura Nova*<sup>23</sup>” por Eça de Queirós;
- “*O Ensino*” por Adolfo Coelho;
- “*Os Historiadores Críticos de Jesus*” por Salomão Saragga;
- “*O Socialismo*” por Batalha Reis;
- “*A República*” por Antero de Quental;
- “*A Instrução Primária*” por Adolfo Coelho;
- “*Dedução Passiva da Ideia Democrática*” por Augusto Fuschini.

Quando se desfolha um dicionário de literatura<sup>24</sup>, procurando a entrada sobre as conferências do Casino, pode-se encontrar os seguintes esclarecimentos sobre as ditas conferências: “A 22 de Maio, Antero de Quental faz a primeira conferência, a que chamou *O Espírito das Conferências*, e de que hoje nos restam apenas os relatos dos jornais contemporâneos. Era o desenvolvimento do programa contido no manifesto. Insistia-se na ignorância, indiferença e conseqüente repulsa dos portugueses pelas ideias novas, na missão que aos grandes espíritos incumbia de preparar as inteligências e as consciências para o progresso das sociedades e os resultados da ciência. Aduzia-se, de novo, o exemplo da restante Europa, e, de novo, se estigmatizava a vergonhosa excepção que Portugal constituía. O fulcro da discussão nas futuras conferências, anunciava o orador, seria a Revolução no que este conceito continha de mais nobre e elevado. E Antero terminava com um apelo a todas as almas de boa vontade, para que meditassem nos problemas que iam ser propostos, e nas possíveis soluções, embora contrárias aos princípios defendidos pelos conferencistas.

A segunda prelecção, realizada dias depois, exposta ainda por Antero: *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, publicada meses depois em opúsculo. As causas mencionadas eram três: o catolicismo posterior ao Concílio de Trento, que desvirtuara a essência do Cristianismo e atrofiara a consciência individual; a monarquia absoluta, que prendera as liberdades nacionais e embotara na cega submissão o carácter da raça ibérica; as conquistas ultramarinas, que tinham sugado as energias do país e criado hábitos funestos de ociosidade e grandeza. Para estes males, cujas conseqüências ainda então continuavam a

---

<sup>23</sup> Esta conferência seria designada como “*O Realismo como nova expressão de Arte*” tal como está presente em Salgado Júnior, *História das conferências do casino*.

<sup>24</sup> Lemos, *Dicionário de Literatura*.

fazer-se sentir, as soluções propostas eram: opôr ao catolicismo a consciência livre, a ciência, a filosofia, a crença na renovação da Humanidade; à monarquia centralizada a federação republicana, com larga democratização da vida municipal; à inércia industrial, a iniciativa do trabalho livre, sem interferência do Estado, e “organizado de forma a estabelecer a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a que pertence o futuro”. Antero terminava expondo o seu conceito de Revolução – acção pacífica –, e fechava com a síntese escandalosa: “O Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno”.

Augusto Soromenho falou em seguida sobre *Literatura Portuguesa*. Fez a negação sistemática dos valores literários nacionais – com excepção de Gil Vicente, Camões e poucos mais; fundado num etnicismo romântico, negava até a existência duma literatura portuguesa, uma vez que a actividade lusitana nesse ramo nunca fora expressão autêntica da vida nacional; os contemporâneos eram os mais vigorosamente atacados: poetas, romancistas, dramaturgos, homens da Imprensa. Mas, para modelo e guia duma renovação salvadora, Soromenho limitava-se a propor Chateaubriand; falava do Belo absoluto como ideal da Literatura e negava que esta fosse o retrato das sociedades; era-o sim da Humanidade em geral. A voz de Soromenho, professor do Curso Superior de Letras, homem de formação clássica, soou um pouco discordante, apesar do furor de crítica que o animava.

A quarta conferência – a de Eça de Queirós, sobre *A Literatura Nova (o Realismo como nova expressão de Arte)* contrasta em alguns pontos da exposição apresentada por Soromenho (o principal crontaste entre as duas conferências reside na teleologia da literatura) e era na verdade um grito de revolta contra as tradições literárias. Bem integrada no espírito revolucionário, a sua prelecção, que directamente se inspirava em Proudhon, chamava logo de início a atenção para a necessidade de operar na literatura a mesma revolução que se estava dando na política, na ciência, na vida social. Expunha depois a doutrina da arte como produto das sociedades, intimamente ligada ao progresso e decadência destas, e subordinada não já a puros factores individuais, mas a causas extrínsecas, isto é, a causas permanentes (o solo, a raça, o clima) e causas acidentais (as circunstâncias históricas). Entre as causas acidentais, a mais importante era sem dúvida a que Eça chamou «ideia-mãe» - o ideal duma sociedade; eis o que não faltava ao século XIX, mas que só havia pouco principiara a ser aproveitado em Literatura, pois muitos tinham-no ignorado ou atraído. À Revolução francesa, que inspirara tantos escritores (Eça insistia nos exemplos franceses), de Rabelais a Beaumarchais, até ser renegada e esquecida pela arte contra-revolucionária; seguia-se depois a crítica cerrada ao Romantismo, a Chateaubriand, ao

dessoramento aristocrático e à apoplexia plebeia dos românticos; verberava-se o terrível divórcio entre o artista e a sociedade; depois, Eça anunciava o princípio da reacção salutar que se estava dando contra a impostura oficializada: era o Realismo. Seguiu-se a definição apologética da nova escola, que estava longe de ser um mero processo formal, como alguns supunham: era a negação da arte pela arte, da retórica balofa, do passadismo; era a análise com vista à verdade absoluta, era a anatomia do carácter; e, dando um retrato do homem e da sociedade, o Realismo tocava os limites da moral; visava à justiça e à verdade, servia o ideal do seu tempo. Bela, justa, verdadeira, a obra de arte realista não podia nunca ser considerada imoral, como tantos criam. E Eça documentava-se com a *Madame de Bovary*, com os quadros de Courbet (como Proudhon já fizera), e acabava com um apelo para que a arte se salvasse pelo Realismo, condenação do vício, revalorização do trabalho e da virtude.

A quinta e última conferência fê-la Adolfo Coelho a 19 de Junho; chamou-lhe *A Questão do Ensino*, quando, passado tempo, a publicou em opúsculo. Menos avançada (ou mesmo polémica) que as de Antero e Eça, estava apenas, como a de Soromenho, numa pura posição de ataque às coisas portuguesas, e as soluções que apontava circunscreviam-se ainda a uma zona restrita da vida nacional. Depois de traçar o quadro desolador do ensino em Portugal através da História, Adolfo Coelho apontava como solução a separação completa de Igreja e Estado, e a mais ampla liberdade de consciência. E como, segundo o conferencista, a Igreja não fazia mais que deprimir o povo, e do Estado também nada havia a esperar, o único remédio era apelar para a iniciativa privada, esperando que ao menos esta se esforçasse por difundir o verdadeiro espírito científico – único verdadeiramente profícuo no ensino.

Ao terem sido atacados os ideais e a religião do estado, o governo através do Marquês d' Ávila e Bolama editou uma portaria, sendo essa portaria colocada na entrada do casino, quando se iniciaria a sexta conferência, *Os historiadores críticos de Jesus*, de Salomão Saragga. Em consequência desta portaria, Antero entregou nos jornais o seguinte protesto, o qual fora assinado pelo mesmo (Antero), Adolfo Coelho, Salomão Saragga, Batalha Reis: "Em nome da liberdade de pensamento, da liberdade de reunião, bases de todo o direito público, únicas garantias da justiça social, protestamos, ainda mais contristados que indignados, contra a portaria que mandou arbitrariamente fechar a sala das Conferências Democráticas. Apelamos para a opinião pública, para a consciência liberal do país, reservando-nos a plena liberdade de respondermos a este acto de brutal violência como nos mandar a nossa consciência de homens e cidadãos." Os protestos foram vãos; a proibição manteve-se, e nunca chegaram a realizar-se as outras conferências previstas: *O Socialismo*,



por Batalha Reis; *A República*, por Antero; *A Instrução Primária*, por Adolfo Coelho; e *A Dedução Positiva da Ideia Democrática*, por Augusto Fuschini.”

Embora o excerto da obra de Ester de Lemos seja enorme, esta (longa) citação é suficientemente explícita sobre as várias palestras e suas temáticas. No entanto, encaradas no seu conjunto, as «Conferências do Casino» representam, entre a classe académica portuguesa, a afirmação dum movimento de ideias, que contagiara os intelectuais portugueses através de livros vindos do estrangeiro. E, embora as prelecções de Soromenho e A. Coelho se tenham mantido alheias a este espírito revolucionário e apenas tenham marcado uma posição de ácido negativismo quanto às coisas portuguesas<sup>25</sup>, a verdade é que o espírito das Conferências do Casino foi este. Como Eça afirmava nas *Farpas*, «era a primeira vez que a Revolução sob a sua forma científica tinha em Portugal a sua tribuna».

### 2.1.3 Bibliografia

Neste terceiro sub-capítulo (e tal como o título indica) concentrar-me-ei no legado bibliográfico de Adolfo Coelho, dividindo este capítulo em três alíneas. Na primeira esboçarei em traços largos a faceta pedagógica de Adolfo Coelho. Segundo os mesmos traços irá, também, ser a segunda parte deste sub-capítulo, onde o trabalho etnográfico adolfiano tem lugar de expressão. Por último, será abordado os vários legados no campo da filologia.

#### I. F. Adolfo Coelho Pedagogo

Para dar uma ideia da intervenção de Adolfo Coelho no campo da Pedagogia, há a necessidade de ter em conta dois factos cruciais na vida de Adolfo Coelho: um, relativo ao seu período académico; o outro, incidente na sua experiência como professor e com a sua palestra no Casino Lisbonense.

Como já tivemos a oportunidade de observar nos capítulos anteriores, é do nosso conhecimento o mal-estar sentido por Adolfo Coelho na Universidade de Coimbra. Entregando-se a um autodidatismo disciplinado, Adolfo Coelho obtém, como foi já dito, vários cargos de docente. A sua reputação forma-se com a sua nomeação para director da Escola Preparatória Rodrigues Sampaio e o empreendimento pela criação de um Museu Pedagógico. Contudo, é da sua prelecção no Casino Lisbonense que lhe advém a maior parte da sua importância. Nessa prelecção, ele fará visíveis as deficiências do sistema educacional português. Sobre esse tema, Adolfo Coelho propõe-se analisar: “1º A necessidade e o fim do

---

<sup>25</sup> Existe, tal como é referido por António Carvalho da Silva na obra *Lembrar Adolfo Coelho*, uma (pequena) discussão, quanto à questão de Adolfo Coelho pertencer ou não à Geração de 70, uma vez não ter feito parte do núcleo duro da Questão Coimbrã e do Cenáculo.

ensino; / 2º As fórmulas do ensino; / 3º A matéria do ensino; / 4º A organização do ensino em Portugal; / 5º A natureza da reforma do ensino”<sup>26</sup>.

Adoptando uma postura socializante em relação ao Indivíduo<sup>27</sup>, Adolfo Coelho expõe que o objectivo do ensino é “levar o homem á concepção mais perfeita possível do seu destino”. Para tal meta ser atingida, Coelho comenta a existência de três formas educacionais, escolhendo a ciência como a forma por excelência de ensinar, em detrimento da arte (arte pela arte) e da religião<sup>28</sup>. Com tais afirmações, o conferencista torna-se alvo e motivo de polémica, dado o facto de que a defesa de um ensino laico e científico atacava não só a Religião, mas também o Estado aliado a ela (Religião).

A “totalidade dos ramos de conhecimento theoreticos e praticos” é a principal componente da matéria de ensino, fazendo explícito o facto de que o ensino em Portugal não é cultivado. Com o intuito de reformar o ensino é proposto o ensino de ornato, justificado desta forma: “O ensino d’ornato é o que tem unica e exclusivamente por fim mostrar o talento do professor, se elle o tem, revelar a sua completa ineptia, se elle apenas supõe tel-o.”<sup>29</sup> Aliando esta posição junto à defesa da cisão entre Igreja, Estado e a liberdade de consciência, as suas críticas (de Adolfo Coelho) causaram, segundo as opiniões de António Salgado Júnior e de Serafim da Silva Neto, tanta polémica, que levaram ao encerramento do Casino Lisbonense e à proibição da realização das restantes conferências planeadas. Opinião semelhante é expressa por Rogério Fernandes, a qual é retratada como “A sua campanha em defesa da regeneração do país, através da reforma da mentalidade e da difusão da educação.”<sup>30</sup>

Partindo de António Carvalho da Silva, há duas concepções fulcrais que patenteiam o ensino adolfiano: primeiro, existe a defesa da instrução popular (que seria por ele mesmo investigada); segundo, existe também a defesa de uma noção e crítica da cultura popular (esta designada por Adolfo Coelho como 'cultura dos analfabetos'). Para chegar a tal conclusão, António Carvalho da Silva auxilia-se de duas obras: *Para a História da Instrução em Portugal*<sup>31</sup> e *Cultura e Analfabetismo*<sup>32</sup>.

---

<sup>26</sup> Francisco Adolfo Coelho, *A Questão do Ensino (Conferencia publica feita no Casino Lisbonense em 17 de Junho de 1871)*, p. 1.

<sup>27</sup> “O homem carece d’um ensino que corresponda na sua complexidade á complexidade do estado social em que é obrigado a viver.” Júnior, *História das Conferências do Casino*, p. 61.

<sup>28</sup> “A arte, enquanto arte, não aspira ao ensino (...). A religião, (...) 'tende a organizar as suas concepções n’um systema dogmatico'. Finalmente a terceira: a sciência. Esta é a forma mais pura do ensino.” Júnior, *História das Conferências do Casino*, p. 64.

<sup>29</sup> Coelho, *A Questão do Ensino (Conferencia publica feita no Casino Lisbonense em 17 de Junho de 1871)*, p. 36.

<sup>30</sup> Fernandes, *As Ideias Pedagógicas de F. Adolfo Coelho*, p. 36.

<sup>31</sup> Fernandes, *Para a História da Instrução Popular*.

<sup>32</sup> Coelho, *Cultura e Analfabetismo*.

A primeira obra (*Para a História da Instrução em Portugal*) é um compêndio de três artigos adolfianos publicados na *Revista de Educação e Ensino* (1895) e, na opinião de Rogério Fernandes, estes textos “representam uma das mais valiosas contribuições de F. Adolfo Coelho para a ressurreição do passado da nossa instrução pública”<sup>33</sup>. O primeiro artigo (*Um amanhecer enublado*) reporta-se sobre os inícios da instrução popular. Adolfo Coelho pretende o alargamento da instrução a todos, com o intuito de acabar com o elitismo dos abastados. No mesmo texto, Adolfo objectiva essa intenção, ao apontar João de Barros como o iniciador da concepção da escola primária: “A primeira tentativa de organização pedagógica do ensino primário é a de João de Barros. O grande historiador tem por isso um lugar importante na história da educação nacional.”

No artigo seguinte (*Ler para ser Fidalgo*), Adolfo Coelho refere que “Causas diversas promoviam o desenvolvimento, ainda que modesto, do ensino popular no século XVI”.

Por fim, em *A Igreja e o Estado dispensadores do ABC* retiram-se já algumas conclusões sobre as ideias pedagógicas de Adolfo Coelho: Para além da defesa do alargamento da educação a todas as classes sociais, ele faz ainda a apologia do estudo da gramática portuguesa antes da iniciação à gramática latina. Na fundamentação das suas opiniões, Adolfo Coelho vai encontrar aliados em Luís António Verney e em João de Barros, conforme o que Rogério Fernandes<sup>34</sup> expõe: “Verney advoga a causa da instrução popular: é o primeiro a proclamar em Portugal a sua generalização.” E adianta-se: “Como Barros já fizera no século XVI, queria Verney que estudassem os elementos da gramática portuguesa, antes de se passar ao estudo do latim”<sup>35</sup>.

Vemos também neste artigo a apresentação da noção de cultura no quadro pedagógico adolfiano: “Em todo o caso estava dado o passo na instrução do povo, porque a admissão nas escolas criadas não dependia de condições de classe, e estava dado o primeiro passo, apesar do princípio, que terei ocasião de examinar, de que ler e escrever são instrumentos de que pode fazer-se bom ou mau uso e não constituem verdadeiros elementos de educação.”<sup>36</sup> Sobre este ponto explica António Carvalho da Silva na sua obra, que a ideia de alfabetização, patente em Adolfo Coelho, não é uma via de acesso directo à educação.

A cultura (a definição adolfiana do termo) será apresentada em *Cultura e Analfabetismo*, obra na qual há a defesa da existência de cultura no povo analfabeto. M. Viegas Guerreiro salienta na introdução à edição fac-similada da obra, que Adolfo Coelho

---

<sup>33</sup> Fernandes, *Para a História da Instrução Popular*, p. 45.

<sup>34</sup> Fernandes, *Para a História da Instrução Popular*, p.132.

<sup>35</sup> Fernandes, *Para a História da Instrução Popular*, p. 133.

<sup>36</sup> Fernandes, *Para a História da Instrução Popular*, p. 159.

deseja “provar que a cultura, no sentido que lhe atribui, não é privilégio de alfabetos e que nestes também há deficiências culturais, que a alfabetização, ler, escrever e contar, não resolve os graves problemas morais e intelectuais que afligem as nações.”<sup>37</sup> Está presente aqui a intenção de, por um lado, querer instruir o povo e, por outro lado, notar a capacidade de qualquer indivíduo poder criar cultura. E Viegas Guerreiro prolonga-se na sua redação: “Cultura é refinamento intelectual, com forte acento social. É boa formação de espírito, capacidade de tolerância e de compreensão, é uma alta visão do mundo e do bem agir nele.”<sup>38</sup> E conclui com estas palavras: “Não só as letras, a escola em toda a parte, no mundo criado pelo homem, material ou espiritual: (...) É-se culto sem saber ler e, em certas circunstâncias, o analfabeto afirma-se mais culto do que o letrado.”<sup>39</sup>

António Sérgio, no prefácio à edição original de *Cultura e Analfabetismo*, redige o seguinte: “Cremos que o principal obstáculo a que se difundam mais justas ideias sobre a educação é o preconceito de que a questão analfabetismo-alfabetismo é a essencial do problema. Nem Herculano, procurando fazer compreender há mais de setenta anos que ler e escrever não são instrução definitiva, mas um dos meios de a alcançar, nem o sr. Adolpho Coelho com os seus Estudos, parece terem abalado a superstição do Alfabeto entre as pessoas alfabetas da nossa terra.”<sup>40</sup>

Os dois artigos<sup>41</sup> de *Cultura e Analfabetismo* são mais uma acção de demonstração de que a alfabetização não é o mesmo que cultura, nem condição sine qua non. A alfabetização é só um caminho para a alcançar. Contudo, Adolfo Coelho é confrontado com os preconceitos: “A convicção de que o analfabetismo é em si um grande mal, que urge estirpar, como se ler, escrever e contar fossem o passaporte para o país da ciência, do patriotismo e de todas as outras virtudes, assim como da capacidade prática”<sup>42</sup>.

O papel de Adolfo Coelho enquanto pedagogo caracteriza-se pelo forte pendor para a crítica. Esta tem sempre como um fim teleológico (criticar para educar), comprovando-se na obra *A Ciência alemã e a ignorância portuguesa*. Adolfo explica-se desta forma: “Não vimos defender o sábio alemão, que não carece nem da nossa nem de outra defesa, mas unicamente começar a oferecer ao público, que é ignorante porque não o instruem, dados para que elle possa avaliar com conhecimento de causa os nossos homens e as nossas cousas no que diz

---

<sup>37</sup> Guerreiro, in: *Cultura e Analfabetismo*, p. XVII.

<sup>38</sup> Guerreiro, in: *Cultura e Analfabetismo*, p. XVIII.

<sup>39</sup> Guerreiro, in: *Cultura e Analfabetismo*, p. XX.

<sup>40</sup> Guerreiro, in: *Cultura e Analfabetismo*, p. XXII.

<sup>41</sup> A obra *Cultura e Analfabetismo* é constituída por “*A cultura mental no analfabetismo*” e por “*Atraso da cultura em não analfabetos*”.

<sup>42</sup> Guerreiro, in: *Cultura e Analfabetismo*, p. 12.

respeito á ciência”<sup>43</sup>. Sobre esta temática, opina Rogério Fernandes<sup>44</sup> de seguinte modo: “Adolfo Coelho colocava a educação e a instrução entre as condições do ressurgimento nacional. Não as confundia, entretanto, apenas com o combate ao analfabetismo. A alfabetização representava, no seu pensar, um factor de aculturação mas não cobria todas as necessidades do homem e da sociedade, nem podia fazer esquecer a cultura do analfabeto e a sua dignidade cívica e política”. Concluindo assim o seu discurso numa outra obra: “A mais alta finalidade do ensino e da educação seria, pois, suscitar no indivíduo a mais elevada tensão em direcção aos fins superiores da vida, a construção da personalidade através da reflexão intelectual, do afinamento da sensibilidade estética e do sentimento moral. A educação, processo concebido por Adolfo Coelho como essencialmente activo, visaria promover a cultura humana.”<sup>45</sup>

Em conclusão a este ponto do trabalho, podemos usar as palavras de Luís Saavedra Machado<sup>46</sup>: “A vastidão da cultura aliada ao domínio da história da instrução, ao conhecimento da teórica pedagógica em seus múltiplos e variados aspectos, ao estudo da entografia e da vida portuguesa, à experiência docente em graus e ramos diversos do ensino, à perscrutação, dilucidação e ponderação da problemática educacional durante muitos anos, - habilitou o Pedagogo a articular sábia e esclarecidamente a teoria com a prática, no campo das realizações pragmáticas. De facto, a análise minuciosa de tal feição da sua actividade revela forte coesão e coerência de ideias e actos, manifestadas na harmonização de planos e programas elaborados, com os ramos e graus de ensino a que se destinavam, na concordância dos princípios pedagógicos com a didáctica e a metodologia, tudo sòlidamente estruturado na compreensão da vida da criança e animado pelo altíssimo ideal de melhorar a condição do nosso ensino, de elevar o nosso nível cultural, e de revigorar o espírito nacional.”

## **II. F. Adolfo Coelho Etnógrafo**

Descorrendo-se da seguinte forma relativamente ao método etnográfico, Coelho pronuncia-se sobre o percurso a ser feito na análise das “fontes escritas” das tradições portuguesas de cariz popular: “(...) primeiro que tudo coligir factos, depois compará-los, depois classificá-los, para se chegar, por fim, à teoria.”<sup>47</sup> Compilando todo o material existente na imprensa nacional e comparando-o, num segundo momento, com documentos provenientes da literatura culta, forma-se, assim, o espírito pragmático e preciso do positivismo aliado ao metodicismo e a um temperamento organizado e seguro. Um programa

<sup>43</sup> Coelho, *A Ciência alemã e a ignorância portuguesa (nº1, Hübner versus Levy)*, p. 16.

<sup>44</sup> Fernandes, *O Pensamento Pedagógico em Portugal*, p. 122/ 123.

<sup>45</sup> Fernandes, *As Ideias Pedagógicas de F. Adolfo Coelho*, p. 539/ 540.

<sup>46</sup> Machado, *Adolfo Coelho e o seu labor pedagógico*, in: *Biblos*, p. 472.

<sup>47</sup> Coelho, *Etnografia Portuguesa – Costumes e Crenças Populares*.

para todos aqueles que quisessem envolver-se cientificamente na temática do folclore lusitano (ele mesmo, Adolfo Coelho, incluído). Adolfo Coelho, anos mais tarde, expõe a sua opinião sobre o campo de estudo etnográfico<sup>48</sup>: “O estudo das tradições é vasto e complexo. Não se trata de nele coligir poesias, lendas, contos, provérbios, enigmas (que constituem a literatura popular), superstições, crenças religiosas, de descrever e reproduzir gráficamente as danças, os vestidos, as habitações, a música, a pintura, a escultura, a linguagem, os gestos, os símbolos gráficos; é necessário também estudar as indústrias do povo no que elas têm de tradicional, os conceitos não supersticiosos sobre a natureza; o homem, a sociedade, enfim, o saber popular com todas as suas ramificações, justificando a expressão com que os ingleses designam o «Folk-lore»”. Ou seja, estudar a vida do povo no que diz respeito a todos os aspectos sociais em que interage.

Assente nesta definição, ele parte para uma pesquisa mais aprofundada, repartindo-se pela leitura de várias obras de diversos autores, concluindo em uma divisão quadrangular do pesquisar folclórico<sup>49</sup>. A saber, o primeiro ângulo investigador consiste no simples recolher de dados, colecção essa que poderá ser interpretada. Ele (Adolfo Coelho) define-a como algo “que está ao alcance de toda a gente”, sendo o mais indicado a quem falta erudição ou espírito crítico. Segundo a sua avaliação, um renomeado etnógrafo português, Tomás Pires, insere-se dentro deste modelo, no qual é imperioso ter “probidade, tacto, talento de observação, que nem todos possuem”. A este estágio dá-lhe o nome de Descritivo.

Ao patamar descritivo antagoniza-se o estágio Comparativo. Nesta etapa, expõe, é possível identificar um paralelismo entre a tradição de um mesmo povo e entre a tradição de diferentes povos, independentemente de ser no passado ou no presente. Para este tipo de trabalho é requerida erudição, o conhecimento de línguas (quanto maior a quantidade de línguas, melhor a qualidade do trabalho efectuado), para além de uma boa capacidade de memorização. Adolfo Coelho chama também a atenção para o facto de que, se os paralelos não forem feitos em globo, todavia remetendo-se a particularidades, é imposição do consciente espírito científico procurar as razões das diferenças e solucionar os problemas dos graus seguintes. Condição sine qua non para este nível é a posse de “uma boa biblioteca suficientemente rica em obras da especialidade e acrescida de recursos particulares”.

O terceiro estágio indicado por Adolfo Coelho para o estudo de documentos populares, é o estágio Histórico. Aqui é exigido o seguinte ao aspirante a folclorista: “Respeitará à origem étnica da tradição, à sua migração e, se as houver, às transformações por que passou”. Isto aplicando-se quer no tempo, quer na componente espacial. Este nível, “Oferece já graves

---

<sup>48</sup> Coelho, *Tradições Populares Portuguesas: Caprificação*.

<sup>49</sup> Exposto na *Revista de Ciências Naturais e Sociais* de 1896.

dificuldades de que são prova, por exemplo, as discussões sobre a origem, ou antes as origens dos contos populares.” E adianta, dirigindo-se a aqueles que poderiam seguir tal estudo: “Ainda que se tenha conseguido demonstrar que tal conto é de origem búdica ou assíria, egípcia ou grega, ou remonta ao passado selvagem do homem europeu, fica ainda por resolver a questão de como ele se originou.”

Terminando num apogeu, o estudo etnográfico ver-se-á inserido no estágio Genético, no qual são indagadas as hipóteses para a gênese de tal ou tal tradição. Aqui existe a filiação desta área do saber, por parte de Adolfo Coelho, à psicologia aplicada, dependendo este patamar do progresso e da vulgarização dessa ciência (psicologia aplicada) entre os folcloristas. Baseando-se em Wundt, ele eleva mesmo os estudos folclóricos e etnográficos à categoria de ciência, colocando no centro de estudo dessa mesma (ciência) a linguagem, o mito, a religião, a arte e o costume. Entrelaçando este estágio último com os investigadores portugueses, o autor refere-se também à falta de maturidade dos investigadores portugueses: “Os nossos folcloristas são, em regra, fraquíssimos na parte comparativa sendo até recomendável aos que não possam conhecer bem e aproveitar os trabalhos capitais que interessam ao assunto limitarem-se a coligir os factos de casa.”<sup>50</sup> Alongando a sua opinião, ele chega mesmo ao ponto de escrever que em Portugal não são compreendidos os que trabalham, vendo sempre com desgosto a incompreensão dos poderes públicos, em relação aos esforços dos bem intencionados.

Não querendo fugir ao assunto principal, a projecção de Adolfo Coelho no recolher das tradições populares iniciara-se aos 17 anos de idade, facto este que pode ser entendido através de uma confissão sua na *Revista de Etnologia e de Glotologia*<sup>51</sup>: “A maior parte das notas que constituem esta matéria foram coligidas de 1864 a 1875”. Ao longo de alguns anos de labor sem o contacto com as questões folclóricas, Coelho prossegue as suas investigações tanto no campo literário como no da tradição oral, almejando “traçar um quadro geral de crenças e costumes do povo português, ou, se se quer empregar uma expressão mais pomposa, da mitologia portuguesa”.

Em 1874, na segunda parte da *Romania*<sup>52</sup> é apresentado um artigo de sua autoria, constando de dois romances sacros: “Noite de Natal” e “Morte de Jesus”. É a partir dessa altura que já começa a ensaiar as suas qualidades de crítico. Depois da recolha de quatro

---

<sup>50</sup> *Revista de Ciências Naturais e Sociais*.

<sup>51</sup> *Revista de Etnologia e de Glotologia* (Revista criada e editada sob a sua direcção).

<sup>52</sup> Coelho, F. A. (1873-75), *Bibliografia crítica de Historia e Litteratura publicada por...*, Porto: Imprensa Litterario-Commercial.

amostras de romances minhotos<sup>53</sup>, seguidos de um punhado de orações, de ensalmos e de cantos, o espólio material adolfiano não escapa aos olhos do próprio Teófilo Braga, que chegará mesmo a registá-la como uma das suas fontes de consulta para a edição do *Romanceiro Geral Português*.

Em princípios de 1875, no lançamento do *Cenáculo – Revista contemporânea de Liteatura Portuguesa*<sup>54</sup> é publicado no primeiro volume um estudo crítico (este ainda datado de 1874) da sua autoria sobre a conhecida novela “Belfegor” ou “Belfagor”, atribuída a Machiavelli. Segue-se um artigo de apreciação de Pitré e da sua obra *Colecção de Contos Populares Sicilianos*: “O colector não se preocupou com a ideia de achar relações de dependência das versões literárias para com as populares, ou vice-versa, todavia há nesse campo, matéria para estudos de muito interesse e importância”. Ao colocar Pitré nos dois primeiros dos estádios atrás mencionados (o nível Comparativo), recomenda-lhe de modo a chegar aos restantes níveis “nada mais do que prosseguir nestes paralelos entre os contos populares sicilianos e os contos populares das outras nações da Europa, nos paralelos entre esses contos e os orientais!...”

Em meados de 1878 surgem *Materiaes para o estudo das origens e transmissão dos contos populares, Notas Mithologicas e A Morte e o Inverno*<sup>55</sup>. Quanto ao primeiro artigo, não desvalorizando o conteúdo perante tão imponente título, há a realçar a defesa do método analítico, embora peque pela sua limitação: “O trabalho de conjunto é muito difícil, por enquanto, para não dizer impossível.” Resguardando-se com muita prudência, estudar-se-ia cada conto de forma isolada e nas suas múltiplas relações e modificações, resultando desse estudo comparativo a forma primitiva, a história e a significação do conto. Coelho aconselha do mesmo modo insistente: “Eis o que manda fazer o sã e positivo método de ciência. Todo o trabalho em que este método não for seguido, seja qual for o talento e a erudição do autor, pecará pela base.” Adolfo Coelho também alude à importância histórica e psicológica do conto popular e, no caso da explicação das suas origens existir a necessidade de recorrer ao mito, comenta “que o mitógrafo procedesse como o linguista”.

---

<sup>53</sup> Todos os romances foram desentranhados das tradições populares minhotas, dado o abandono feito por colegas de trabalho dessa região nortenha.

<sup>54</sup> Redigido por Figueiredo, C. de (1875), *O Cenáculo – Revista contemporânea de Liteatura Portuguesa*, I, n.º 3 e 7, Lisboa.

<sup>55</sup> *Materiaes para o estudo das origens e transmissão dos contos populares* foi publicado na revista *O Positivismo*, I [artigo incompleto] ao passo que *Notas Mithologicas e A Morte e o Inverno* foram publicadas na revista *Renascença*, I [fascículos datados de 1-III-1878 e 26-XI-1877, respectivamente].



No ano de 1879 é publicado na *Zeitschrift für Romanische Philologie* um artigo intitulado *Romances populares e rimas infantis portuguezes*<sup>56</sup>, no qual são apresentados nove amostras de cantares novelescos dos principais ciclos dos romances peninsulares, junto com romances sacros. Todos os materiais apresentados neste artigo são, para além de possuírem uma organização arbitrária, completamente desprovidos de uma interpretação de qualquer tipo.

Por volta de 1884 é entregue ao público o *Les ciganos*, fruto de uma palestra efectuada por M. P. Bataillard no Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas e texto-piloto do grande trabalho etnológico *Os ciganos de Portugal com um estudo sobre o calão*<sup>57</sup>. Este último recebe, por vezes, a categorização de curioso, devido ao facto de haver um cariz etnográfico e linguístico no opúsculo, adjuntando-se a alusão a crenças e tradições desse mesmo povo. Uma curiosidade é a contribuição de Tomás Pires com exemplos relativos aos ciganos residentes no Alentejo.

Indiciando cada vez mais a junção entre o folclorista e o pedagogo, é realizado em 1896 a Exposição Etnográfica Portuguesa, cujo programa se mostra arrojado etnograficamente e reclama, ao mesmo tempo, um modelo vivo que espelhasse cada região: a presença de objectos próprios de certos misteres, trajes adequados, esboços de habitações rústicas, etc.

A actividade de Adolfo Coelho, enquanto folclorista, resume-se a cinco artigos basilares publicados entre 1896 e 1912. A saber: *Tradições Populares Portuguesas*<sup>58</sup>, *A Morte e o Inverno*<sup>59</sup>, *De Algumas Tradições Populares a Propósito de Estantígia*<sup>60</sup>, *Estudo das Tradições Populares*<sup>61</sup> e *Etnografia Portuguesa*<sup>62</sup>.

### **III.F. Adolfo Coelho Filólogo**

Glótica. Glotologia. Estes termos soam algo estranhos num primeiro momento, mas depressa apercebe-se o seu sentido quando comparada a sua definição com a definição do termo Linguística, não só designando os estudos da linguagem humana, mas também estabelecendo uma clara distinção da Filologia<sup>63</sup>.

---

<sup>56</sup> Coelho, F. A., *Romances populares e rimas infantis portuguezes*, in: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, III.

<sup>57</sup> Este trabalho fora inserido inicialmente na *Revista Lusitana*, I, 1887 e só mais tarde publicado em separata. Coelho, F. A. (1892), *Os ciganos de Portugal com um estudo sobre o calão*, Lisboa: Imprensa Nacional.

<sup>58</sup> Coelho, *Tradições Populares Portuguesas*, in: *Revista de Ciências Naturais e Sociais*.

<sup>59</sup> Coelho, F. A. (1899), *Morte e o Inverno*, in: *A Tradição*, I, 33.

<sup>60</sup> Coelho, *De Algumas Tradições Populares a Propósito de Estantígia*, in: *Revue Hispanique*.

<sup>61</sup> Coelho, *Estudo das Tradições Populares*, in: *Revista Lusitana*, XV.

<sup>62</sup> Coelho, *Etnografia Portuguesa*, in: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*.

<sup>63</sup> Esta denominação fora proposta por Adolfo Coelho, tendo aparecido pela primeira vez na obra *A língua portuguesa* em 1868. Carvalho da Silva, relativamente ao termo glotologia, remete para Vasconcelos, J. Leite de (1959), *Lições de filologia portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 3ª edição.

No prefácio d' *A Língua Portuguesa*<sup>64</sup> procura-se desenvolver uma discussão em torno da filologia (sua) contemporânea. Nessa discussão traça-se delineadamente como deve ser, na sua opinião, o estudo da gramática. Ele diz o que entende por gramática e distingue, dentro da mesma matéria de estudo, o campo sincrónico (embora não esteja explicitamente expresso) do estudo diacrónico da língua portuguesa (etimologia)<sup>65</sup>: “O livro que hoje publicamos é o primeiro d'uma serie de trabalhos que empreendemos sobre a lingua portugueza, trabalhos que devem comprehender a totalidade das questões que ella suscita.

Dois são os objectos que nelle temos em vista – a grammatica e os princípios da etymologia portugueza; mas o principal é a grammatica, isto é, o estudo do organismo da lingua nos seus elementos – os sons, as formas e o conjuncto de processos por que as palavras se unem em orações simples e as orações simples em orações compostas, a syntaxe. Phonologia, morphologia, syntaxe são portanto as tres partes da grammatica, e a ellas correspondem tres divisões em o nosso livro, ás quaes se junta uma outra sobre etymologia, ou estudo das origens das palavras e suas modificações no som e significação”.

Através desta percepção da ciência da linguagem e baseando-se em “trabalhos que na Alemanha, Inglaterra e França, (...), fundara a glottica, ou sciencia da linguagem”, ele retrata o facto da filologia portuguesa ser “completamente alheia aos progressos que a sciencia da linguagem, a glottica, para usarmos a melhor das denominações que lhe têm sido dadas, tinha realizado em as nações que outro tempo acompanhámos no seu desenvolvimento intelectual”.<sup>66</sup> E em outro opúsculo<sup>67</sup> esclarece<sup>68</sup>:

“Não é nosso fim traçar aqui a historia da sciencia da linguagem, (...); o nosso escrito, o titulo o indica, pretende apenas fazer notar a importancia d'uma lacuna em a nossa instrucção publica, a falta de ensino d'essa sciencia.”

Ao apresentar a *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*<sup>69</sup> como um estudo de gramática comparativa, tendo como modelo a obra de F. Bopp *Sistema de Conjugação do Sânscrito*, Coelho afirma que:<sup>70</sup> “Esse livro fundava uma nova sciencia, a grammatica comparativa, e com ella o methodo de todo o estudo scientifico da linguagem”. No posfácio da mesma obra, por entre críticas aos incentivos governamentais à Biblioteca Nacional e na alternância das expressões “sciencia das linguas” e “sciencia da linguagem”, Coelho indaga,

---

<sup>64</sup> Coelho, *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*.

<sup>65</sup> Coelho, *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*, p. III.

<sup>66</sup> Coelho, *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*, p. VII.

<sup>67</sup> Coelho, F. A. (1870), *Sobre a necessidade da introdução do ensino da glottica em Portugal*, Lisboa: Typ. Lallement Frères.

<sup>68</sup> Coelho, *Sobre a necessidade da introdução do ensino da glottica em Portugal*, p. 10.

<sup>69</sup> F. Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação em latim e portuguez*.

<sup>70</sup> Coelho, *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, p. 3.

se devemos ver no objecto da linguística a língua (enquanto manifestação particular da linguagem) ou se, pelo contrário, devemos entender que “a linguagem é o objecto total e único da linguística e que esta ciência apenas se propõe analisá-la cientificamente”<sup>71</sup>.

É precisamente neste contexto que surge a noção de Língua para Adolfo Coelho:<sup>72</sup> “A linguagem não é um sêr vivo, um organismo, (...): é um produto ou antes uma fôrma de actividade psychica do homem na sociedade, como o direito, a poesia, a religião, sujeito como essas outras manifestações a uma evolução puramente historica e não mais dependentes que ellas das condições naturaes”. Junto com esta definição de língua, entendida como um fenómeno evolutivo, Adolfo Coelho contribui mais para a polémica:<sup>73</sup> “Costumado a ver na linguagem uma coisa essencialmente móvel, donde, dentro de certos limites impostos pelo Tipo de cada língua especial e por leis, que não criam nem os gramáticos nem os puristas, mas que dimanam da natureza mesma da linguagem, rio-me tanto do dogmatismo dos gramáticos, como de qualquer outro dogmatismo”.

Retomando a tentativa de cisão entre “a philologia e a glottologia”, Coelho explana a sua definição de filologia em *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes*:<sup>74</sup> “Philologia propriamente dicta é o conjuncto de conhecimentos que se referem á litteratura d’um ou mais povos e á lingua que serve de instrumento a essa litteratura, considerados principalmente como a mais completa manifestação do espirito d’esse povo ou d’esses povos”. Esclarecido este aspecto, aplica-o agora ao panorama português:<sup>75</sup> “Por philologia portugueza deve pois entender-se o estudo dos monumentos litterarios da lingua portugueza sob todos os pontos de vista”.

À filologia (ou mais especificamente, à noção de filologia) contrapõe ele a glotologia, referindo:<sup>76</sup> “A linguistica, ou glottica, a que tambem se chamou philologia comparada, é o estudo scientifico das linguas. A glottologia (empregaremos de preferencia esta denominação) não tem por fim o estudo práctico das linguas para as fallar ou escrever, nem o estudo das linguas como meio para o estudo das litteraturas: a glottologia estuda as linguas por elas mesmas”. A partir desta afirmação podemos afirmar que o objectivo de Adolfo Coelho é o nomear da língua como objecto único e específico de estudo, almejando conhecer a sua

<sup>71</sup> Collado, *Fundamentos de Linguística Geral*, p. 14.

<sup>72</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, p. 14/ 15.

<sup>73</sup> A citação provém originalmente de Coelho, *Algumas observações acerca do Diccionario Bibliografico Portuguez e seu autor* e fora citada em Fernandes, *F. Adolfo Coelho. Para a história da instrução popular*, p. 41.

<sup>74</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, p. 1.

<sup>75</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, p. 2.

<sup>76</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, p. 3.

organização interna e explicar o seu funcionamento. Assim, Adolfo Coelho atribui a origem desta ciência a estudiosos gremânicos:<sup>77</sup> “A moderna glottica é principalmente uma sciencia allemã; foi na Allemanha que nasceu, é lá que a maior parte dos trabalhos de que é objecto ou em que se applica, teem sido feitos”.

Alicerçando-se principalmente nos trabalhos de Bopp e Diez, *A Língua Portuguesa*<sup>78</sup> (a primeira obra de Adolfo Coelho) apresentava os novos métodos de filologia de então, como refere Queiroz Veloso<sup>79</sup>: “Em 1868, com vinte e um anos apenas, publicava, em Coimbra, *A Língua Portuguesa. Fonologia, Etimologia, Morfologia e Sintaxe*, o primeiro trabalho que em Portugal aparecia sobre o estudo comparativo das línguas românicas”. Este fora o primeiro de vários trabalhos tendo por base o comparativismo. Em *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, o próprio autor claramente escreve:<sup>80</sup> “É a primeira tentativa de applicação methodica dos principios da grammatica comparativa indogermanica a uma lingua romanica”.

Com o intuito de divulgar e aplicar ao português os processos de Diez, Adolfo Coelho publica mais outra obra, *Questões da Língua Portuguesa*, na qual, para além de traçar o evolutivo percurso histórico e fonético da língua portuguesa, apresenta também investigações contrastivas entre o latim e a língua lusa. Essa preocupação com o estudo da origem da língua portuguesa é justificada com o princípio da compreensão global da língua nos planos sincrónico e diacrónico:<sup>81</sup> “Do nosso estudo, estamos certos, adquirir-se-ha a convicção de quanto se ganha acompanhando o estudo das formas das linguas modernas com o estudo das formas das linguas antigas de que ellas proveem; (...). O principio da vida da linguagem comprehende-se melhor por essa vida ser considerada n’um muito largo espaço de tempo”.

Na primeira secção do *Curso de litteratura nacional*, Coelho volta a separar filologia de glotologia, apresentando a gramática histórica e comparativa e, por último, explica as alterações das línguas a nível do léxico, fonética, morfologia e sintaxe. E ele faz tal para demonstrar que:<sup>82</sup> “O compendio que publicamos foi escripto com a intenção de acudir ás necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita á historia da lingua materna e de dissipar um certo numero de opiniões erroneas que infelizmente ainda se professam, por escripto ou verbalmente, com uma certa apparencia de auctoridade”.

---

<sup>77</sup> Coelho, *Questões da lingua portugueza. Primeira parte – preliminares – o léxico – o consonantismo*, p. 17.

<sup>78</sup> Coelho, *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*.

<sup>79</sup> Queiroz Veloso, in: *Revista da Faculdade de Letras*, pág. 16.

<sup>80</sup> Coelho, *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, p. 5.

<sup>81</sup> Coelho, *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, p. 6.

<sup>82</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, p. V.

É neste opúsculo que Adolfo Coelho apresenta um conjunto de regras da evolução dos sons vindos do latim para o português, estas expostas em *A Língua Portuguesa*.<sup>83</sup> “1ª Regra geral: as consoantes iniciais resistem com grande tenacidade á alteração phonetica; muito raramente são representadas pelas brandas [sonoras] respectivas.

2ª regra geral: as explosivas [oclusivas] asperas ou tenues [surdas] (*c,t,p*), quando mediaes, descem ás brandas medias (*g,d,b*).

3ª regra geral: as explosivas brandas ou medias (*g,d,b*) podem ser syncopadas, mas a syncope attinge mais *d* que *g* e *b* (...)”.

No campo da dialectologia é Adolfo Coelho, junto com José Leite de Vasconcelos, um dos iniciadores dos estudos dialectais em Portugal. Embora José Leite de Vasconcelos faça referência a Adolfo Coelho na 1ª obra de dialectologia portuguesa, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, ele mesmo (Leite de Vasconcelos) não deixa de fazer um reparo ao seu (Adolfo Coelho) trabalho dialectal:<sup>84</sup> “Dans les travaux de M. Adolfo Coelho, publiés depuis de 1868, et qui se rattachent à l'école de Diez, on trouve de temps à autre des faits dialectologiques; mais il n'existe aucun travail de cet auteur consacré exclusivement aux dialectes du continent; il y a toutefois dans son livre *A língua portuguesa*, Porto, 1887, p.134, une légère allusion au sujet”.

Esta é a citada alusão:<sup>85</sup> “No dominio portuguez propriamente dicto, já no território continental europeu, já nos territorios que as conquistas e descobrimentos nos trouxeram, não se falla uma lingua unitaria, mas notam-se ao contrario variedades dialectaes”.

É também de valor mencionar a base teórica de caracterização dos crioulos<sup>8687</sup>: “(...) enunciada em 1881 por Adolfo Coelho nestes dois princípios:

1º - Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.

2º - Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem a acção de leis psicológicas ou fisiológicas por toda a parte as mesmas e não a influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos”.

Aproveitando o campo da filologia, deve-se referir também o papel desempenhado pela *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*<sup>88</sup> no contexto pedagógico-linguístico de

<sup>83</sup> Coelho, *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*, p. 96.

<sup>84</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 60.

<sup>85</sup> Coelho, *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portuguesa. Noções de Glottologia geral especial portuguesa*, p. 134.

<sup>86</sup> Este ponto, os trabalhos adolfianos sobre os crioulos, será explorado no sub-ponto 2.2.

<sup>87</sup> Cunha, *O protocrioulo português e sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII*, p. 39.

Adolfo Coelho. Tendo esta gramática a componente científica do estudo da língua portuguesa, Adolfo Coelho intende trabalhar todos os ramos da análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica). Posicionando-se para uma orientação mais descritiva da língua portuguesa, não perdendo de vista o intuito de ensinar (o subtítulo indica como destinatários os alunos frequentadores do ensino primário e dos liceus), esta obra ocupa-se da apresentação das regras gramaticais da língua e seus princípios linguísticos. Através de um método indutivo e comparativo, o texto seria somente um auxílio na explicitação dos conhecimentos da língua, procurando abordar as principais áreas da linguística. Só o estudo analítico da semântica é rejeitado com a justificação de que a semântica não estava sistematicamente organizada, sendo ainda necessário determinar quais as leis que marcam a transformação do significado das palavras.

Os outros contributos de Adolfo Coelho dentro da Filologia abordam a temática das línguas crioulas, ou como ele mesmo as designa “dialectos ultra-marinos crioulos”. Sobre esse assunto ocupar-nos-emos num capítulo mais adiante, no qual faremos uma abordagem crítica aos três artigos por ele redigidos.

## **2.2 Hugo Schuchardt**

Hugo Schuchardt nasceu em Gotha no dia quatro de Fevereiro de 1842, filho de um advogado e notário ducal, Ernst Julius Schuchardt, e de uma dama da corte da Duquesa regente, Malvina von Bridel-Brideri.

Aprendendo francês com sua mãe, Schuchardt, na idade de sete anos, já se ocupava com a gramática grega, árabe. A língua basca aprendeu mais tarde por sua própria conta. A sua educação estava a cargo de um professor privado, que também lhe ensinava outras línguas. Com dezassete anos já passa no exame de admissão à universidade no Gymnasium Ernestinum de Gotha. O pai impelia-lhe para o estudo de Direito, contudo, após um ano (no semestre de Verão em 1860), muda a orientação académica para a filologia clássica; estudos esses efectuados nas universidades de Bona e de Jena. Em Jena foi aluno de Kuno Fischer e de August Schleicher. Transferindo-se para Bona em 1861, teve aí aulas com Friedrich Ritschl, Otto Jahn e Anton Heinrich Springer.

Aquando de uma visita a Trier, fascina-se pelas antigas inscrições latinas e cristãs dos monumentos a tal ponto de ser esse o tema da sua dissertação. Em 1864 é doutorado na universidade de Bona com “De sermonis romani plebei vocalibus”, estudo apadrinhado por Ritschl e por Friedrich Diez. Entre 1866 e 1868 publica a obra “Der Vokalismus des Vulgärlateins” em três tomos. Nesse período estabelece-se em Genebra por oito meses, onde

---

<sup>88</sup> Coelho, *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*.

trava conhecimento com Gaston Paris. Para desenvolver os seus conhecimentos de francês e italiano, concretamente a nível dialetal, Schuchardt empreende uma longa viagem de estudos.

Em 1870 especializa-se em Leipzig com a tese “Über einige Fälle bedingten Lautwandels im Churwälischen”, no qual ele pesquisa e analisa os diversos dialectos suíços.

Na sua aula de apresentação aborda a temática “Die Klassifikation der romanischen Mundarten”, apontando para a existência de limites correntes da linguagem e expondo com essa posição uma opinião contrária à das correntes de ensino da altura. Nessa mesma aula, Schuchardt afirmara a impossibilidade de classificação absolutamente científica dos dialetos neo-latinos.

Em 1873 assume o cargo de Professor Catedrático para a filologia românica em Halle. Desiludido com o espírito anti-liberal da Prússia, que, após a unificação da Alemanha, a considerava como um modelo de sociedade sem futuro, aceita em 1876 o cargo homólogo na Universidade de Graz.

Um ano mais tarde é co-fundador da Fundação Diez, junto com Mommsen, Gröber, Tobler, Ascoli, Paris, Demattio, Miklosich, Mussafia, entre outros.

Viaja e faz uma estadia de 6 meses em Espanha (principalmente em Sevilha) no ano 1879, publicando dois anos mais tarde um estudo sobre *Los Cantes Flamengos*. Este extenso artigo assenta as primeiras bases de uma revolução do entendimento sobre o flamenco. Todavia, esta revolução não se repercutiu na comunidade andaluza, pois o artigo fora redigido na língua germânica.

Para a instituição da Crioulística enquanto ciência, a década de 80 foi muito importante com: *Kreolische Studien I - IX* (publicados entre 1882 e 1890); *Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch I - VI*, apresentados entre 1888 e 1889; e, finalmente, pelos *Beiträge des englischen Kreolisch I - III* (1888 - 1891). Sobre este assunto escreve Leo Spitzer (1922) na obra *Hugo-Schuchardt-Brevier* que: “Er studierte die Sprachmischung während eines Jahrzehnts an den Kreolischen Mundarten der überseeischen Romania, dem Malaiospanischen, Aramitofranzösisch, Negerportugiesisch etc. und erwies die Bedeutung des ethnischen Substrats für Laut & innere Sprachform.“

Em 1884 insere-se no tema do contacto linguístico com o ensaio *Slawo-Deutsches und Slawo-Italienisches*, obra que dedica a Franz von Miklosich. Spitzer acerca desta obra comenta: “In der Schrift Slavodeutsches und Slavoitalienisches (1884) verweist er als der Erste auf das Problem der vorromanischen Wortschatzes, das die heutige Forschung so lebhaft beschäftigt.”

O opúsculo *Über die Lautgesetze* (1885) abre as hostilidades de uma querela entre o autor e os neo-gramáticos, onde Schuchardt demonstra a interferência linguística das várias línguas, como resposta às afirmações e teorias de pureza e descontacto linguístico dos “Junggrammatiker”. Nele (opúsculo), Hugo Schuchardt afirma que uma lei fonética é descrita como um processo, com graduações de input, condicionais e lexicais. Ele parte do princípio de que uma lei fonética funciona regularmente. E sobre a regularidade, ele aborda o tema e questiona-se se a regularidade não é algo de evidente, algo que, por definição, soa como uma lei fonética. Assim, Schuchardt procura um esclarecimento na analogia (fonética).

A visão neo gramática torna-se alvo de debate, devido à percepção da língua como um organismo natural; visão que se encontra em Schleicher. Para Schuchardt, a língua é tida como um produto totalmente social, à qual acrescenta (Spitzer, 1922): “Die räumliche und zeitliche Relativität der Lautgesetze ist nicht eine einfache, sondern eine komplizierte.” E ainda: “Jedes Individuum lernt und modifiziert seine Sprache in Verkehr mit einer Reihe von anderen Individuen.”

Dois anos mais tarde estabelece-se por quatro meses em Sare, local na parte francesa do país basco. Essa estadia traria frutos, quer para Schuchardt com a publicação de *Baskische Studien I* (1893), quer para a linguística basca, da qual ele lançou a primeira pedra.

Em 1888 inicia uma série de publicações, tendo por tema a problemática das línguas do mundo; dessas destaca-se a primeira *Auf Anlaß des Volapüks*.

A problemática envolvendo a língua basca leva Schuchardt a aplicar-se ao estudo do Ibero, do Berbére e das línguas africanas e caucásias. Desse esforço surge a obra *Über den passiven Charakter des Transitivs in den kaukasischen Sprachen* (1895). Até à sua reforma, Schuchardt publica ainda duas obras de vulto, nomeadamente *Romanische Etymologien I* (1897) e II (1899).

Frequentemente adoentado, entra para a reforma em 1900. As doenças de Schuchardt eram supostamente de natureza psico-somática. O ensino fora para ele um “immer wieder gefürchtetes Martyrium”; somente quando se restringe à realização de pequenos “Seminare” é que ele encontra a sua libertação. Por muitos anos exercia as suas aulas em casa, muitas das quais deitado na cama. Enquanto pesquisador, Schuchardt tem a fama de ser assistemático, porém muito excitante, quer no modo como expõe as matérias, quer na vontade de pesquisa.

Porém, a reforma não lhe prejudica; nem a ele nem aos seus trabalhos. Antes pelo contrário, com o tempo livre agora obtido, Schuchardt viajou e viveu por certos períodos de tempo: no Sul da Itália (em 1901, por sete meses), no Egipto (em 1903, por quatro meses) e na Escandinávia (em 1904, por quatro meses). Estas duas últimas viagens marcam o início da



pesquisa sobre a palavra-coisa (Egipto) e a recolha de material para esse mesmo empreendimento (Escandinávia).

Em 1905 escreve Schuchardt em memória de Adolf Mussafia uma obra de laudatio ao mesmo (*An Adolf Mussafia*). Schuchardt continuou a viajar, desta feita no ano 1906 pelo sul de França, Barcelona e Valência. Nesse mesmo ano, muda de residência em Graz, passando a habitar a moradia em Johann-Fux-Gasse, 30.

Um ano mais tarde publica *Die iberische Deklination*, à qual se segue em 1908 *Berberische Studien I, II*. Schuchardt inicia também uma série de estudos de cariz linguístico-filosófico com *Sprachverwandtschaft* (1917), à qual se segue *Sprachursprung I, II* dois anos mais tarde.

Leo Spitzer, aquando do seu octogésimo aniversário (1922), publica o *Hugo-Schuchardt-Brevier* e o sub-intitula de *Vademecum der allgmeinwissenschaft*.

O término da sua carreira científica dá-se em 1925 com a publicação de *Das Baskische und die Sprachwissenschaft*, falecendo a vinte e um de abril de 1927 na sua moradia em Graz.

Ele abriu à lingüística os conhecimentos da sociologia, com destaque para a pesquisa das fronteiras da linguagem e mistura<sup>89</sup> linguística. É através dos crioulos, do malaio-espanhol, do alemão-eslavo e do eslavo-italiano, que Schuchardt apresenta perspectivas sobre a génese da linguagem, adaptação de palavras e de modificações gramaticais. Para tal munia-se até de artefactos do quotidiano.

### **2.3 Leite de Vasconcelos**

Antes de iniciar um esboço sobre o percurso biográfico de Leite de Vasconcelos, refira-se a falta de dados biográficos conhecidos, tal como acontece com Adolfo Coelho. A obra mais completa sobre este tema é, talvez, a de Jaime Lopes Dias.

O pai da dialectologia portuguesa nasceu em 1858 a sete de Julho em Ucanha, na freguesia de Mondim da Beira (Beira Interior), filho único de José Leite de Pereira de Melo e de D. Maria Henriqueta Leite de Vasconcelos Pereira de Melo. Tendo aprendido latim com um padre de Salzedas e francês com um tio, cedo manifesta uma forte veia colectora daquilo que se dizia.

Com dezoito anos (1876) e devido ao empobrecimento de sua família, Leite de Vasconcelos muda-se para o Porto, onde concluiu o curso geral dos liceus.

---

<sup>89</sup> Devido aos avanços científicos realizados na área da crioulistica e do contacto linguístico, a designação mistura, para além de ter uma conotação pejorativa, perdeu a sua validade, dado o facto de não haver uma mistura propriamente dita, mas sim interferências.

De 1879 a 1881, Leite de Vasconcelos fez o curso de ciências naturais da Escola Politécnica, o que o familiarizou com os materiais da sua predilecção de infância: os estudos de arqueologia e de etnologia.

Em 1881, ano da morte de seu pai, envereda pelo estudo da medicina, licenciando-se na Escola Médico-Cirúrgica com a tese de licenciatura sobre a *Evolução da linguagem* (1886). A sua tese teve uma aprovação com louvor, recebendo, ao mesmo tempo, o prémio “Macedo Pinto”, pelo facto de o director e o conselho da Escola o considerarem como o mais distinto dos alunos. O seu método de trabalho era marcado por uma severidade no apuramento das fontes e dados, para os quais dispunha de uma abastada biblioteca pessoal (mais tarde doada à Faculdade de Letras de Lisboa) e dos resultados de várias expedições pelo país.

Foi, durante os seus tempos de estudante, publicado o seu trabalho sobre *O dialecto mirandez* (1883), premiado no concurso filológico das Sociedades das Línguas Românicas de Montpellier.

Um ano após a sua formação em medicina (1887), Leite de Vasconcelos residiu no Cadaval, por motivos desconhecidos, onde exercia as funções de subdelegado de saúde, médico municipal e presidente da junta escolar. Nesse mesmo ano foi professor (auxiliar e interino) das cadeiras de português e francês, do Liceu Central de Lisboa e Conservador da Biblioteca Nacional.

Em 1889 funda a *Revista Lusitana*, que viria a constituir um dos mais significantes momentos da etnologia portuguesa. Outra revista também por ele fundada, *O archeologo português* (1895), reúne materiais que são ainda hoje a melhor fonte de conhecimentos para qualquer estudo sobre a arqueologia lusitana.

Leite de Vasconcelos doutora-se em Paris, pela universidade local, com a tese de doutoramento a pesquisar o campo dialectal português (e também o campo ultra-marino): *Esquisse de une dialectologie portugaise* (1901). Dois anos mais tarde publica uma antologia de *Textos archaicos* (1903).

A quinze de Fevereiro de 1911, foi nomeado pelo Ministério do Interior para membro da Comissão encarregada de propor ao Governo a reforma da ortografia oficial.

Somente a vinte e dois de Agosto do mesmo ano (1911), aos cinquenta e três anos de idade, foi convidado unanimemente pelo Conselho Escolar a assumir as funções de professor catedrático da Universidade de Lisboa. Aí rege, inicialmente, a cadeira de língua e literatura latinas. Com transferência, em 1914, para a regência das cadeiras de língua e literatura francesas e gramática comparativa das línguas românicas, Leite de Vasconcelos termina por assumir, mais tarde, a cadeira de língua e literaturas portuguesas. É destes tempos que

algumas das suas maiores obras são expostas ao público, como por exemplo as *Lições de philologia portuguesa* (1911). Faleceu a sete de Julho de 1941 em Lisboa.

### **3 Contextualização épocal da Crioulística**

No final da segunda metade do século XIX floresce a nível dos estudos filológicos um novo campo de estudo. O panorama crioulistico, enquanto ciência, ainda era um embrião. Sendo essencialmente recolhidos por padres missionários num primeiro momento junto com as descrições e memórias das várias terras visitadas, os crioulos eram marcadamente vistos como dialectos de uma língua europeia, cujo estatuto estava normalmente associado à colonização. Sendo utilizadas pelos missionários como meio de espalhar a fé professada, as línguas crioulas também serviam de meio de comunicação entre comerciantes. Sobre os crioulos existiam somente alguns relatos (com poucos exemplos) ou, no caso dos padres, traduções de textos bíblicos. Daí a importância das obras de Schuchardt para a formação da ciência e os contributos feitos por Adolfo Coelho e outros crioulistas. Neste capítulo tentarei dar uma imagem daquilo que era existente (no plano teórico) no campo de estudos, quer no espaço português, quer a nível internacional.

#### **3.1 Em Portugal**

Aquando dos trabalhos de Adolfo Coelho, surge no país uma vaga de trabalhos concentrados no então denominado dialecto crioulo ultra-marino de Cabo Verde. Sendo um local onde ao longo dos tempos houve inúmero contacto entre vários grupos étnico, Cabo Verde torna-se praticamente numa Meca dos estudos crioulos.

Dentre os vários interessantes estudos sobressaem a compilação de Jorge Morais-Barbosa [1967] como um compêndio introdutório aos estudos realizados nesta área em Portugal, isto é, o artigo de Joaquim Vieira Botelho da Costa & José Duarte [1886], o artigo de A. de Paula Brito [1887] e o opúsculo de Edmundo Correia Lopes [1941]. Estes artigos servem de segunda parte à compilação dos artigos de Adolfo Coelho.

O primeiro artigo (Botelho da Costa & José Duarte, 1886) expressa logo no sub-título a oferta do estudo sobre o caboverdiano a Hugo Schuchardt: *Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Schuchardt*. Se o trabalho foi aproveitado por Schuchardt para a redacção de *Kreolische Studien* ou dos *Beiträge*, tal facto não é possível identificar. De todo modo fica aqui a informação, que o leque de fornecedores de materiaes crioulisticos de Schuchardt era bem vasto. Tendo já um certo conhecimento do crioulo, notamos no corpo do trabalho o processo de identificação entre os vários crioulos, embora sendo explicada essa diferença de ilha para ilha ou entre Sotavento e Barlavento, não fazendo

distinção entre crioulo leve e crioulo fundo<sup>90</sup> explicitamente. Ambos os autores só referem algo assim: “Todavia, nesses mesmos grupos [Sotavento e Barlavento] se encontram de ilha para ilha, diferenças sensíveis, principalmente pelo que respeita à entoação, a qual não só varia de uma para outra ilha, mas até na mesma de sítio para sítio.”<sup>91</sup>

Dividindo-se em três partes, o estudo procura, numa primeira fase, espelhar a linguística do crioulo e, noutra fase, a parte etnográfica. A primeira fase abrange duas partes do trabalho, onde são expostas as diferenças características entre os vários tons do caboverdiano das ilhas e também procura-se mostrar regras e explicações das diversas partes do discurso. A segunda metade comporta a terceira parte do opúsculo, na qual são apresentados um trecho português (parábola do filho pródigo) vertido para o crioulo de cada ilha e uma coleção de alguns provérbios e idiotismos.

Na parte fonética, os autores procuram espelhar os sons existentes na língua das ilhas, deitando mão a conhecimentos de pronúncia dos sons de inglês, francês e italiano. Exemplo de tal intento é a descrição do grupo consonântico /ch/<sup>92</sup>: “Em toda a província tem um som especial, que não pode exprimir-se em português, por falta de letras que verdadeiramente o traduzam. Diremos, pois, socorrendo-nos a um idioma estrangeiro, que o *ch* tem em crioulo o mesmo som que se lhe dá em inglês.”

Os autores afirmam no corpo da obra que a proveniência destes sons, estranhos ao português da altura, nada têm de ligação à etimologia lusitana das mesmas palavras: “Com estas breves indicações gráficas e fonéticas, daremos por concluída a primeira parte dos nossos estudos sobre o crioulo cabo-verdiano, que não passa na verdade de uma corrupção do português antigo, aditada de termos africanos, e mesmo de algumas palavras espanholas, italianas, francesas e inglesas deturpadas. Devemos, porém, declarar ainda, antes de concluí-la, que assinando, como fizemos, ao *ch*, *ge*, *j* os sons que a essas letras correspondem no inglês e italiano, de modo algum pretendemos dizer com isso que tal seja a sua etimologia.”

No final do trabalho, e preparando a conclusão, os autores afirmam o seguinte<sup>93</sup>: “Agora o que é geral, e mesmo digno de notar-se, é que toda a gente, por muito pouca instrução que tenha, escreve sempre em português. Pelo menos a vontade é manifesta.”

Isto não só refere o carácter oral do caboverdiano, mas também aponta para a influência do português sobre a escrita (a meu ver), mesmo que esta escrita fosse em crioulo. O facto de o crioulo manter-se principalmente como língua falada e o português, segundo Botelho da

---

<sup>90</sup> Esta noção surge pela primeira vez em Baltasar de Silva Lopes e ela é independente da diversidade da língua de uma ilha para a outra.

<sup>91</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 238.

<sup>92</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 244.

<sup>93</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 326.

Costa & José Duarte mais ou menos correcto, principalmente como escrito, permite a influência do português sobre o modo ou tentativa de redacção do crioulo. Assim, através da influência, um leitor nunca tem uma idéia total sobre o estado da língua crioula.

A. de Paula Brito apresenta Adolfo Coelho como seu revisor, afirmando logo no subtítulo: *Apontamentos para a Gramática do Crioulo que se Fala na Ilha de Santiago de Cabo Verde. Revisitos por F. Adolfo Coelho.*

Este estudo sobre o crioulo falado em Santiago apresenta logo à partida uma apresentação nada usual em trabalhos científicos: o trabalho foi escrito em crioulo e paralelamente escrito em português. Deste modo, o leitor faz da leitura da obra um trabalho de comparação. O aumento de conhecimentos é mesmo redobrado, pois a leitura em crioulo ajuda a ganhar uma idéia da própria orientação da língua (Sprachgefühl, em alemão) e contribui do mesmo modo para o aumento dos conhecimentos linguísticos.

Uma curiosidade quanto à dedicatória: ela é datada de 1885 na Cidade da Praia. Paula Brito esteve no terreno, por assim dizer, ao contrário de Adolfo Coelho e de Hugo Schuchardt. Pesa também o facto de Paula Brito falar desde a infância o crioulo de Santiago, o qual merece a publicidade de Adolfo Coelho no prefácio<sup>94</sup>: “Devem ser estudados separadamente os dialectos e depois comparados, para alcançarmos assim uma vista clara e precisa de cada um deles e de suas relações recíprocas.”

No mesmo prefácio, Adolfo Coelho explica o modo como o tráfico de informações funcionou<sup>95</sup>: “Esse artigo [saído no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 3, 1880] despertou no filólogo alemão Hugo Schuchardt o interesse pelos nossos crioulos, e, a seu pedido e sob sua direcção, alguns compatriotas nossos, residentes naquele arquipélago, dedicaram-se ao estudo desses dialetos, como testemunha a memória publicada no mesmo *Boletim*, 6.<sup>a</sup> série, n.º 6, cujos autores afirmam falsamente haver «carência absoluta de obras deste género», apesar de terem tido conhecimento do meu artigo.”

Ainda dentro do prefácio, Coelho expõe as quantas mudanças que o intuito de Paula Brito criou, ou seja, dado o desejo de escrever o seu trabalho em crioulo, Paula Brito condicionou certos empréstimos de palavras técnicas linguísticas para o crioulo<sup>96</sup>: “Quis o sr. A. de Paula Brito redigir a sua gramática em crioulo, o que levou necessariamente a forjar diversos termos gramaticais, sem dúvida guiando-se pelas tendências de adaptação crioula, mas os quais o leitor facilmente distinguirá do que é verdadeiramente popular-crioulo.”

---

<sup>94</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 333.

<sup>95</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 333.

<sup>96</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 334.

Na introdução à gramática, Paula Brito refere o contacto com Hugo Schuchardt, mas que esse contacto surgira num segundo momento e por via indirecta; Paula Brito já tinha sido antes contactado por um outro investigador, embora não referindo quem ele era<sup>97</sup>: “Em 1879, pouco mais ou menos, um investigador alemão escreveu-me solicitando subsídios para a formação de uma gramática crioula; e outros, entre estes o distinto professor e publicista dr. Hugo Schuchardt, dirigiram-se a alguns amigos meus pedindo elementos para o mesmo fim.”

Isto pode significar que mais alguém no espaço alemão se interessava pelos estudos crioulos e que procurava material para a criação de uma gramática crioula.

Quanto ao plano apresentado no artigo há a realçar o facto de a sintaxe não ser tratada na obra. O argumento apresentado, ou melhor, um dos argumentos apresentados é a intenção de Paula Brito de querer aprofundar o assunto no futuro. Do mesmo modo há a incapacidade de submeter o crioulo às regras gerais da língua portuguesa<sup>98</sup>: “Começando, dir-vos-ei que a dividi em três partes, eliminando a parte sintáctica, porque me pareceu oportuno não limitar a sintaxe crioula às regras gerais no género daquelas com que se contentam geralmente as gramáticas portuguesas, reservando-me para redigir esta parte da gramática mais tarde, quando tenha coligido mais alguns textos crioulos da boca dos que só falam este dialecto, para assim a apresentar livre da influência do português puro.”

Como anteriormente foi dito, o artigo de Paula Brito divide-se em três campos distintos: um fonológico (sons e suas representações); outro morfológico; e, por fim, um terceiro campo dedicado ao estudo de “nomes de casa”, de provérbios, de poesias, de adivinhas e de frases soltas.

Paula Brito tem também o cuidado de na introdução esclarecer qual o alfabeto ortográfico por ele adoptado, procurando aproximar este à fonética do crioulo<sup>99</sup>: “A necessidade de pôr bem em relevo uns sons especiais do dialecto levou-me a excluir as letras simples *c*, *h*, *q*, *y*. (...) O que me levou a proceder assim foi o desejo de simplificar a ortografia, tornando-a fonética sem empregar sinais novos, pondo-a ao alcance de todos, especialmente de meus patrícios, (...)”.

Paula Brito na terceira parte do trabalho refere o batuque, embora não seja o mesmo que hoje em dia se conhece. O batuque descrito por Paula Brito assemelha-se ao cantar ao desafio, por um lado, e a uma sessão de candomblé, por outro. Paula Brito refere que homens e mulheres participam de um rito cultural chamado de batuque; quotidianamente, e do que se sabe sobre esse rito, só é permitida a presença de mulheres no batuque.

---

<sup>97</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 336/ 337.

<sup>98</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 338.

<sup>99</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 338/ 339.

O terceiro trabalho compilado por Morais Barbosa é o de Edmundo Correia Lopes. Uma curiosidade relativa a este trabalho é a sua tardia data de publicação (1941) em relação aos outros trabalhos (todos anteriores a 1900).

Contudo, este artigo mostra uma outra perspectiva sobre os crioulos. Comparando-o aos outros, talvez seja o suficiente para fazer um contraponto deste estudo linguístico. O título da obra, *Dialectos Crioulos e Etnografia Crioula*, mostra já uma ligação entre duas áreas de saber (a crioulistica, aqui designada como dialectologia, e a etnografia). Neste ponto não existe nada de especial, dado o facto de os autores anteriores terem tocado nos dois assuntos. Mas depois, na introdução, surge já uma mudança em comparação com os outros trabalhos. Sendo o trabalho introduzido de uma maneira bastante neutral, chama-nos logo a atenção para o uso de palavras neutras, desligadas de carácter pejorativo, que se encontram com alguma assiduidade nos trabalhos anteriores<sup>100</sup>: “Por toda a parte onde a cultura europeia entrou em contacto com as de outros continentes, se originaram desse contacto produtos culturais híbridos: na vida material, na religiosidade, na linguagem... Quando se chegou à fusão das raças, todas as manifestações culturais reagiram, determinando uma vida local tanto mais complexa quanto maior o número e maior a diversidade dos grupos étnicos que se fundiram.”

Este trecho apresenta algumas das causas da génese dos crioulos e da sua diferenciação, isto é, a diversidade étnica, a história do povoamento (no caso de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe) e a distinção das castas de população (qual o tipo de sociedade patente nesses terrenos), apontando também o contributo e desempenho de todos os grupos étnicos na formação do crioulo.

Destoando de outros crioulistas, Correia Lopes vê as línguas africanas, co-auxiliares na criação do crioulo, como as principais impulsionadoras e diferenciadoras dos vários crioulos<sup>101</sup>: “Veremos também que onde do contacto da língua pátria com as línguas indígenas resultaram diferenciações mais originais, elas foram resultado da operiosidade do negro, da intuição prática do negro.”

É sobre as línguas africanas e sobre a etnicidade, que Correia Lopes se apoia para fundamentar parte da explicação dos crioulos. Todavia, não aprofunda a questão, remetendo para Schuchardt e para a literatura sino-portuguesa toda e qualquer questão sobre exemplificações. Este trabalho não apresenta um contacto directo com os crioulos, mas sim procura esboçar uma panorâmica global e superficial. Mas esse aspecto não influencia as suas afirmações. Pelo contrário, a certo momento ele diz o seguinte<sup>102</sup>: “É claro que para colher

---

<sup>100</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 407.

<sup>101</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 408.

<sup>102</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 418.

todo o fruto do estudo dos dialectos será necessário conhecer perfeitamente as línguas que para eles podiam ter contribuído e não deixar-se apenas arrastar por miragens de ilustração numa língua que casualmente se procura ou casualmente se conhece ou se conhece mal. E, pelo menos na parte que toca às línguas africanas – tão complicada é entre ela a permuta e tão emaranhado o processo da participação no fundo comum –, as tentativas para acertar com a origem dos vocábulos mais substanciais que de fora vieram ao português crioulo, não passam ainda de simples palpites.”

Nota-se já aqui um realce para o contributo das línguas africanas na criação e desenvolvimento do “dialecto crioulo”. Até mesmo na procura encetada por Correia Lopes em encontrar, à imagem do papiamentu com a designação para os holandeses de “makamba”, a designação dos portugueses. Aí podemos ler<sup>103</sup>: “Pois é verdade: ainda não sabemos a origem da palavra com que pela primeira vez nos ouvimos designados, nas línguas dos bons pretos da Guiné, nós os brancos: *tubabo* em mandinga – para dar mais cor local também há um *tubanho* que se aplica aos homens mulatos e ao milho mulato; lá diz o ditado *tubabo nin tubanyo mam kilin*, branco e mulato não (são) um –, *tubako* entre os fulas de Gabu e não sei se de alhures, *bombabu* entre os pepéis, *nhambabo* no crioulo de Cabo Verde. Nem o industânico *nababo* (nauab) nem o (brasílico?) *emboaba*, com que os paulistas designavam os seus rivais na ocupação das minas, equivalente a brancos, reinóis, são explicações aceitáveis do termo *nhambabo*.”

Adiante ele apresenta o papel da etnografia no campo do contacto linguístico<sup>104</sup>:

“A etnografia tem ainda outros recursos para identificar manifestações culturais de que o vocábulo é apenas o rótulo. O que, porém, se não justificaria por mais tempo é a hesitação da cultura nacional diante do pequeno esforço que representa o estudo das línguas das nossas colónias que ainda estão, sobretudo para nós, por estudar.”

Esta crítica dirigida à cultura portuguesa faz um elo de ligação às críticas feitas, quer a Adolfo Coelho, quer a Schuchardt, quer a Leite de Vasconcelos.

A crítica a Coelho vem sob a forma de uma pergunta<sup>105</sup>: “Como poderíamos afirmar rigorosamente, antes que esse estudo se faça, que «os fenómenos fonéticos que nos oferecem os dialectos crioulos nada têm de especial» (Adolfo Coelho)?”

A crítica a Leite de Vasconcelos e a Schuchardt é colocada da seguinte maneira<sup>106</sup>: “Leite de Vasconcelos e Schuchardt apenas, como o seu predecessor, tiveram ensejo para

---

<sup>103</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 418.

<sup>104</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 423.

<sup>105</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 426.

<sup>106</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 427/ 428.



estudar os crioulos em textos recolhidos por outros nem sempre fielmente e numa grafia duvidosa. Mas para se não cair em exageros de cepticismo com relação ao valor dos seus trabalhos seria preciso estudá-los comparando-os com os resultados colhidos *in loco*.”

Embora o trabalho de Correia Lopes sobressaia pelo seu caráter teórico, ele também peca pelo seu cariz superficial e panorâmico, com que aborda este campo. No sub-ponto seguinte vamos retratar o panorama crioulistico a nível internacional.

### **3.2 No Estrangeiro**

A nível internacional, a crioulistica dá ainda os primeiros passos. Sendo o título de pai deste novo campo lingüístico atribuído a Schuchardt, esta área de saber não viveu só do empenho e trabalho de uma pessoa.

Considerados ou relegados para um segundo plano encontram-se Lucien Adam e Dirk Christian Hesseling, cujas teorias não são de menosprezar do ponto de vista diacrónico. Adam e Hesseling, tal como Schuchardt e Coelho, são provenientes de outras áreas do conhecimento. Hesseling foi professor em Leiden de Grego Moderno e Adam era bibliotecário. Talvez seja melhor fazer uma curta apresentação dos dois, embora a bibliografia sobre ambos não seja muita, tal como a pouca quantidade de informação disponível na Internet.

Hesseling nasceu em Amsterdam no ano de 1859, filho de uma família mercante. Não se interessando muito pelo comércio, obtém a permissão da família para ir estudar na Universidade de Leiden. As duas obras sobre os crioulos escritas pelo holandês são *Het Afrikaans* [1899] e *Het Negerhollands der Deense Antillen* [1905]. Hesseling, após uma curta passagem pelo ginásio de Delft, enquanto professor de línguas clássicas, e após algumas viagens ao Mediterrâneo, muda-se para Paris, onde trava conhecimento com Legrand e Psichari. Hesseling passou a maior parte da sua vida adulta em Leiden, onde fora nomeado como “*privaatdocent*” em 1893. Hesseling falece em 1941 com 82 anos de idade.

Segundo Kotzé<sup>107</sup>, a publicação de *Het Afrikaans* instaurou o discurso formal sobre a génese da linguagem. No seu livro, Hesseling investiga as características extra-neerlandesas do *Afrikaans* e alerta para as circunstâncias especiais em que a língua germânica se enraiza em solo africano. Hesseling é o primeiro a descrever esta língua como uma língua misturada (“*mengeltaal*”). Mais tarde (1923), ele afirma que, todavia, o *Afrikaans* nunca se tornou uma língua crioula verdadeira, dado o uso na vida pública do neerlandês e pela constante vaga de emigrantes holandeses. Há quem afirme que Hesseling, ao sugerir o malaio-português como

---

<sup>107</sup> Kotzé, *Effects of attitudinal changes towards creolization in Afrikaans*.

um primeiro estágio da creolização de uma língua estrangeira sobre outra indígena, traça já as linhas principais da teoria monogenética.

Do pouco material disponível, deve-se referir um excerto de 10 páginas retiradas de uma obra de Hesseling. Este excerto remete-se aos *Oberblijfsels van de Nederlandse taal op Ceylon*<sup>108</sup>. Hesseling apresenta nesse artigo a onomástica familiar de vários ceilandeses com ascendência neerlandesa.

Após a transição do território para mãos inglesas, há uma política exercida pelo governo que centrou-se no remover do neerlandês como língua judicial (abolida em 1801) e as escolas foram colocadas sob a supervisão de um funcionário britânico. Exceção deve ser feita às famílias de classe alta, que mantinham um português crioualizado dentro de casa. Hesseling mostra como nos registos genealógicos de cada família (“Stam Boek”) se pode encontrar episódios como este<sup>109</sup>: “In een van de handschriften vindt men het verslag van een gesprek tussen een vader en zijn stervende dochter. Men leest, in het Hollands, hoe de man aan het sterfbed geroepen wordt en met welke gevoelens hij voor ’t laatst zich met zijn kind onderhield; dan worden de woorden zelf aangetekend die beiden bij deze droevige gelegenheid gebruikten, en daaruit blijkt dat het gehele gesprek in het Portugees werd gehouden. In ’t Portugees sprak de vader ook tot de moeder. Deze man was een officier in het Hollandse leger, zijn vrouw behoorde tot een der aanzienlijkste Hollandse families van het eiland en de dochter was met een Europeaan van hoge geboorte getrouwd.”

Esta situação ilustra as consequências daquilo que os holandeses fizeram com os portugueses por volta de 1656. Hesseling cita um parágrafo onde é estipulado que todos os portugueses deveriam deixar a ilha, com exceção das filhas solteiras. Estas deveriam permanecer e casar-se com holandeses<sup>110</sup>: “Onder de bepalingen waarbij in 1656 de Portugezen afstand moesten doen van het eiland komt de volgende clause voor, die ik ontleen aan een *Report on the Dutch Records in the Government Archives at Colombo* (...) De ongetrouwde dochters moeten evenwel blijven en met Hollanders trouwen.”

Mais adiante é referida a obra de S.R. Dalgado<sup>111</sup>, *Dialecto Indo-Português de Ceylão*, a qual é extensivamente re-trabalhada por Hesseling. Nesta exploração da obra, Hesseling aponta as palavras de origem holandesa usadas no cotidiano. Dessas traça três modos de identificação: um de relação óbvia, um de identificação mais alterada e um outro nível, no qual não é possível descortinar a palavra original. Aquando do desenvolvimento desse

<sup>108</sup> [http://www.dbnl.org/tekst/hess002over01/hess002over01\\_001.htm](http://www.dbnl.org/tekst/hess002over01/hess002over01_001.htm).

<sup>109</sup> Hesseling, *Oberblijfsels van de Nederlandse taal op Ceylon*, p. 304.

<sup>110</sup> Hesseling, *Oberblijfsels van de Nederlandse taal op Ceylon*, p. 305.

<sup>111</sup> Dalgado, *Dialecto Indo-Português de Ceylão*.

esquema, Hesseling aproveita para fazer a comparação com uma língua derivada do neerlandês: o Afrikaans, chegando à conclusão de que certos fenómenos de emprego de palavras são semelhantes no Afrikaans e no Indo-Português de Ceilão, tal como diferentes em alguns aspectos: a forma das palavras e dos sons depende do seu uso e das pessoas que usam a língua como meio de comunicação<sup>112</sup>: “De vorm der woorden en de klanken zullen in het Oosten en in het Westen zich gewijzigd hebben naar de aard van een bevolking die naast het Nederlands het Indo-Portugees als verkeerstaal gebruikte.”

Na compilação de artigos avulsos seus (de Hesseling) realizada por T. L. Markey e Paul T. Roberge, o último artigo redigido por Hesseling, *How did creoles originate?*<sup>113</sup>, onde são traçadas as linhas da genese dos crioulos neerlandeses, é analisado sob o ponto de vista teórico. Colocando-se na posição contrária a Schuchardt, que atribui o papel principal no desenvolvimento dos crioulos ao superstrato, Hesseling não deixa de fazer um apanhado dos pontos principais da teoria Schuchardtiana. Ou seja, a simplificação e fragmentação da língua europeia para benefício da compreensão com alguém que não fala a língua europeia; o uso frequente e intensivo do infinitivo, etc. A estas afirmações retorque Hesseling, expondo que pequenas crianças passando a fase do “baby-talk” desenvolvem os seus conhecimentos lingüísticos através da imitação<sup>114</sup>: “Young children who have passed beyond the “baby-talk” stage and are in full possession of their extraordinary capacity for imitation are remarkably quick to learn the language of playmates from another nation with a very different language.”

E tal processo transfere-se para os adultos<sup>115</sup>: “But even adults can learn a language this way – that is, without appreciable outside help. It just takes much longer – infinitely longer if they are quite uneducated or self-taught.”

A certo momento, Hesseling afirma o seguinte, que altera por completo a teoria de Schuchardt<sup>116</sup>: “In order to know the cause and point the way to a better understanding, linguistic studies are needed in which neither (black or white) is present. Only the person who knows the language of the foreigner with whom he speaks can delete specific peculiarities from his own language, because he knows that such peculiarities are lacking in the language of the person with whom he is speaking.”

---

<sup>112</sup> Hesseling, *Oberblijfsels van de Nederlandse taal op Ceylon*, p. 312.

<sup>113</sup> A primeira edição do artigo intitula-se *Hoe ontstond de eigenaardige vorm van het Kreools?*, retirado da revista *Neophilologus*, 18 (1933).

<sup>114</sup> Hesseling, *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*, p. 64.

<sup>115</sup> Hesseling, *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*, p. 65.

<sup>116</sup> Hesseling, *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*, p. 68.

No final do artigo, Hesseling conclui de tal forma que apresenta uma outra visão sobre a génese dos crioulos<sup>117</sup>: “Now as master and slave – more and less sophisticated, respectively – were not in a position of knowing what was the best way for simplification on the basis of the prior study, how is it that the subordinate party, the slave, triumphs and provides the model? Why, because he is the weaker in comprehension and the stronger in imitation.”

Retratando a outra figura deste sub-capítulo, a falta de informações sobre Lucien Adam é muito patente. Das várias pesquisas exercidas em bibliotecas ou pela internet, muito pouco foi encontrado com valor utilitário para a tese. O contributo de Adam para a crioulistica baseia-se no retrato das línguas crioulas como uma mescla de sistemas dissimilares, na qual os campos fonético, morfológico, sintático, etc constituem sub-sistemas por si só, dentro de um sistema mais abrangente. Sobre a formação destas línguas, Adam (1883) escreve o seguinte: “(...) os senhores impuseram o todo ou parte de seu vocabulário; os vencidos, os escravos mantiveram contra eles o que constituía realmente a própria língua: a fonética e a gramática.”

Hildo Honório do Couto<sup>118</sup> refere esta citação como portadora de dois pontos importantes. Um dos pontos apoia-se no uso da palavra “contra” como símbolo da resistência dos escravos ante a perda das suas próprias línguas maternas. O outro aborda a perspectiva da língua crioula como uma simbiose do vocabulário da “língua de superstrato” com a gramática da “língua de substrato”.

Na obra *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen*, Adam inicia o seu trabalho com a informação de já ter falado crioulo durante os três anos vividos em Cayenne (Guyana), admitindo mesmo qual a sua primeira impressão sobre a língua crioula<sup>119</sup>: “Pendant un séjour de trois années que j’ai dû faire à Cayenne, en qualité de magistrat, j’avais appris à parler suffisamment le créole, mais ne m’occupant point alors de linguistique, je m’en étais tenu à la pratique de l’idiome local, dans lequel je ne voyais qu’un jargon sans importance.”

Este retrato das línguas crioulas, como um jargão sem importância, é muito usual entre os linguístas desta época que, não conhecendo o verdadeiro valor destas línguas, limitam-nas a expressões menos próprias ou correctas. Por outro lado, é de realçar o aviso de Adam, no sentido de que ele não se ocupara dessas línguas sob o ponto-de-vista linguístico.

Adam introduz um pouco da sua visão sobre a génese das línguas crioulas, na medida em que atribui semelhanças entre as formas verbais guyanenses e as línguas da Guiné, após a leitura de um trabalho de Fried. Müller<sup>120</sup>: “J’étais demeuré sous l’empire de ce préjugé,

---

<sup>117</sup> Hesseling, *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*, p. 69.

<sup>118</sup> Couto, *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*, p. 21.

<sup>119</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 3.

<sup>120</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 3/ 4.

quand le hasard d'une lecture me fit découvrir, dans l'analyse sommaire de quelques langues de la Guinée par M. Fried. Müller, l'explication très nette des formes verbales guyanaïses. Après m'être assuré que les nègres de nos colonies américaines intertropicales sont originaires de cette partie du continent africain, je m'occupai de réunir les documents dont j'avais besoin pour mesurer la profondeur de l'analogie grammaticale qui venait de me sauter aux yeux."

Uma questão muito curiosa é a classificação das línguas como *cultivadas* ou *naturais*. Adam baseia-se parcialmente no trabalho de M. de Saint-Quentin, cuja essência parte da visão racial das línguas, mostrando que "aux yeux du linguiste, les idiomes des peuples réputés sauvages ont cette primauté sur les langues des peuples civilisés, que leur grammaire instinctive dont le parler des enfants nous révèle les procédés simples, logiques et rapides."<sup>121</sup>

Perante esta perspectiva, Adam dá a volta à questão e acaba por concordar com Saint-Quentin do seguinte modo<sup>122</sup>: "A cet égard, M. de Saint-Quentin a vu juste. La grammaire du parler négro-aryen est plus *naturelle* que celle du sanscrit, du latin, du français."

Por outro lado, Adam apresenta um exemplo sobre o crioulo mauriciano, nomeadamente a conjugação do verbo *tuer*, e comenta tal do seguinte modo<sup>123</sup>: "Conjugué à la malgache, le verbe *touyé* «tuer» eût été inintelligible pour les maîtres: *man-touyé* ou *mi-touyé mo* je tue; *nan-touyé* ou *ni-touyé mo* j'ai tué; *han-touyé* ou *hi-touyé* je tuerai, etc.

Cependant, les habitudes grammaticales des nègres s'opposaient à ce qu'ils adoptassent la grammaire de la langue française."

Colocando este tema à parte e direcionando-se para a questão linguística, Adam expõe a sua visão, onde diz que partes da gramática têm a influência das "classes" sociais, que constituem a sociedade crioula<sup>124</sup>: "Ainsi, par trois fois au moins, si les vainqueurs, si les maîtres ont imposé tout ou partie de leur vocabulaire, les vaincus, les esclaves ont maintenu contre eux ce qui constituait réellement leur langue: la phonétique et la grammaire."

Factos a notar são a menção de uma outra obra de Lucien Adam, esta anterior à obra que está a ser tratada (1879)<sup>125</sup>, e a referência a Adolfo Coelho e aos seus artigos, por conterem as citações de vários autores desconhecidos a Adam<sup>126</sup>. Adam ensaia na parte final da sua obra algumas críticas a vários crioulistas, entre eles o Dr. Bos, Teza, Coelho e Schuchardt.

<sup>121</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d'hybridologie linguistique*, p. 6.

<sup>122</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d'hybridologie linguistique*, p. 6.

<sup>123</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d'hybridologie linguistique*, p. 8.

<sup>124</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d'hybridologie linguistique*, p. 10.

<sup>125</sup> Adam, *Du Parler des hommes et du Parler des femmes dans la langue caraïbe*.

<sup>126</sup> Cito aqui uma das notas de rodapé de Adam, p. 71: "Revue critique, 1872. Je ne connais de l'article publié par M. P. Meyer que l'extrait donné en portugais par M. Coelho."

A crítica exercida a Dr. Bos incide no facto de este estudioso ter negligenciado a comparação entre *patois* crioulos<sup>127</sup>: “M. le Dr Bos a négligé, lui aussi, de comparer les patois créoles aux langues de la côte de Guinée et de Madagascar.”

Teza, ao explicar a formação dos crioulos como “uma acomodação das formas románicas à GRAMMATICA das línguas dos povos entre os quaes esses dialectos se formam”<sup>128</sup>, é acusado de direccionar-se às línguas dos ameríndios<sup>129</sup>: “Mais, au lieu de s’adresser à la grammaire des langues africaines parlées antérieurement par les nègres transportés à Curaçao, le professeur italien vise la langue des aborigènes, sans faire d’ailleurs aucun rapprochement grammatical entre le créole négro-espagnol et le galibi ou l’arrouague.”

No ponto V do Post-Scriptum, Adam comenta as ideias de Coelho sobre a génese das línguas crioulas<sup>130</sup>: “Il va de soi que M. Coelho n’a pas même songé à vérifier le mérite de ses affirmations par l’examen grammatical des langues antérieurement parlées par les nègres qui, aux XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles, furent transportés dans les diverses colonies.”

Schuchardt sai, até certo ponto, incólume das críticas do estudioso francês. Adam, primeiramente, elogia Schuchardt por comparar o “négro-portugais” de São Tomé com a língua Umbundu de Angola<sup>131</sup>: “M. Hugo Schuchardt a procédé autrement, et il lui a suffi de comparer le négro-portugais de San-Thomé à la langue nbundu d’Angola, pour découvrir entre les deux idiomes des concordances telles, qu’après avoir rappelé la seconde proposition de M. Coelho, il affirme la coopération de causes particulières aux causes générales toujours identiques à elles-mêmes.”

Porém, Adam insiste na questão geográfica da génese das línguas crioulas<sup>132</sup>: “Mais s’il avait étendu le champ de la comparaison jusqu’aux diverses langues de la Guinée supérieure, je suis convaincu que ses conclusions eussent été aussi affirmatives que les miennes, car, au point de vue grammatical, le créole de San-Thomé constitue un dialecte africain à classer dans la famille des *nordwestlichen Negersprachen* plutôt que dans celle des langues bantu.”

No último parágrafo do Post-Scriptum, Lucien Adam escreve aquilo que se pode considerar a chave do seu pensamento<sup>133</sup>: “Quand les progrès de la linguistique africaine auront permis d’étendre le champ des investigations, la vérité de cette thèse s’imposera aux

---

<sup>127</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 73.

<sup>128</sup> Adam indica que esta citação situa-se em “*Politecnico*, vol. XXI. Les citations sont extraites du mémoire de M. Coelho”.

<sup>129</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 73.

<sup>130</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 74.

<sup>131</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 74/ 75.

<sup>132</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 75.

<sup>133</sup> Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d’hybridologie linguistique*, p. 76.

linguistes qui n'ont pas songé à aller chercher la clé de la grammaire créole à la côte d'Afrique.”

## 4 A Crioulística de Adolfo Coelho

Adolfo Coelho nunca esteve em Cabo Verde ou na costa africana. Nem em qualquer outro espaço geográfico onde uma língua crioula fosse meio de comunicação. Todavia esse facto não o impediu de recolher informações e de as publicar.

No primeiro ponto apresentarei os vários títulos publicados por Francisco Adolfo Coelho, obras que se debruçam sobre os crioulos e farei também uma curta análise às obras adolfianas. Para terminar, no ponto seguinte, abordando o contributo de Adolfo Coelho para a crioulística.

### 4.1 Apresentação

O desempenho de Adolfo Coelho na Crioulística surge essencialmente de três artigos. Estes foram publicados entre 1881 e 1886 no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Desses artigos muitos estudiosos das línguas crioulas e da linguística de contacto tiraram uma orientação<sup>134</sup> ou perspectiva<sup>135</sup> sobre a génese das mesmas línguas. Numa conferência proferida por Alain Kihm e Ernesto d'Andrade<sup>136</sup>, os oradores chamam a atenção para o esquecimento dado aos estudos crioulísticos adolfianos<sup>137</sup>.

O primeiro dos três artigos de Adolfo Coelho, *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*, relata na introdução qual a intenção do artigo<sup>138</sup>: “Era nosso desejo reunir os materiais para um trabalho especial sobre os dialectos portugueses, e um trabalho geral comparativo em que tentássemos determinar as leis de formação desses dialectos, formação que se pode por assim dizer estudar *no vivo*, porque um semelhante estudo não poderia deixar de nos ministrar dados importantes sob os pontos de vista glotológico, etnológico e psicológico.”

---

<sup>134</sup> Peter Muysken, *The origin of creole languages, the perspective of second language learning*, in: Smith & Veenstra: “Creoles have contributed a number of concepts and ideas to the study of second language acquisition. Conversely, results from the study of second language acquisition have contributed and can contribute further to creole studies. In fact, one of the earliest researchers working on creoles, Coelho (1880-1886), derived many features of West-African Portugues creoles from universals of second language acquisition.”

<sup>135</sup> DeGraff, *Creolization, language change and language acquisition: a prolegomenon*: “12. The first creolist with a universalist/innatist bent was perhaps Adolfo Coelho, who wrote that creoles “owe their origin to the operations of psychological or physiological laws that are everywhere the same.”

<sup>136</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*.

<sup>137</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 386: “Este interesse tão reduzido, que se assemelha ao desprezo, é, digamo-lo, perfeitamente injusto. Tanto mais que, se existe um aspecto da obra de Adolfo Coelho que mantém uma verdadeira actualidade, são os seus estudos crioulos.”

<sup>138</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 3.

A interpretação destas linhas mostra o intuito socio-linguístico da questão adolfiana. No parágrafo seguinte, ele apresenta de que modo obteve acesso a registos crioulos<sup>139</sup>: “Pedimos nessa conferência [Sociedade de Geografia de Lisboa, 16 de fevereiro de 1878] esclarecimentos, como já o tínhamos feito por outros meios, e os nossos pedidos não foram de todo inúteis. Um mancebo inteligente da ilha de Santo Antão, o Sr. César Augusto de Sá Nogueira, que assistira à conferência, deu-nos todos os materiais para o estudo que publicamos do dialecto crioulo daquela ilha.”

Esses materiais constituem-se essencialmente de cartas. É na análise dessas cartas que a base da visão de Adolfo Coelho se constrói. Mas até o próprio Adolfo Coelho chama a atenção, em jeito de introdução ao crioulo de Santiago, para o facto de estas pessoas terem um conhecimento qualitativo do português<sup>140</sup>: “As cartas seguintes foram escritas por pessoas instruídas que falam bem o português, mas conhecem bem o crioulo rachado. O único documento verdadeiramente genuíno do dialecto de Santiago acha-se na série de adivinhações que o nosso amigo o Sr. Sá Nogueira nos ministrou.”

É precisamente nestas linhas que incidem a maior parte das críticas ao estudo adolfiano. Ou seja, o facto dos escritores conhecerem bem o português pode influenciar a escrita em crioulo, uma vez que o crioulo só foi passado para o papel relativamente tarde. Na maior parte das situações, ao crioulo era concedido o plano oral e ao português o plano escrito. Quase a totalidade da vida diária era comunicada oralmente através do crioulo, com excepções para as cerimónias formais e oficiais. Partindo deste ponto, todos aqueles que quisessem escrever em crioulo estavam, conseqüentemente, submetidos ao código e à grafia portuguesas.

Colocando esta discussão de parte, a estrutura do artigo prende-se pela amostragem das várias cartas disponíveis, pela seguinte exposição de adivinhações e de frases diversas. Somente no final de toda a exposição, Adolfo Coelho tece os seus comentários e conclusões da observação dos materiais apresentados. Desde as observações fonéticas, onde Adolfo Coelho compara o crioulo ao português, até aos comentários sobre a lexicologia, nos quais expõe as várias formações por aférese, apócope e apresenta também os nomes-de-casa, passando pelas alterações morfológicas de pronomes, género, número e verbos, Adolfo Coelho lança mão a quase todos os seus conhecimentos, para justificar as mudanças sofridas pelas formas do português na transição para o crioulo.

Muito dependente da quantidade dos materiais obtidos, o artigo procura abranger o maior número de “dialectos” possíveis: Santo Antão, S. Tomé, Santiago, Guiné-Bissau, Brasil, Indo-Português de Ceilão, Malaca e o português de Macau. Isto só para nomear

---

<sup>139</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 3.

<sup>140</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 5.



aqueles que são aparentados com o Português, pois ele também faz análises aos dialectos espanhóis de Curaçao, Buenos Aires e Montevideu, aos dialectos franceses da ilha Maurícia, Luisiana, Guiana, S. Domingos, Trinidad e Martinica. Há também uma abordagem à língua franca, concluindo o artigo em nove páginas de considerações gerais. Nestas, Adolfo Coelho noticia o conhecimento de crioulos de origem germânica: o *negro-english* (falado no Suriname, com referência aos trabalhos de Van der Vegt<sup>141</sup> e Bautzen<sup>142</sup>); o *creolese* (baseado no holandês e falado nas actuais Ilhas Virgens norte-americanas; e no *Pidgin English* (falado na China, com referência à obra de Leland<sup>143</sup>). Destas considerações gerais, Adolfo Coelho aproveita para, de certa maneira, expôr as opiniões correntes da altura sobre os crioulos. Para tal refere-se a um “eminente filólogo M. P. Meyer”, citando-o somente duas vezes. A primeira citação é usada por Adolfo Coelho como exibição de falta de clarividência e atitude científica no campo de estudo dos crioulos<sup>144</sup>: “Estudar-se-ão com interesse, diz ele, com relação ao dialecto da Trinidad, os diversos tempos compostos pelos quais os negros remediaram as lacunas da conjugação, achar-se-á matéria para diversas comparações com os factos paralelos que apresenta à formação das línguas românicas. (...) Os negros, quando aprenderam o francês, estavam habituados a uma língua absolutamente diferente e nunca souberam mais que as palavras e as formas mais usadas de seu novo idioma (...)”.

A segunda citação mostra a repugnância do filólogo em aceitar a formação de crioulos, condicionados por leis idênticas<sup>145</sup>: “Parece que o patois da ilha de França oferece, na deformação do francês, analogias com o de Trinidad que não são explicadas suficientemente pela comunidade do ponto de partida.”

Mais adiante, Adolfo Coelho refere através de uma comparação o ponto fulcral da sua teoria<sup>146</sup>: “Fora pois da questão de tempo, a grande semelhança que existe entre as linguagens crioulas provém provavelmente da unidade da língua que lhe deu origem: o francês representa aqui o papel do latim vulgar com relação às línguas românicas.”

Dos materiais acumulados, Adolfo Coelho chega às seguintes conclusões: “1.º Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.”<sup>147</sup>

---

<sup>141</sup> Bautzen, *Kurzgefasste neger-englische Grammatik*, in: Wullschlägel (1965).

<sup>142</sup> Van der Vegt, *Proeve eener handleiding om het neger-engelsch*.

<sup>143</sup> Leland, *Pidgin English singsing, or Song and Stories in the China-English dialect*.

<sup>144</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 96.

<sup>145</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 96.

<sup>146</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 96/ 97.

<sup>147</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 102.

Daqui pode-se retirar a noção actual das línguas crioulas e da linguística de contacto: estas línguas são produto de uma aquisição, que não chegou a ser bem sucedida, por diversos motivos. Para compreender melhor esta citação torna-se necessário apresentar uma outra citação dentro deste primeiro ponto<sup>148</sup>: “Os factos observados nos dialectos crioulos de Santiago, Guiné, etc., revelam *graus diversos na aquisição do português.*”

Prevedo a possibilidade de comparação da formação das línguas crioulas como resultados de uma evolução fonética, Coelho refuta esta hipótese com a seguinte afirmação<sup>149</sup>: “A transformação da linguagem em virtude da alteração fonética é um fenómeno de base fisiológica, a formação dos dialectos crioulos é no que tem de essencial um fenómeno psicológico.”

Podemos já aqui ver uma orientação ou, pelo menos, o levantar do véu sobre as idéias de Adolfo Coelho, apresentadas na segunda conclusão: as leis universais inerentes à mudança linguística. A segunda conclusão de Adolfo Coelho expõe por completo o seu pensamento no que respeita à génese das línguas crioulas<sup>150</sup>: “2.º Os dialectos românicos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos.”

É a partir desta conclusão que todos os estudiosos da crioulistica atribuem a Adolfo Coelho a formação da corrente universalista.

Nas notas complementares, publicadas em 1882, Adolfo Coelho refere num longo e explicativo parágrafo, quais os motivos do pouco trabalhar dos materiais obtidos<sup>151</sup>: “(...) preparávamo-nos para tratar de modo tão completo quanto o possível o assunto, quando o douto e perspicaz professor (...), o sr. Hugo Schuchardt, nos manifestou a intenção de se ocupar dos dialectos crioulos, (...); em virtude disso resolvemos limitarmo-nos a publicar, em forma de simples notas, os materiais colhidos (...), aguardando a publicação da obra do ilustre glotólogo alemão para tratarmos de novo e de modo mais completo a questão geral da *Formação dos dialectos crioulos*, com relação à qual não estamos inteiramente de acordo com o sr. Schuchardt.”

Deste parágrafo entende-se não só o que foi atrás por mim dito, mas também a diferença de opinião sobre a génese destas línguas. Também se retira a intenção de Coelho, que não

---

<sup>148</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 102.

<sup>149</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 104.

<sup>150</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 105.

<sup>151</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 109.

deseja trabalhar de maneira exaustiva os seus materiais e que pretende aguardar pelos trabalhos vindouros de Schuchardt, para poder aplicar a esses trabalhos a sua crítica.

As notas publicadas reúnem várias citações sobre os vários “dialectos” estudados por Coelho até então. Nas obras que forneceram as citações, o destaque é dado à constante citação de Lopes de Lima<sup>152</sup> (para os crioulos de co-origem portuguesa) e às comunicações de um senhor E. Teza (pessoa através da qual Adolfo Coelho teve acesso a muitos autores e seus livros). Embora as declarações de Lopes de Lima sejam dotadas de racismo e desprezo para com os vários idiomas, quer crioulos, quer africanos, essas declarações também fornecem alguns exemplos dos mesmos crioulos. Como por exemplo, os comentários recolhidos acerca do falar nas ilhas de S. Tomé e Príncipe<sup>153</sup> : “A linguagem que falam estes insulanos é uma algaravia boçal e indigesta, em que a língua portuguesa com seus arcaísmos do século XVI anda envasada nos barbarismos dos idiomas africanos da costa adjacente; (...) Quando se saúdam é usual perguntarem - «Que nova de Boê?» - ou Sum, que nova? – e a resposta é - «Está assim» -, ou - «Leve, leve» - ou «Está na conta de Deus».”

A maior parte dos materiais apresentados sobre crioulos de co-origem portuguesa é o de S. Tomé (embora hoje em dia se faça distinção entre Angolar e Sãotomense como as línguas da ilha de S. Tomé, no artigo de Adolfo Coelho não existe a referência em qual dos dois crioulos os textos surgem escritos). Entre eles (materiais) encontram-se versos, vinte provérbios e uma pequena tabela dos verbos Sê e Tê (Ser e Ter).

Outro “dialecto” com muita exposição neste artigo é o Português usado no Brasil. Após algumas citações e apresentação de alguns versinhos, que demonstram a junção do português ao tupi e ao africano, Adolfo Coelho cita um excerto do romance *Ataliba, o vaqueiro* de F. Gil Castelo Branco, seguido de uma carta “forjada por um conhecedor da linguagem dos matutos”.

São apresentadas ao longo do trabalho várias citações sobre o indo-português, o dialecto macaísta, o malaio-português, o português em Timor, para além de um capítulo sobre a influência lexicológica da língua portuguesa nas línguas orientais. Passando aos “Dialectos Espanhóis”, Adolfo Coelho refere citações sobre o Cubano, o Bogotano, o Quitano, o Simburano, o Peruano, o Cobijano, o Chileno, o Chiloeno, o Mexicano, o Zamboangano, o Manilhense e o Tunesino.

---

<sup>152</sup> Lima, *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas na África ocidental e oriental, etc.*

<sup>153</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 111.

Nas “Novas Notas Suplementares”, Coelho repete a sua abstenção sobre os materiais apresentados<sup>154</sup>: “Como nos artigos anteriores, não discuto algumas das opiniões contidas nas passagens comunicadas.”

Pela primeira vez, é expresso num parágrafo a intenção de coligir materiais sobre o Português de uma ilha açoriana<sup>155</sup>: “Um meu amigo, o sr. Arruda Furtado, naturalista distinto, ministrou-me dados valiosos para o conhecimento do português da ilha de S. Miguel, dados que darei à luz logo que tenha alguns elementos para o conhecimento das falas das outras ilhas do arquipélago açoriano.”

Pode-se entender desta afirmação, e do contexto em que ela surge, a tentativa de Adolfo Coelho em inserir os dados obtidos sobre o falar de S. Miguel nos “dialectos” crioulos. Pode-se dizer, como hoje se diz, que o português dos Açores já evoluiu no sentido dialetal. Porém, são inseridos na parte de um estudo sobre os crioulos. Daqui subentendo que a análise de Adolfo Coelho, sobre os dados fornecidos pelo seu amigo, iria no sentido da perspectivação do insular como um crioulo.

À imagem das anteriores notas, estas também apresentam citações, versos e canções, provindas de Cabo Verde, S. Tomé e Guiné (-Bissau). Adolfo Coelho aborda mais uma vez a problemática do Português do Brasil, reproduzindo um artigo seu, onde comenta a obra de J. Leite de Vasconcelos, *Dialecto brasileiro*<sup>156</sup>.

No ponto relativo ao indo-português de Singapura, são expostos os esforços de Schuchardt e seus (de Adolfo Coelho) na análise do indo-português, dando conta das 3 obras de Schuchardt e dos artigos adolfianos, especialmente sobre a variedade de Ceilão.

Há também a apresentação de mais de 50 frases relativas à ilha de Singapura, ditadas de memória por um padre, que lá estivera alguns anos. No final dessas frases, Adolfo Coelho faz uma análise fonética e semântica desse malaio-português. Sobre o “dialecto macaísta” há o agradecimento, em primeiro lugar, a um consócio da Sociedade de Geografia de Lisboa e a exposição, em segundo lugar, de alguns materiais: quadras, cartas, orações e os Dez Mandamentos em Macaense. Quanto aos crioulos de co-origem portuguesa são feitas mais dois sub-pontos baseados, essencialmente, em citações. O penúltimo sub-ponto foca o “português alterado da Guiana inglesa”. Há também um comentário acerca do facto de haver um outro crioulo, este com influência românica, num espaço onde é patente um crioulo de influência germânica. O último sub-ponto baseia-se nas imitações ou reproduções de dois

---

<sup>154</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 153.

<sup>155</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 153/ 154.

<sup>156</sup> Vasconcelos, *Dialecto brasileiro*.

tipos do português: “português negro ou mourisco.” Neste sub-ponto são apresentadas citações de Gil Vicente e do *Cancioneiro de Resende*.

Remetendo-se depois aos “Dialectos Espanhóis” (ponto II), Adolfo Coelho apresenta informações sobre o crioulo de Curaçao, de Nicarágua, sobre o Cubano, Bogotano, Quitano, Maracaibano e o crioulo das Filipinas. Os “Dialectos Franceses” (ponto III) são representados pelo crioulo do Senegal, da ilha da Reunião, da ilha Maurícia, do Francês do Canadá. Após estes crioulos, Adolfo Coelho passa aos crioulos de Luisiana (este com letras dos cânticos negros), da Guiana, de S. Domingos, de S. Tomás, da Martinica, da ilha de Trinidad e do crioulo do Aname. O ponto IV aborda a Língua Franca e o quinto ponto remete-se aos crioulos germânicos. Estas novas notas suplementares terminam com um sexto e último ponto intitulado de “Generalidades”.

No Post-Scriptum a estas notas, Adolfo Coelho refere os estudos em projecto: *Sobre o indo-português de Ceilão; Estudos sobre a formação dos dialectos crioulos; Revista dos estudos crioulos*; e, por fim, *Estudo sobre a existência numa mesma língua de elementos gramaticais de origem diversa*.

No último ponto do artigo é dito o seguinte<sup>157</sup>: “Como disse acima, até entre nós se fala já de dialectos crioulos, e, conquanto por via de regra não se mencione o meu nome, servem-se do que eu fiz, aproveitam os meus extractos sem dizer nada, reproduzem a terminologia que adoptei, significando assim que os frutos da minha investigação se tornaram bem comum.”

Aqui, Adolfo Coelho expressa-se, de certo modo, feliz pela sua contribuição aos estudos crioulos e pelo estado do desenvolvimento dos estudos em Portugal.

Procurando expôr o mais detalhadamente possível as abordagens feitas nas suas obras, resta-me chamar a atenção para o sub-ponto seguinte, onde procurarei dar uma ideia da sua contribuição a este campo científico e, no final, onde irei expôr as minhas opiniões sobre as mesmas obras em questão neste capítulo.

#### **4.2 O Contributo de Adolfo Coelho para a Crioulística**

Tal como foi afirmado no início da apresentação dos trabalhos crioulistas adolfianos e na opinião expressa por Ernesto d’Andrade e Alain Kihm na conferência *Adolfo Crioulista*, o valor desses trabalhos não é tido em conta pelos vários estudiosos contemporâneos. Ambos conferencistas chegam ao ponto de asseverar o seu valor actual e contemporâneo. De seguida, d’Andrade e Kihm ordenam de modo muito simplificado as duas correntes de debate sobre a

---

<sup>157</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 234.

explicação da relação entre crioulos e as línguas das quais os crioulos herdaram o vocabulário<sup>158</sup>:

“Por um lado, há os que consideram que a divergência é devida, no essencial, à interferência das línguas maternas faladas pelos futuros falantes de crioulo – numa palavra do substrato – através de um processo dito de “relexificação”. Segundo esta hipótese, os agentes da criouliização foram os adultos, levados como escravos ou submetidos a uma lei estrangeira. (cf. Lefebvre, 1986). Ao contrário, a outra teoria atribui um papel decisivo às crianças nascidas em condições de escravatura de plantação que, privadas de uma verdadeira língua materna, devido ao desenraizamento, tiveram que criar uma nova língua, o crioulo, a partir do léxico da língua dos mestres, não no sentido pedagógico, e da sua competência gramatical inata (daí o nome de *Language Bioprogram Hypothesis* ou *LBH*. Cf., entre outros, Bickerton, 1984).”

E deste ponto fazem a comparação<sup>159</sup>: “Na realidade, se a teoria «biológica» tem um antepassado, ele será o *alter ego* lisboeta do mestre de Graz, Adolfo Coelho.”

Os conferencistas desenvolvem o elogio a Coelho, enaltecendo o seu modo de trabalhar<sup>160</sup>: “O problema que se punha a Coelho, assim como aos outros crioulistas seus contemporâneos, era o de compreender o modo como os crioulos, manifestamente descendentes de línguas europeias tinham podido divergir tanto num espaço de tempo reduzido. (...) A hipótese da interferência, do substrato, é a que, de modo mais imediato, nos vem ao espírito, tanto mais que ela estava bem presente no «campo intelectual» da época. Ora, quer tenha quer não tenha razão, e nisso faz prova de audácia, Coelho recusa esta hipótese sem ambiguidade.”

Considerado por muitos estudiosos como o pai de uma das três correntes explicativas da génese crioulistica (o Universalismo), as principais ideias de Coelho centram-se nos dois princípios vistos no ponto anterior. Do Universalismo, o nome mais representante, porém, é Bickerton, com a sua tentativa de aplicação da teoria chomskyana ao campo das línguas crioulas em *Roots of Language* (1981). Uma das citações de Bickerton, onde se pode perceber a semelhança com as ideias de Coelho, encontra-se na página 289, onde ele defende a existência da capacidade inata da linguagem<sup>161</sup>: “If the present model is in essence correct, and if a creole-like language was the end product of a long period of biological evolution, then the overall capacity to produce languages of this type (itself a composite of neural

---

<sup>158</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 386/ 387.

<sup>159</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 387.

<sup>160</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 388.

<sup>161</sup> Bickerton, *Roots of Language*, p. 289.

capacities that preexisted any kind to language and neural capacities that were added as language evolved) must at that point (and for the rest of the life of the species, it should go without saying) have formed a part of the genetic inheritance of every individual member of the species. It would then unfold, as we have claimed, as part of the normal growth development of every child -- in most cases, being quickly overlaid by the local cultural language, but in a few, emerging in something not too different from its original form. It would merely require triggering by SOME form of linguistic activity from others -- how much, and of what kind, remains one of the most interesting questions we can ask about language -- which is why wolf children, who share our biological inheritance, cannot speak, and why the interesting experiments of Psammetichus, James IV, Frederick II, and Akbar the Great all failed.”

Alain Kihm expõe melhor este ponto de vista<sup>162</sup>: “Why, then, should creole languages born according to the LBH [Language Bioprogram Hypothesis] be perfect (i.e. optimal) at least in principle, i.e. abstracting from what they may have incurred in later years? That follows directly from the hypothesis. Indeed, creole languages in this theory are assumed to represent the actualization in the child’s brain not of some preexisting language, i.e. of some parameterization of UG [Universal Grammar], but of the language bioprogram itself (see Bickerton 1984).”

A estas afirmações respondem e criticam Khim e d’Andrade a teoria de Bickerton com o argumento<sup>163</sup>: “De facto, temos aqui um caso exemplar de intuição correcta – uma vez que é verdade que podemos adquirir uma língua, ou alguma coisa de uma língua, de ouvido, sem ensino explícito – mas absurda no contexto intelectual, que não possui as noções (faculdade de linguagem, gramática universal) que permitem racionalizá-la, isto é dizer que se é possível adquirir «espontaneamente» uma língua que se desconhecía é porque já a conhecíamos na sua essência.

É interessante constatar que a versão moderna da intuição de Coelho, a *LBH*, se encontra, no fundo, face a uma dificuldade da mesma ordem. É verdade que a criança de Bickerton, melhor equipada do que o «povo inferior» de há um século, dispõe do seu «bioprograma» linguístico para pôr estrutura nas ondas sonoras que chegam ao seu ouvido. Mas então porque é que em vez de adquirir completamente a língua do «povo superior» ela a crioula?”

Relegando a *LBH* para um segundo plano, uma das possibilidades de análise do legado de Adolfo Coelho no campo das línguas crioulas centra-se na sua visão e no primeiro esboço

<sup>162</sup> Kihm, *Are creole languages „perfect“ languages?*, p. 171.

<sup>163</sup> d’Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 389.

de uma genuína teoria sobre a génese dos crioulos. Nela ele prevê a semelhança entre a aprendizagem de uma segunda língua e a formação dos crioulos, num dos seus pontos<sup>164</sup>: “O importante para nós é que Coelho, com os meios conceituais do seu tempo, tenha produzido o primeiro esboço de uma verdadeira teoria da formação das línguas crioulas. Teoria em que ele vê claramente duas articulações essenciais: (a) o paralelismo entre a criouliização e a aquisição natural da linguagem; (b) a simplificação global devida à supressão quase total dos processos morfológicos (...) que podemos supor (mas isso é discutível) não fazerem parte da «*core grammar*», que produz naturalmente o bioprograma.”

Longe da disputa entre universalistas substratistas e superstratistas, há também a possibilidade de identificar o valor de Adolfo Coelho através de uma pequena recepção nas obras de autores posteriores. Uma dessas passagens pode ser lida em Bartens (McWhorter, 2000), onde ela descreve quais as medidas tomadas na recolha de material folclórico e dialetal do caboverdiano<sup>165</sup>: “Indeed, the local media have appealed to the population to collect folklore, and contemporary Cape Verdean linguists, especially Manuel Veiga and Eduardo Augusto Cardoso, are doing dialectological research. Ever since pioneering work by Coelho, Schuchardt, and Vasconcellos, the variety of Santiago has frequently been taken of the other varieties. In fact, the Santiago dialect often constitutes the only object of description, a tradition continued, e.g., by the German creolists Lang and Thiele.”

Aqui, Bartens tenta deixar claro que tanto os trabalhos de Coelho como os de Schuchardt, tiveram impacto e foram iniciáticos. O mesmo é afirmado por John Holm, relevando não só o papel iniciático de Coelho, mas também indicando a sua contribuição para o campo da génese dos crioulos<sup>166</sup>: “Coelho’s efforts led to a number of further studies of these varieties by other Portuguese philologists over the next fifty years, also done in the traditional manner of European dialectology of the period. However, Coelho is mainly remembered as the first to articulate a theoretical position on the origin of creoles which came to be called the universalist theory (...)”.

A questão em volta do contributo adolfiano para a crioulistica é uma questão em aberto, tal como Holm expõe<sup>167</sup>: “Meijer and Muysken (1977:25) conclude that “His analyses was not detailed enough, however, to warrant calling him a major precursor of modern creole studies” but Gilbert (1986a:16) sees the ideas “first hinted at by Coelho ... appearing in modern form in Bickerton’s LBH (language bioprogram hypothesis).”

---

<sup>164</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*, p. 390.

<sup>165</sup> Bartens, *Notes on componential diffusion in the genesis of the kabuverdianu cluster*, p. 45.

<sup>166</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 27.

<sup>167</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 28.



Tal como foi afirmado anteriormente, na introdução ao sub-capítulo, as ideias de Coelho tendem para a apresentação de uma orientação ou uma perspectiva em torno da formação das línguas crioulas. Uma das outras perspectivas é espelhada por Hugo Schuchardt.

## 5 A Crioulística de Hugo Schuchardt

Perante tão grande bibliografia dedicada aos estudos crioulisticos, Hugo Schuchardt tornou-se especialista nos crioulos de base lexical portuguesa. Da extensa obra de Hugo Schuchardt abordaremos todos os *Kreolische Studien I-IX*, não querendo indiciar pouco valor nos seus outros trabalhos (com destaque para os *Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch I – VI*).

Os nove estudos de Schuchardt abordam o “negro-português de S. Tomé” (I), o “indoportuguês de Cochim” (II), o “Indoportuguês de Diú”, a “língua de Benguela” (III), o “malaio-espanhol das Filipinas” (IV), o “inglês de Melanésia” (V), o “indoportuguês de Mangalore” (VI), o “negro-português de Annobom” (VII), o “annamito-francês” (VIII) e o malaio-português de Batavia e Tugu (IX).

### 5.1 Apresentação e Análise

Todos os *Kreolische Studien* foram editados nas *Sitzungsberichte* da Austríaca Academia das Ciências. No primeiro artigo de Schuchardt, o santomense é o objecto de análise, referindo, logo no início, a importância a dar aos dialectos crioulos portugueses.<sup>168</sup>

Ao fazer os seus agradecimentos a Manoel João da Silva e Costa pelo fornecimento de material sobre o crioulo santomense, Schuchardt refere a profissão do mesmo senhor e que aquele não tinha conhecimento ou uso do crioulo na sua vida quotidiana. Isto é, Silva e Costa teve o cuidado de fazer uma autêntica pesquisa de campo, não tendo conhecimentos sobre a maneira de abordar esse mesma pesquisa.

Após apresentar um pequeno relato sobre a história da ilha e sua população, Schuchardt analisa algumas cantigas, comparando-as com versões que Coelho nos seus *Dialectos* também publicara. Para fazer uma análise da gramática santomense, Schuchardt lança mão a conhecimentos provindos de outras áreas de estudo<sup>169</sup>: “Bei den folgenden grammatischen Bemerkungen werde ich einerseits das Capverdische zur Vergleichung heranziehen, so weit es mir aus dem von Coelho Gebotenen (hier ist fast ausschliesslich die Nüance von Santo

<sup>168</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie I*, p. 889.

<sup>169</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie I*, p. 894/ 895.

Antão vertreten), und dem Material, welches ich der Güte des Herrn Antonio Joaquim Ribeiro in Praia (auf der Insel Sant'Iago) verdanke, bekannt ist, anderseits die Nbandu- oder Angolasprache, für welche ich benutzen konnte: Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, *Diccionario da Lingua Bunda ou Angolense explicada na portugueza e latina*, Lisboa 1804, desselben *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda ou Angolense*, Lisboa 1805, und Dr. Saturnino de Souza e Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina, *Elementos Gramaticaes da Lingua Nbandu*, Loanda 1864.“

Schuchardt atenta para a alteração fonética do santomense, onde é “die Wirkung negrischer Einflüsse deutlich erkennbar und auf diese Weise manche Verben einstimmung mit anderen Negerpatois zu erklären.”<sup>170</sup> Schuchardt compara o santomense com o caboverdiano, o papiamentu e o mbundu, de modo a ter uma noção da evolução dos mesmos crioulos<sup>171</sup>: “Wie im Capverdischen scheint im Santomesischen das *v* zu fehlen, und zwar, wo es nicht etwa ausgefallen ist, durch *b* ersetzt zu werden (*bendedô*, *bô*, *bê*); die Schreibungen *livla*, *navi* würden ungenaue sein. Oder ist *v* im Inlaut geblieben? Auch im Curazoleñischen ist *b* für *v* ganz allgemein, doch wird öfters der Etymologie gemäss hier *v* statt *b* geschrieben. Meine Nbanduquellen bieten *v* und *b*.“

Schuchardt faz uma investigação detalhada às formações temporais, às alterações fonéticas, concluindo num sentido contrário das ideias de Coelho<sup>172</sup>: “Ich glaube, neben den allgemeinen Ursachen haben hier doch noch besondere mitgewirkt. Welche Bedeutung den von mir angegebenen Uebereinstimmungen des Santhomesischen mit den Angolensischen beizumessen ist, möge Coelho selbst erwägen. Er könnte leicht behaupten, sie seien nicht wesentlich, und mich auffordern, in der Verschiedenheit des Capverdischen und Santomensischen einen Reflex von der Verschiedenheit der nordwestlichen Neger Sprachen und der Bantusprachen nachzuweisen.“

À imagem do que foi dito na introdução a este ponto, o segundo artigo dos *Kreolische Studie* investiga o indo-português de Cochim, onde, em nota, agradece todos aqueles que lhe forneceram materiais, nomeadamente dois textos (um com excertos de conversas sobre o quotidiano, outro com uma tendência mais religiosa). Numa nota de rodapé, Schuchardt menciona que não há uma distinção nítida entre crioulo e português nos habitantes de Cochim<sup>173</sup>: “Ein sehr fragmentarische Exemplar des dritten Bandes des 'Rimas de J. X. Matos', welches mir ein in Cochim ansässige Herr als Document des dort gesprochenen Patois

<sup>170</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie I*, p. 895.

<sup>171</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie I*, p. 897.

<sup>172</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie I*, p. 913.

<sup>173</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie II*, p. 800.

schickte, lässt keinen Schluss darauf zu, wie weit man sich in jenem Stadt noch mit Portugiesisch über die engsten Kreise hinaus nicht bekannt ist.“

Depois da exposição dos dois textos, Schuchardt opina que o texto A (aquele de assuntos mais ligados à vida quotidiana) apresenta uma maior afinidade com o indo-português de Ceilão.

Outro ponto abordado neste trabalho é a questão ortográfica<sup>174</sup>:

“Insbesondere pflegt die Orthographie, sogar innerhalb einer und derselben Schrift, eine ausserordentlich inconsequente zu sein. Das Bestreben, die portugiesische Schreibung beizubehalten, herrscht z. B. in der Uebersetzung des Neuen Testaments von 1826 bis zu einem ungebührlichen Grade vor. Wo man von der Ueberlieferung abgeht, thut man wiederum oft nur halbe Schritte, und so begegnen uns viele Formen, welche weder echt portugiesisch, noch echt kreolisch sind. Aehnlich verhält es sich in unsern Texten.“

À imagem do primeiro trabalho, Schuchardt apoia-se em outros crioulos para tratar o de Cochim, colocando-o em contraponto com o macaense e o crioulo de Ceilão. Esse *modus operandi* torna-se distante do modo empregue pelos vários crioulistas portugueses da época, ou seja, comparar as línguas crioulas de mesma co-origem entre si. Os vários crioulistas da época contrastavam os vários crioulos com a língua materna (i.e., padrão) da altura.

No terceiro artigo sobre as línguas crioulas, Schuchardt reporta-se à extensão do indoportuguês, apoiando-se em dados fornecidos por Julien Vinsom, F. X. Corbet, nos quais se traçam as zonas de uso (sul da Índia, locais a norte de Bombaim e nas três antigas possessões portuguesas: Goa, Damão e Diu).<sup>175</sup>

Schuchardt refere os comentários de António Felix Pereira, que em “(...) Diu, Damão e Goa, ausschliesslich das reine Portugiesisch herrsche.”<sup>176</sup> Só após o estabelecimento de contactos é que Schuchardt teve acesso ao conhecimento do falar local. O contacto em Diu, Pedro Francisco d’O. Perry da Camara (governador de Diu), foi muito frutuoso. Embora não tendo conhecimento algum do modo de falar de seus conterrâneos, este tratou de recolher dados “des dort volkstümlichen Portugiesisch”<sup>177</sup>. Os textos fornecidos são originários de duas fontes distintas, sendo marcados pelo seu carácter linguístico<sup>178</sup>: “Die zuerst gesandten Materialien (B), besonders die Gespräche, sind gewiss aus dem Volksmunde geschöpft; aber theils scheinen die Personen selbst, denen sie abgehört wurden, im verschiedenen Graden das

<sup>174</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie II*, p. 810.

<sup>175</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 3.

<sup>176</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 3.

<sup>177</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 4.

<sup>178</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 4.

eigentliche Kreolisch mit dem Portugiesisch gemischt zu haben, theils ist die Aufzeichnung für das Befremdliche und Mannichfaltige verantwortlich zu machen.“<sup>179</sup>

No segundo texto há a tradução de um texto bíblico (a parábola do filho pródigo), uma vez que apresenta algumas vantagens do ponto de vista linguístico<sup>180</sup>: “In diesem Text (A) herrscht eine fast vollkome Consequenz; der, welcher ihn niedergeschrieben hat, beantwortet auch einzelne von mir an B angeknüpfte Fragen und es ergibt sich, dass ihn hier Ein und das Andere fremd ist.“

Prendendo-se com a designação do português falado em Diu, Schuchardt opta pela exploração semântica dos mesmos termos designativos<sup>181</sup>: “Diese Proben werden ausdrücklich als solche des portuguez crioulo oder castiço von Diu bezeichnet. Das Wort castiço scheint hier eine Bedeutung zu haben, welche mit seiner ursprünglichen im Widerspruch steht. Nach den portugiesischen Wörterbüchern ist ein castiço ein in Indien von portugiesischen Eltern Geborener; an die Stelle des Gegensatzes zum Eingeborenen trat wohl schon früh der Gegensatz zu dem europäischen Portugiesen, dem reinol; s. J. Lang The Portuguese in North India, Calcutta Review V, 255 (June 1846). Ob Dieser Ausdruck nach weiter im Werth gesunken ist und etwa, wie sonst in Indien der Name topaz, sich auf einen Mischling oder ganz einem portugiesirten Inder bezieht, vermag ich nicht zu sagen.“

Schuchardt, antes de fazer a apresentação dos dois textos, estabelece já uma diferença relacional<sup>182</sup>: “Das Kreolische von Diu unterscheidet sich, wie ich später im Einzelnen zeigen werde, weit mehr von dem von Ceylon als das von Cochim.”

Na análise dos dois textos, Schuchardt procura manter uma posição indefinida quanto à influência do Hindustani e do Gudscherati no Indoportuguês, com devida exceção feita ao léxico<sup>183</sup>. Prosseguindo a mesma análise, o professor de Graz expõe as características mais marcantes dos dois textos<sup>184</sup>: “A zufolge fällt jeder unbetonte auslautende Vocal (in mehrsilbigen Wörtern) ab; offenbar drückt B denselben Sprachzustand aus, gleitet nur vielfach in die portugiesische Schreibung hinüber, so dass manche Wörter in doppelter Form erscheinen (corpo corp, muito muit, para par).”

E termina a sua percepção do indoportuguês com o seguinte apontamento à ordem frásica<sup>185</sup>: “Die Worstellung weicht selten von der in den Kreolischen Mundarten

---

<sup>179</sup> Hildo Honório do Couto também aborda esta questão da multiplicidade de níveis dentro do mesmo crioulo, desta feita aprofundando-se no crioulo guineense.

<sup>180</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 4.

<sup>181</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 5.

<sup>182</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 5.

<sup>183</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 14.

<sup>184</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 14.

<sup>185</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie III*, p. 17.

gewöhnlichen ab; nicht nur, dass das Subject dem Verbum nachsteht, wie A12, es steht auch das Object dem Verbum voran, so B I, 10. 28. 35. 68. 72 (depois Malála vai, 'dann werde ich nach Malála gehen') selbst der Infinitiv vor dem ihn regierenden Verbum (macurá podê ruví culat, 'Weh thun kann eine Ameise dem H.' B1, 53). Im Hindustani ist die Stellung des Objects (und auch des abhängigen Infinitivs) vor dem Verbum die durchaus regelmässige, während das Subject an der Spitze des Satzes zu stehen pflegt (J. Platts, A grammar of the Hindustani, S. 228), so dass man z. B. so ordnen würde: «Die Leute grosse Steine in das Boot zu werfen begannen».

No IV artigo dos *Kreolische Studien*, no qual é analisado o malaio-espanhol, o “pai da crioulistica” destaca a quantidade de falantes nas várias províncias filipinas. Acerca de uma dessas províncias, Schuchardt indica a origem dos “espanhóis” lá residentes, nomeadamente ameríndios mexicanos e mestiços. É também apresentado um pequeno excerto da obra de Francisco Vila, *Escenas filipinas*, onde é exposto o seguinte<sup>186</sup>: “(...) gracias á nuestro sistema colonial, que consiste en la absurda assimilacion de las colonias á la madre Pátria, por distantes, por antagónicas que sean á nuestro modo de ser, en las escuelas se está enseñando á los filipinos el castellano, amenazando así de un golpe á la pureza y gallardía de nuestra lengua y á la existencia de las linguas filipinas.”

O comentário de Schuchardt sobre a situação linguística indica não a criação de um crioulo, mas uma espécie de pidgin contínuo<sup>187</sup>: “Dieses español de cocina nun – wie es meistens genannt wird – oder español de tienda, del Parian, de trapo – welche Ausdrücke wenigstens zu Manila gebräuchlich sind – besitzt für den Sprachforscher ein hohes Interesse. Es ist kein fertiges Patois, wie das Portugiesische von Macao oder Malacca, es existirt in den mannigfachsten Abstufungen, mit grösserer oder geringerer Annäherung an die spanische Grammatik, mit grösserer oder geringerer Verwendung malaiischer Wörter; aber es ist ein geläufig gesprochenem Jargon, der zwischen vielen Indiern, mit Hintansetzung der angestammten Sprache, das regelmässige Unterhaltungsmittel bildet; es besteht eine Art Ueberlieferung, es macht sich ein breiter Durchschnitt bemerkbar; die Spanier müssen sich an dies 'Küchenspanisch' gewöhnen und sich ihrerseits zu einer vermittelnden Sprechweise bequemen.“

Para poder aprofundar e esclarecer o malaio-espanhol, Schuchardt, apoiando-se na obra de José Montero y Vidal, *Cuentos filipinos*, comenta sobre as camadas sub e superstráticas<sup>188</sup>: “Zunächst glaube ich, dass der culturelle Unterschied zwischen dem niedrigen und dem höher

<sup>186</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IV*, p. 112.

<sup>187</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IV*, p. 113.

<sup>188</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IV*, p. 124.

stehenden Volke, dessen Sprache jenes erlernt, bei der Entwicklung der kreolischen Idiome überhaupt keine so wichtige Rolle spielt, wie man gemeint hat, und dass er im vorliegenden Falle ganz ausser Acht zu lassen ist.“

Referindo-se ao contacto linguístico, que tanto o marcou no debate contra os neogramáticos, Schuchardt exprime de imediato<sup>189</sup>: “Eine Sprache beeinflusst eine andere auf oberflächliche Weise, auf mechanische, auf geistige Weise, indem sie an dieselbe von ihrer Aussprache, von ihrem Wortschatz, von ihrer innern Form abgibt.”

Questionando de certa forma o seu próprio método de trabalho, Schuchardt profere uma dúvida quanto à redacção dos materiais e quanto ao uso social do filipino<sup>190</sup>: “Die Bezüge des Küchenspanischen aus dem tagalischen Wortschatz sind durchaus schwankend und willkürlich (vgl. z. B. cosa mabuti 'schon recht', 'sehr gut', 'recht schön', 'es gefällt mir' Blumentritt, Phil. Vocab.), nun fragt es sich, ob in wirklichkeit tagalische und spanische Wörter und Sätze so durcheinander gemischt werden, wie das in manchen Büchern geschieht.“

O “Negerportugiesisch” de Annobom é o tema dos *Kreolische Studien VII*<sup>191</sup>. Embora não possuindo muitas informações (algumas das quais através da obra de d’Avézac), o material que Schuchardt submete a seu exame provém de um missionário, Padre Isidro. Este material é uma “Sammlung von Gesprächen und Gesprächesfragmenten nebst spanischer Uebersetzung, sowie zwei Stücke geistlichen Inhalts, die indessen wie es mit derartigem zu geben pflegt, nicht in Kreolisch sind, sondern in kreolisiertem Portugiesisch.”<sup>192</sup>

Na análise, Schuchardt infere quais as possíveis semelhanças do Annobonense com outros crioulos<sup>193</sup>: “Das portugiesische Kreolisch von Annobom ist dem der nächstliegenden, innerhalb 200 kilometer entfernt, Insel S. Thomé ziemlich ähnlich, vielleicht ähnlicher, als man bei der fast gänzlichen Abgeschlossenheit, in welcher die Annobonner seit so langer Zeit sich befinden, erwarten sollte.

Wir haben wohl anzusehen, dass ein fertiges Kreolisch von dem schon im 15. Jahrhundert colonisierten S. Thomé nach Annobom verpflanzt worden ist und sich hier weiter entwickelt hat; in ähnlicher Weise hat sich ja das französische Kreolisch von Mauritius von dem der Schwesterinsel Bourbon abgezweigt.“

---

<sup>189</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IV*, p. 125.

<sup>190</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IV*, p. 125.

<sup>191</sup> Foi optado não analisar os *Kreolische Studien V e VI*, dado estes não possuírem dados sobre a perspectiva teórica schuchardtiana.

<sup>192</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 194.

<sup>193</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 199.

Na tentativa de encontrar pontos de ligação entre os dois crioulos, Schuchardt desvia-se para a questão ortográfica<sup>194</sup>: “Vor Allem wäre ich über die orthographischen Principien gern aufgeklärt gewesen. Wo es sich um Laute handelt, die das Spanische nicht besitzt, scheinen spanische Zeichen und Zeichenverbindungen in einem Sinne verwendet zu werden, dem sie im Portugiesischen haben, und daneben in ihre spanischen Sinne, so Ñ zum Ausdruck des Nasalsvocals: gañ, ineñ (compañi, siñá), CH = š: chincu, chinu (chi, danchi).“

No “Nachtrag”, Schuchardt refere o contacto in loco com o padre missionário em Espanha, que lhe fornece os materiais de Annobom. Desse contacto, o alemão indica que “Schliesslich begann Padre Isidro Schule zu halten und dabei fand er die Gelegenheit, Aufzeichnungen über die Sprache zu machen; er lehrte das Spanische unter der Bedingung, dass ihm das Kreolische beigebracht würde. Doch gesteht er ein, auch auf diese Weise nicht allzu viel erreicht zu haben, vor Allem war es schwer, das Lautliche richtig zu erfassen, da die Annobonner sehr rasch sprechen; übrigens waren die Männer noch besser zu verstehen als die Frauen (‘los hombres pronuncian con más claridad y distinción las finales, y se aproxima más su lenguaje al idioma português que el de las mujeres’).“<sup>195</sup>

No Nachtrag também é lançado um apelo<sup>196</sup>: “Bei allem dem betrachte ich die im Folgenden einigermaßen ergänzten Mittheilungen als höchst Werthvoll; es fragt sich sehr, ob sie nicht die einzigen über das Annobonische bleiben werden. Denn wenn ihnen nicht binnen Kurzem andere folgen, so wird man voraussichtlich auf der Insel jenes portugiesische Kreolisch entweder gar nicht mehr oder stark abgeändert vorfinden.“

Acerca da questão ortográfica anteriormente levantada por Schuchardt, surge uma passagem interessante, onde é feita uma pequena descoberta quanto à permuta ortográfica<sup>197</sup>: “Meine Vermuthung, dass der Missionär ein eingeborener Catalane sei und daher das catalanische mit dem castilianischen Schriftsystem verbunden habe, wurde mir von ihm selbst bestätigt (er stammt aus der Provinz Gerona). Er habe caix, teix und zuweilen teitj geschrieben, weil der Auslaut dieser Wörter, obwohl von den Einen etwas stärker, von den Andern etwas schwächer gesprochen, dem von cat. calaix, fresquetj oder dem engl. sh gleich sei.“

Mais uma vez, a ligação entre o Annobonense e o Sãotomense volta a ser focada. Desta vez, porém, dentro do espaço semântico e das línguas Bantu<sup>198</sup>: “Der annobonische Wortschatz scheint auch in seinen afrikanischen Elementen wesentlich mit den

<sup>194</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 200/ 201.

<sup>195</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 219.

<sup>196</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 219/ 220.

<sup>197</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 220.

<sup>198</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie VII*, p. 225.

santhomesischen übereinzustimmen. Diese müsste denn vor Allem auf ihre nähere Herkunft, auf ihre Zugehörigkeit zu den oder jenen Bantudialekte untersucht werden. Ihre Zahl ist eine grössere, als die von Annobom und S. Thomé gebotenen Sprachproben ansehen lassen; sie dienen begreiflicher Weise besonders als Bezeichnung von Dingen, welche das Land oder das Volk charakterisieren, und so findet man deren viele in den angeführten Werken über S. Thomé (und Principe) von Pinheiro, Nogueira, besonders aber von Ribeiro.“

No último artigo dos *Kreolische Studien* (e o último da série), Hugo Schuchardt propõe-se analisar o malaio-português de Batavia e Tugu. Neste fascículo, há o retorno a uma velha questão para Schuchardt (a escrita)<sup>199</sup>: “Der wissbegieriger Gästner George Meister, welchen, wie er in S. 46 mittheilt, schon nach zwei Jahren – er befand sich im Ganzen von Ende 1677 bis Ende 1687 in Ostasien, vor Allem zu Batavia – der 'portugiesischen', ebenso wie der malaiischen, javaschen und balischen Sprache mächtig geworden war, beeinflusst gewiss, als er dies Gepräch niederschrieb, keine Erinnerungen an das Hochportugiesische (etwa *sihonor* = *senhor* ausgenommen), wohl aber – wenigstens in der Schreibung – solche ans Latein und auch ans Französische (*ille, ego, supra, homines, animales, pœna, bene, frige, frigidad, possible, aussi, pour, fortresse, mersi* u. s. w.) Dabei wirkte vielleicht die dunkle Vorstellung mit welcher die meisten Laien von einem Jargon haben, dass nämlich derselbe aus verschiedenen Sprachen zu annähernd gleichen Theilen zusammengesetzt sei, weshalb sie sich dann selbst vorkommenden Falles durch eine möglichst bunte Mischung verständlich zu machen glauben.“

E dentro do mesmo tema, refere a possibilidade de interferências por parte da língua/dialecto materno<sup>200</sup>: “Die thüringische Aussprache des Schreibers ist nun vor Allem daran schuld dass das Kreolische hier so unerkennlich gemacht ist.”

Na procura de um malaio-português ainda presente e vivo, Schuchardt entra em contacto com várias pessoas e companhias comerciais, sendo informado da existência de um malaio-português em Tugu, que se distanciava muito do português padrão<sup>201</sup>: “Ich wandte mich an das Bataviaasch Genootschap van Kusten en Wetenschappen mit der Anfrage ob zu Batavia oder anderswo auf Java das Portugiesische noch fortlebe. Darauf wurde mir zuerst (August 1884) ein Lied geschickt welches in dem von Batavia einige Stunden entfernten Tugu von den daselbst wohnenden portugiesischen Kreolen gesungen werde. Herr Benkhoff, Pfarrer zu Depok (auch in der Nähe von Batavia), bestätigete dann ausdrücklich der Gesellschaft das Vorhandensein eines portugiesischen Jargons zu Tugu (das

---

<sup>199</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 14/ 15.

<sup>200</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 15.

<sup>201</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 20.



Hochportugiesische werde dort nicht verstanden) und sandte Proben denselben ein, die mir übermittelt wurden (November 1884).“

Na página 147, Schuchardt expõe as suas conclusões sobre a relação entre as várias línguas crioulas formadas com a participação do Malaio e de duas línguas ibéricas (o Português e o Castelhana)<sup>202</sup>: “Wer in dem Tagalospanschen, der Bezeichnung 'Malaiospanisch' zufolge die ich ihn Kreol. Stud. IV gegeben habe, eine besonders lehrreiche Parallele zum Malaiospanischen zu finden erwarten sollte, der würde sich getäuscht sehen; so nahe ist der Koeffizient des einen dem des andern nicht verwandt. Und in noch weiterer entfernung bleibt das von L. Adam als 'Malaio-arisch' angesprochene Kreolische Französisch der Maskarenen.“

Fazendo uma interpretação *avant la lettre*, Schuchardt aponta, de modo indirecto, para a importância do plano social como remodelador do plano linguístico<sup>203</sup>: “Hat aber nicht etwa das Malaiische (i. e. S.) auf die Sprache der späteren europäischen Gewalthaber von Java in ähnlicher Weise einzuwirken vermocht wie auf die der früheren? hat sich, kurz gesagt, nicht ein Malaioholländisch entwickelt? Darauf ist ebenso kurz zu erwidern: 'Nein'. Was das Kreolische Portugiesisch unter der neuen Herrschaft an Raum verlor, das gewann das Malaiische; die Rolle des Holländischen diesem gegenüber ist kaum eine andere als sie vor zwei Jahrhunderten jenem gegenüber war.“

Procurando entender as bases do crioulo, Schuchardt decide explorar os níveis diatópicos do Malaio. Schuchardt indica várias formas de Malaio consoante as várias regiões. No caso do Malaio-português, o Malaio de Java influenciou a formação da língua crioula. Estes níveis diatópicos confundem-se com os níveis diastráticos da mesma língua/variante. Assim, e tal como Schuchardt procura apresentar, de cinco tipos diferentes de Malaio (Java) era o nível mais baixo usado pelos europeus, com intenções comerciais na região<sup>204</sup>. Dessa exploração resulta uma questão, que o próprio Schuchardt deixa em aberto<sup>205</sup>: “Weist es nun eine so grosse oder so beschaffene Mischung auf wie sich im eigentlichen Malaiisch, insbesondere im BM [Batavia Malaiisch] auch nicht annähernd wiederfindet? ist es etwa seinem innersten Wesen nach dem Malaiischen so entfremdet wie das Asioporgugiesische dem Portugiesischen, oder ist es gar in Anbetracht seiner äusseren Umstände, nämlich dessen das es nur als Verkehrssprache, nicht als Muttersprache fortlebt, mit dem Pidginenglischen auf eine Stufe zu stellen?“

---

<sup>202</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 147.

<sup>203</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 147.

<sup>204</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 152.

<sup>205</sup> Schuchardt, *Kreolische Studie IX*, p. 155.

## 5.2 **O Contributo de Schuchardt para a Crioulística**

O contributo de Schuchardt para o estudo das línguas crioulas é inquestionável. De tal maneira, que é apontado como o pai da crioulística ou como um dos iniciadores dos estudos crioulos<sup>206</sup>: “Das Interesse für die Komparationsstrukturen der portugiesisch lexifizierten Kreolsprachen reicht von den Anfängen der Kreolistik bis in die Gegenwart. So beschäftigten sich 'Urväter' der kreolistischen Sprachvergleich, wie Schuchardt (vgl. u.a. 1882) und Dalgado (vgl. 1900, 1906) bereits ebenso mit diesem Phänomenbereich wie in der neueren Zeit beispielsweise Hancock (1973) und Boretzky (1983).“

A sua visão dos crioulos serviu também de arma contra os neo-gramáticos, na medida em que ele (Schuchardt) apresenta estas línguas como fruto de interação linguística. Ou como Ingo Plag refere<sup>207</sup>: “The relationship between creolization and language change has been in the focus of creole studies since Schuchardt cited creole languages as evidence against neo-grammarians doctrine. In his debat with Meillet (cf. e.g. Meillet 1914, Schuchardt 1917), Schuchardt argued that the mixed nature of creole languages invalidates the genetic model, whereas his opponent regarded creoles as direct descendants of their lexifier language. According to Schuchardt, creoles cannot be classified in language family trees, because they have no direct genetic link to their lexifier and substratum languages.”

É a partir desta perspetiva que o trabalho de Schuchardt se desenvolveu. As pesquisas de Schuchardt incidiram, inicialmente, sobre os crioulos de base lexical portuguesa. Sobre este ponto, Thiele narra o seguinte<sup>208</sup>: “Die Anfänge linguistischer Beschreibung der PBK Westafrikas reichen bis in das vergangene Jahrhundert zurück. So veröffentlichte bereits 1880 (1882, 1886) der Portugiese Coelho im «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» eine linguistische Studie zu den PBK mit dem Titel «Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América».

Zwei Jahre später erschien die erste deutschsprachige Arbeit zu dieser Problematik von Hugo Schuchardt, der heute aufgrund seines umfassenden theoretischen Schaffens als Begründer der Kreolistik angesehen wird. In der Folgezeit beschrieb er in den «Kreolische Studien» sowie in den «Beiträgen zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch» die einzelnen, von ihm als 'Negerportugiesisch' bezeichneten Kreolsprachen São Tomés (1882), Senegambiens (1888), der Kapverden (1888) und der Insel Príncipe (1889). Darüber hinaus

---

<sup>206</sup> Thiele, *Portugiesisch-basierte Kreolsprachen*, p. 21.

<sup>207</sup> Plag, *Creolization and language change*, p. 3.

<sup>208</sup> Thiele, *Kabuverdianu*, p. 22.

hat Schuchardt auch die asiatischen PBK sowie eine Vielzahl von Kreols mit französischer, englischer, spanischer und niederländischer lexikalischer Basis in extenso analysiert.

Obgleich er sich ausschliesslich auf die Auswertung schriftlicher Quellen stützte und keine eigene Feldforschung betrieben hat, haben viele seiner Arbeiten bis heute kaum an Aktualität verloren.“

Os seus trabalhos não só mostram a actualidade das afirmações adolfianas, mas também espelham a controvérsia teórica entre seus contemporâneos<sup>209</sup>: “Tension between the opposing theories of Coelho and Adam – as well as many new ideas – can be found throughout the work of the German linguist Hugo Schuchardt, who published some forty articles and reviews on pidgins and creoles totaling almost 700 printed pages between 1880 and 1914. Widely acknowledged as the father of creole studies, Schuchardt has been described as having «the richest and most complete perception of creoles of any single scholar up to the present» (Meijer and Muysken 1977:28).”

Acerca da extensão dos seus trabalhos a nível científico, DeGraff explica e esboça a amplitude das ideias schuchardtianas<sup>210</sup>: “Similarly, for Schuchardt (1909) the structural output of language contact is partly determined by “external circumstances,” of a sociohistorical nature. Meillet’s and Schuchardt’s observations antecede Weinreich, Labov, and Herzog’s (1968, 176 ff.) embedding problem qua “need for social realism”.”

DeGraff refere ainda sobre a conexão entre a crioulistica e a mudança linguística<sup>211</sup>: “At the turn of the century, Schuchardt (see Gilbert 1980b) used evidence from creole languages, as many others have since, in attempts to refuse the Neogrammarian Stammbaumtheorie (“family-tree theory”) according to which the parentage of each language goes through a single ancestor; in this theory, languages reproduce asexually, so to speak (see Thomasson and Kaufman 1988 for a critique and alternatives). With massive language contact in their histories, creoles clearly belie the Stammbautheorie’s “one parent per language” assumption.”

Pieter Muysken e Norval Smith expõem esta mesma visão de uma outra perspectiva<sup>212</sup>: “Creole studies originated as a systematic field of research over a century ago, with Schuchardt’s (1842-1927) important series of articles. These started as an attempt to account for a more complex set of developments in the history of the Romance languages than was possible in the Neogrammarian preoccupation with the regularity of sound change.”

---

<sup>209</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 29.

<sup>210</sup> DeGraff, *Language creation and language change*, p. 11.

<sup>211</sup> DeGraff, *Language creation and language change*, p. 13/ 14.

<sup>212</sup> Arends, Muysken & Smith, *Pidgins and creoles*, p. 9.

Regressando a Holm, este aborda Gilbert sobre a influência exercida por Coelho em Schuchardt<sup>213</sup>: “Coelho’s publications caught Schuchardt’s interest and he took on the task of analysing the material from Coelho’s correspondents and later his own. Between 1882 and 1885 Schuchardt wrote to some 343 colonial administrators, missionaries, journalists, and other educated people living in areas he considered likely to have pigin or creole languages (Gilbert 1984).”

Adiante, Holm refere ainda qual a sua posição em relação às duas grandes teorias da génese crioula<sup>214</sup>: “Schuchardt’s position on the origin of the creole features lay somewhere between Coelho’s extreme universalist theory and Adam’s extreme substratist theory; as Gilbert (1980:6) points out, Schuchardt generally tried to account for particular creole features on a case-by-case basis.”

Concluindo da seguinte forma, alegando qual o verdadeiro entendimento que deve ser dado ao trabalho do alemão<sup>215</sup>: “Moreover, it was not Schuchardt’s style to make explicit pronouncements on theory, although he clearly recognized the importance of theoretical orientation, and his own understanding of the basic issues in the origin and development of a pidgin and creole languages deepened and natured throughout his long career. However, much of his thinking has to be inferred from what he did and how he did it.”

## 6 A Crioulística de Leite de Vasconcelos

Leite de Vasconcelos não se dedicou exclusivamente à crioula. O grande campo deste estudioso era a antropologia. Para entender a sua relação com as línguas crioulas temos que recordar a definição da época dada às mesmas: dialectos crioulos. Partindo dessa noção, pode-se estabelecer uma relação com a obra vasconceliana, iniciadora de toda a tradição dialectológica portuguesa: *Esquisse d’une dialectologie portugaise*.

### 6.1 Apresentação e Análise

Na obra que lhe concedeu o título de doutor pela Universidade de Paris, Leite de Vasconcelos procura abranger de modo mais ou menos aprofundado todos os dialectos portugueses. Ou seja, a designação “todos os dialectos portugueses” implica os diferentes dialectos continentais, os dialectos insulares, os vários dialectos ultra-marinos, o português dos judeus e os co-dialectos portugueses.

Para os dialectos registados no continente, Leite de Vasconcelos estabelece, logo no início, três divisões: Norte (envolvendo as províncias Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-

---

<sup>213</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 29/ 30.

<sup>214</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 30.

<sup>215</sup> Holm, *Creoles and pidgins*, Vol. I, p. 31.

Montes), Centro ( abrange as províncias da Beira Litoral e Interior) e Sul (constituída pelas províncias da Estremadura, Alentejo e Algarve). Na sua classificação, Vasconcelos parte do português padrão para as várias realizações fonológicas, morfológicas, sintáticas e léxicais.

Sobre os dialectos insulares, muito pouco é afirmado. A única excepção é a comparação dos falares das ilhas da Madeira e dos Açores com os falares do Sul do país continental, para apresentar uma possível origem<sup>216</sup>: “Les parles insulaires, comparés à ceux du continent, se dénoncent (surtout celui des Açores) comme originaires du Sud du Portugal.”

Nos dialectos ultra-marinos são considerados todos os falares dos locais onde a presença da língua lusitana se fez sentir. Neste grupo inclui-se o dialecto brasileiro, no qual (grupo) são feitas anotações à fonética, à morfologia, à sintaxe, ao léxico e a sub-dialectos, frutos da “son extension et de la variété des races qui le pleupent (...)”<sup>217</sup>.

O termo indo-português representa para Leite de Vasconcelos as formas de português faladas dentro da própria Índia, sendo o português de Ceilão analisado à parte. Mesmo assim não é dada qualquer justificação para tal decisão. Sobre o dialecto de Diu, Vasconcelos refere-se ao trabalho já feito por Hugo Schuchardt, retirando das várias afirmações no *Kreolische Studien III* material para a análise do mesmo português. Nessa análise, Leite de Vasconcelos indica o total populacional e faz um levantamento das línguas existentes no local. No caso de Diu, “Population de Diu (chrétiens et indigènes): 12785 habitants. Outre le portugais, on parle à Diu le goujerati (et l’arabe). Nous y avons des écoles de portugais et de goujerati.”<sup>218</sup> A população do “distrito” de Damão é de 64248 em 1887, segundo os dados fornecidos por A. F. Moniz<sup>219</sup>. Do mesmo livro, Leite de Vasconcelos retira informações para o seu estudo, afirmando que “Ce n’est que celle-ci qui est en vrai créole; les chansons sont les unes en portugais pur, les autres en demi-créole.”<sup>220</sup> Leite de Vasconcelos também apresenta o dialecto «norteiro» ou «portugais des Norteiros», ou seja, o falar dos habitantes costeiros do Noroeste indiano, em pleno território inglês. Para limitar este grupo, Leite designa as populações de Bombaim, Mahin, Baçain, Chaoul, Bandora e a ilha de Salsete. Leite deita mão à obra de Sebastião Dalgado<sup>221</sup>. Sebastião Dalgado também serve de ponto de partida para a análise do português de Goa. Leite conclui, dessa obra, que de uma população de 494836 habitantes, “La rezistance indigène a été trop grande pour qu’un dialecte créole pût a former; toutefois, le portugais de Goa présente certaines particularités dialectales, pour ne pas parler

---

<sup>216</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 130.

<sup>217</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 134.

<sup>218</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 136.

<sup>219</sup> Moniz, *Noticias e documentos para a historia de Damão*.

<sup>220</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 137.

<sup>221</sup> Dalgado, *Dialecto Indo-Português de Ceylão*.

du lexique, fortement imprégné des éléments hindous.”<sup>222</sup> Acerca dos dialectos crioulos de Mangalor, Cananor, Mahé, Cochim e da costa de Coromandel são apresentados alguns traços, estes provenientes dos trabalhos de Hugo Schuchardt.

Tal como é referido por Leite, o “dialecto crioulo” de Ceilão é separado dos outros dialectos indo-portugueses “par son importance littéraire”<sup>223</sup>. E adianta mais<sup>224</sup>: “Aucun de nos dialectes créoles ne possède aussi une abondante littérature que celui de Ceylan; cette littérature est cependant essentiellement religieuse. On a également écrit sur le dialecte de Ceylan plusieurs travaux, les uns destinés à l’étude pratique (des grammaires et des dictionnaires), les autres scientifiques.”

Acerca deste “dialecto crioulo” são usados apontamentos feitos pelo próprio Vasconcelos do conhecimento travado com dois indígenas em 1900 na Exposição Mundial realizada em Paris. Estes apontamentos contêm informações relativas à fonologia, sintaxe e morfologia.

O dialecto macaísta faz uma abordagem, num primeiro momento, ao censo populacional, no qual constavam, em 1896, cerca de três mil portugueses, setenta e quatro mil chineses e apenas cento e sessenta e um estrangeiros. Vasconcelos reafirma também a proveniência do seu material analítico<sup>225</sup>: “Presque tout ce que je vais dire a pour base les observations que j’ai faites moi-même dans le langage d’un indigène de Macao.”

Para além de abordar os aspectos fonológicos e morfológicos, o dialectólogo português esclarece também o seguinte<sup>226</sup>: “A côté du «macaísta» proprement dit, ou dialecte créole de Macao, on emploie un langage à prétentions littéraires, qui rappelle plus ou moins le portugais usuel; il y a en outre un portugais parlé par les Chinois. Le «macaísta» de la seconde catégorie correspond au «demi-créole» ou «créole-mixte» de M. Schuchardt, et c’est cette variété qui sans doute apparaît le plus souvent dans les textes. Le *portugais des Chinois* correspond au *portugais des Nègres*.”

Leite de Vasconcelos também faz menção aos malaios-português de Java, Malaca e Singapura. Sobre o malaio-português dos três locais, naquela altura território holandês e inglês, Leite faz alguns apontamentos aos trabalhos de Schuchardt e Coelho, sem inserir novos materiais ou expressar o seu ponto de vista.

---

<sup>222</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 139.

<sup>223</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 144.

<sup>224</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 145.

<sup>225</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 148.

<sup>226</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 149.

O português timorense é apresentado não como um dialecto crioulo, mas como um forma de falar nascida de um “dialecto crioulo”, o macaísta, justificando-o assim<sup>227</sup>: “Selon les renseignements que m’a donné M. le Lieutenant-Colonel Rafael das Dores, qui a été à Timor quatre fois, et qui y a habité la première fois pendant trois ans, il n’y a pas un dialecte créole portugais proprement dit.”

Leite de Vasconcelos faz a citação de uma passagem nessas cartas, onde é exposto o seguinte<sup>228</sup>: “Alguma raparigas, vindas do interior para criadas, e servindo em casa de pessoas de Macau residentes em Timor, aprendem palavras do *crioulo macaísta*, mas tanto essas raparigas, como as próprias pessoas de Macau, com o tempo chegam a fallar o português como nós, o que eu observei, e mesmo se nota em Macau nas senhoras que regressam de Timor.”

O caboverdiano é o “dialecto crioulo” mais estudado das várias línguas crioulas. Esse prestígio, digamos assim, também está patente em Leite de Vasconcelos, uma vez expressa a necessidade de se limitar na sua análise<sup>229</sup>:

“Il y a plusieurs études publiés sur le dialecte ou les dialectes créoles du Cap-Vert; je possède moi-même beaucoup de matériaux inédits. (...) Je suis forcé d’abrégé ici le plus possible.”

A análise feita à língua crioula é reduzida somente ao plano fonológico.

Possuindo materiais por ele mesmo recolhidos dos crioulos do golfo da Guiné, Vasconcelos traça um curto perfil histórico da ocupação das várias ilhas (São Tomé, Príncipe, Fernando Pó e Ano-Bom). Porém, na sua análise restringe-se a elementos fornecidos por Schuchardt<sup>230</sup> (Príncipe) e Almada Negreiros<sup>231</sup> (São Tomé).

Saindo do campo das línguas crioulas, é dado a conhecer o português dos refugiados judeus nos Países Baixos. Ou seja, as expressões que sobreviveram no vocabulário dessas pessoas com o passar dos tempos<sup>232</sup>: “Nous avons vu au § 6-f que le portugais n’est plus parlé ni par les Juifs de Hollande, ni par ceux d’Allemagne, mais que ces juifs conservent encore, exceptionnellement, quelques expressions de notre langue.”

---

<sup>227</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 151.

<sup>228</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 151.

<sup>229</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 152.

<sup>230</sup> Schuchardt, *Zum Negerportugiesischen der Ilha do Principe*.

<sup>231</sup> Almada Negreiros, *Angolares*.

<sup>232</sup> Vasconcelos, *Esquisse d’une dialectologie portugaise*, p. 161.

Neste ponto é também apresentada a existência de alterações gramaticais na literatura judaica portuguesa<sup>233</sup>: “Dans la littérature portugaise des Juifs, on trouve quelques particularités grammaticales, mais je ne puis pas m’étendre sur ce sujet.”

Avançando para as considerações sobre os vários dialectos portugueses (crioulos ou não crioulos, continentais ou insulares), o autor afirma peremptoriamente que o desenvolvimento da língua popular obedece a leis<sup>234</sup>:

“De l’étude fait dans la I<sup>re</sup> et II<sup>e</sup> Partie de ce travail, il ressort que la langue populaire offre un [certain] nombre de particularités et de problèmes, et que, dans son développement, elle obéit à des lois. (...) Quand je soutiens que la langue populaire ne mérite aucun discrédit, je veux dire par là que tous les phénomènes qu’on y observe sont du même ordre que ceux de toutes les autres langues; et il ne peut pas en être autrement, car l’esprit humain est un.”

Além disso, Leite de Vasconcelos critica todos aqueles que procuram a pureza da língua e criticam o modo popular dessa mesma língua<sup>235</sup>: “Ceux qui se moquent du langage plébéien oublient que la langue portugaise a été, comme les autres langues, formée par le peuple!”

E explica esta crítica do seguinte modo<sup>236</sup>: “En premier lieu, elle [la dialectologie] sert à la glottologie générale, parce que, comme les dialectes ont un développement plus libre et plus spontané que la langue des lettrés, qui est en partie très soumise à la tradition littéraire (...)”.

Leite de Vasconcelos considera os “dialectos crioulos” como “des idiomes provisoires, ou, pour mieux dire, passagers, destinés à être remplacés soit par les langues indigènes, soit par celles des nations européennes qui dominent dans les aires où ils existent: on commence à voir cela, par exemple, dans le dialecte de Ceylan.”<sup>237</sup>

## **6.2 O Contributo de Leite de Vasconcelos para a Crioulística**

Embora tenha abordado as línguas crioulas segundo a temática da sua época (recordo que os crioulos eram vistos como dialectos de uma língua principal), o contributo de Leite de Vasconcelos parece não ser suficientemente digno de destaque no panorama contemporâneo.

Considerando as suas perspectivas teóricas sobre os dialectos, em geral, e os dialectos crioulos, em particular, podemos inserir Leite de Vasconcelos numa vertente universalista, tal como Adolfo Coelho. Ao definir as alterações dentro de uma própria língua (que formarão mais tarde dialectos), ele aponta, de modo vago, para leis. E estas alterações linguísticas são

---

<sup>233</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 162.

<sup>234</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 169.

<sup>235</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 169.

<sup>236</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 169/ 170.

<sup>237</sup> Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, p. 174/ 175.



precisamente fruto de leis patentes no espírito humano. Se quisermos comparar a teoria vasconceliana com alguma teoria contemporânea, temos de mencionar a Optimality Theory de Prince & Smolensky<sup>238</sup>.

Retomando o que anteriormente foi estabelecido, o contributo de Leite é muito pouco mencionado. Por vezes, só é referido o seu nome, não havendo indicação sobre as suas obras. Exemplo disso dá-nos Petra Thiele<sup>239</sup>, aquando da contextualização do desenvolvimento da crioulistica na segunda metade do séc. XIX e inícios do séc. XX<sup>240</sup>: “Neben Coelho und Schuchardt sind vor allem Vasconcellos und Lopes zu erwähnen, die sich Anfang unseres Jahrhunderts um die Erforschung der PBK verdient gemacht haben.”

Contudo, Thiele também critica Leite e todos aqueles que consideram as línguas crioulas como dialecto de uma outra língua<sup>241</sup>: “Obgleich bereits seit dem 19. Jahrhundert umfangreiche Arbeiten zu dieser Problematik existierten (vgl. z. B. Schuchardt), wurden diese Sprachen als minderwertige, verstümmelte und stark vereinfachte Dialekte einer europäischen Sprache angesehen und an den Rand der linguistischen Forschung gedrängt.“

De facto, a tendência teórica contemporânea vai no sentido de explorar as relações possíveis entre os crioulos e o contacto linguístico. Quem melhor sugere essa orientação é Norval Smith<sup>242</sup> na introdução à obra editada em parceria com T. Veenstra<sup>243</sup>: “The theme of this volume is also broader, as is implied by the title Creolization and Contact. Not just contacts between linguistic communities, but contacts which may also have had linguistic implications for the formation of the special kind of contact languages represented by creole languages.”

Nessa mesma colectânea, Muysken procura também acentuar este ponto de vista interaccional<sup>244</sup>: “Creoles have contributed a number of concepts and ideas to the study of second language acquisition. Conversely, results from the study of second language acquisition have contributed and can contribute further to creole studies.”

Ullla-Brit Kotsinas estabelece uma ponte entre os dois campos científicos, na medida em que faz a ligação entre as marcas de uma língua nativa transmitidas a uma segunda língua aprendida e a deficiente aquisição de uma segunda língua, elementos estes que marcam os diferentes pidgins e crioulos. Essa noção atribui o suporte da designação das línguas crioulas

---

<sup>238</sup> Prince & Smolensky, *Optimality theory*.

<sup>239</sup> Thiele, *Kabuverdianu*.

<sup>240</sup> Thiele, *Kabuverdianu*, p. 22.

<sup>241</sup> Thiele, *Kabuverdianu*, p. 21.

<sup>242</sup> Smith & Veenstra, *Creolization and contact*.

<sup>243</sup> Smith & Veenstra, *Creolization and contact*, p. 1.

<sup>244</sup> Smith & Veenstra, *Creolization and contact*, p. 157.

como línguas de mistura<sup>245</sup>: “It has been suggested that pidgins contain certain lexical and grammatical contributions from the speakers’ native language, and both pidgins and creoles are sometimes referred to as “mixed” languages.”

## 7 A Correspondência de Adolfo Coelho

Neste ponto do trabalho procurarei explicar o modo como as cartas foram, por mim, interpretadas. No sub-ponto farei uma pequena explanação do sistema de leitura. Esclarecido esse sistema, apresentarei as cartas enviadas a Hugo Schuchardt e, num outro ponto, a Leite de Vasconcelos.

### 7.1 *Método de Análise e sua Problemática*

Uma vez que as cartas em questão foram redigidas à mão, a total compreensão do que está escrito limita-se à capacidade de decifração do leitor ou à forma de escrita do seu redactor<sup>246</sup>. É importante rever que Adolfo Coelho participou na Comissão nomeada para a apresentar sugestões sobre uma reforma ortográfica em 1911.

Partindo do princípio de que ambos os espólios estão cronologicamente arquivados, os dados gerais sobre os mesmos espólios, no que toca ao contacto com Adolfo Coelho, comportam os seguintes dados. A correspondência a Leite de Vasconcelos é composta por sessenta e uma unidades, enquanto que a Schuchardt foram enviadas trinta e quatro. Especificando ainda mais, a correspondência a Schuchardt é composta por trinta e quatro cartas, das quais há dezassete cartas (duas das mesmas em estado incompleto, ou seja fragmentos) e dezasseis bilhetes postais. Neste grupo, encontram-se duas cartas e um bilhete postal escritos em francês (uma destas cartas consiste num fragmento da parte final de uma carta mais extensa, aproximadamente duas folhas). O espaço temporal da correspondência é compreendido entre 16 de Outubro de 1873 e 27 de Maio de 1907. Esta última data não corresponde à última carta, mas sim à última carta com uma referência temporal. Esta afirmação também é aplicável ao espólio vasconceliano. Existem mais duas cartas após a data anteriormente assinalada. Por seu turno, a correspondência dirigida a Leite de Vasconcelos é composta por seis cartões de visita, vinte e quatro bilhetes postais, vinte e nove cartas e dois manuscritos. O espaço temporal da correspondência é difícil de ser pormenorizadamente delineado, uma vez que a maior parte do correio não possui uma referência temporal. Das

---

<sup>245</sup> Smith & Veenstra, *Creolization and contact*, p. 125.

<sup>246</sup> No apêndice, perante a impossibilidade de leitura ou incompreensão de uma determinada palavra será usado o seguinte símbolo [...]. Dado o facto das cartas possuírem ainda uma ortografia antiga e de nelas ser usado um nível anterior da língua portuguesa, as dificuldades de interpretação acrescem, podendo resultar numa errada decifração/interpretação do que foi expresso.

poucas datas indicadas pode-se depreender uma correspondência deveras assídua entre 15 de Setembro de 1881 e 31 de Maio de 1914.

Perante tão grande correspondência enviada por Adolfo Coelho a Hugo Schuchardt e a Leite de Vasconcelos (principalmente a este) e no perigo de alastrar-me a temas que, pura e simplesmente, não são objecto de análise deste trabalho, optou-se por excluir, de entre as várias cartas, bilhetes postais e afins, todas as formas de correspondência que não tivessem um relevo directo ou indirecto com os estudos crioulos. Tratando-se, por vezes, de cartas nas quais o teor privado era muito patente, com alusões aos estados familiares e de saúde, a presença de uma ética, ou melhor dito, de respeito para com o crioulista em questão era e é uma necessidade.

De acordo com o que foi expresso, serão analisadas vinte e quatro unidades do espólio de Hugo Schuchardt e dez unidades do espólio de Leite de Vasconcelos, isto é, as cartas com os códigos 1652, 1653, 1655-68, 1671, 1675-76, 1678-79, 1682-83 (correspondência endereçada a Hugo Schuchardt) e 5260, 5262-63, 5275-76, 5278, 5282-84, 5288 (no diz respeito à correspondência de Leite de Vasconcelos).

No ponto seguinte serão apresentadas as cartas enviadas a Hugo Schuchardt e a Leite de Vasconcelos. Os códigos das cartas são os atribuídos pela Universidade de Graz ao espólio schuchardtiano e pelo Museu Nacional de Arqueologia ao espólio vasconceliano. Por motivos de pesquisa *in loco* dos originais, foi decidido manter os códigos neste trabalho.

## **7.2 Hugo Schuchardt**

Analisando à lupa a primeira carta (código 1652) e partindo do pressuposto que esta (carta) é a resposta ao conhecimento entre os dois crioulistas, podemos notar, a partir das datas indicadas por Adolfo Coelho, que Schuchardt iniciou contactos com o português por volta de Agosto de 1873. Tal como é indicado na primeira linha, a redacção adolfiana reporta-se a 16 de Outubro de 1873. Note-se a referência feita pelo português aos “dous meses fora do Porto”, período no qual teve “uma larga interrupção nos meus trabalhos litterarios e na minha correspondencia”. Se compararmos estas datas com as datas das publicações de ambos crioulistas, podemos notar que a atenção de Schuchardt por Coelho acontece antes da publicação das obras iniciadoras da crioulistica enquanto ciência. Este contacto foi realizado através de José de Sousa. Na abertura da mesma carta, e referindo-se à publicação da revista *Hispania*, Adolfo Coelho traça de um modo muito directo e sucinto o perfil cultural português patente no final da segunda metade do século XIX: “A falta d’interesse pelas questões científicas, principalmente historicas e philologicas, é enorme em o meu pais.”

Dentro da mesma temática, Coelho revela a Schuchardt qual o movimento científico que lhe serve de *alma mater*, nomeadamente, o movimento científico alemão, expondo ao mesmo tempo a sua maior abominação: “veto temível da indiferença e da diffamação”. Contra este veto científico, Coelho enumera os jornais e revistas científicas, nos quais os seus trabalhos seriam publicados. Sempre em coincidência com o tema, Coelho espelha as suas intenções quanto a trabalhos científicos: “D’este mundo a minha actividade não se perderá em lutas estereis e o pouco com que eu posso contribuir para a siencia chegará com facilidade ao conhecimento de todos a quem os meus estudos possam offerecer algum interesse.”

Colocando em evidência o verdadeiro motivo da carta (o conhecimento de algum linguísta espanhol) e de acordo as formalidades cordiais, Adolfo Coelho oferece os seus serviços ao alemão: “(...); mas se alguma outra ocasião se offerecer em que possa prestar effectivamente algum serviço a VEx.<sup>a</sup> espero creia que isso me será muito agradável.”

A carta 1655 destoa logo à primeira vista das demais cartas, dado ser uma das poucas cartas escritas em francês. Quanto ao assunto esta carta não possui um importantíssimo conteúdo analítico, à excepção da impaciência de Adolfo Coelho por uma crítica schuchardtiana ao seu primeiro estudo português sobre as línguas crioulas. Coelho espera que Schuchardt lhe indique falhas nos seus materiais, que não foram tidas em conta pelo lusitano: “J’attends avec impatiences votre critique de mes Dialectos etc., où vous me ferez voir bien des choses que je n’ai pas vu dans les materiaux que j’ai reunis.”

Informando o professor de Graz sobre uma nova publicação dos estudos crioulos, Coelho descreve os novos materiais como sendo curiosidades: “Je publierai bientôt de nouveaux materiaux pour l’études des dialects creoles. Ce sont surtout des curiosités.”

A 1 de Dezembro de 1882 (carta 1656) escreve Coelho para Graz assinalando a recepção do estudo schuchardtiano sobre o crioulo de São Tomé. De igual modo, refere o filólogo português “(...) e comquanto ha meses não tenho pensado em creolo, e ande desviado por trabalhos diversissimos (...)”. Comentando “Ha meses que dei á redacção do Boletim da Sociedade de geogr. a primeira série de notas complementares sobre o Dialectos romanicos, etc. em que ha umas notas novas sobre o creolo de S. Thomé; por circunstancias que não conheço ainda não foi publicado (...)”, Adolfo Coelho dá a entender as dificuldades sentidas para levar os seus artigos a lume. Coelho ressent-se de tal maneira, que chega mesmo a asseverar: “Aqui, como o meu amigo pode calcular, dá-se muito pouca importância a estas coisas.”

À imagem da carta anterior, Coelho pretende exercer para Schuchardt, na mesma maneira que Schuchardt para Coelho, o papel de revisor e crítico dos trabalhos crioulisticos:

“Vou escrever um pequeno artigo sobre o estudo de VEx.<sup>a</sup> que lhe enviarei logo que esteja publicado, assim como as minhas notas complementares.”

Adicionada a esta intenção há a pretensão à partilha de materiais, assim como de rascunhos.

No dia 28 de Maio de 1883, Coelho apresenta os seus objectivos extra-ciência: “No momento é-me, porém, impossível consagrar-lhe toda a atenção que merecem, porque o meu tempo está absorvido n’uma campanha que, se n’ella for feliz, poderá pôr-me ao abrigo das grandes difficuldades materiaes com que tenho luctado, e ao mesmo tempo permittir-me-ha prestar ao meu paiz alguns uteis serviços.”

Porém, Coelho deixa um sinal a Schuchardt para os seus trabalhos crioulos, nomeadamente um possível meio internacional de transmissão de conhecimentos comum a ambos: “Tenciono estudar os artigos creolos no jornal de techner.”

Na carta 1658, redigida a 4 de Fevereiro de 1884, Coelho menciona a recepção de trabalhos oriundos de Graz, aproveitando a oportunidade para descrever o seu estado actual: “A minha vida tem sido atormentada por doença e o meio social em que vivo é dos menos próprios para estudos serios.”

Após o relato de uma situação caricata da vida científica portuguesa, o filólogo português desabafa o seguinte: “N’este naufragio do bom senso não vejo o que poderá saber-se. O meu amigo imaginará se eu tenho bons estímulos para trabalhar.”

Servindo-se deste comentário para fazer uma ponte de ligação, o português alude o opúsculo de Lucien Adam como uma completa novidade: “Só hontem é que vi os Idiomes negro-aryen, etc do L. Adam.” Porém, faz questão de usar para o jornal do Techner somente os *Kreolische Studien* como objecto de estudo.

Um ano mais tarde (30 de Janeiro de 1885), a carta 1659 mostra a primeira referência feita ao contacto linguístico: “Muito agradecido pela remessa do seu estudo Slavo-deutsches, etc. que vem exactamente na occasião em que tracto d’organizar em artigo algumas notas sobre mistura de linguas, artigo em que para me servir de termos seus me ocupo mais da secção horisontal do phenomeno que da vertical.”

Além desta referência, Coelho elege o alemão praticamente como um aliado contra os neo-gramáticos e, por outro lado, apresenta a sua posição dentro do assunto: “A mistura das linguas não só no vocabulário, mas ainda na grammatica em que passam de lingua para lingua sonz, formas grammaticaes (não só suffixos, mas ainda formas verbaes, etc.) construcções syntacticas é uma these que se vulgarisar á finalmente. Em varios casos particulares terei que divergir do meu collega, de Ascoli, etc.”

Retornando aos crioulos e procurando manter-se em contacto com a linha da frente no que diz respeito à nova ciência, diz: “Depois voltarei ao creolo, acerca do qual espero novos estudos seus.”

Dois dias depois (1 de Fevereiro de 1885), Adolfo Coelho escreve a carta 1660, onde alonga as suas afirmações patentes na carta anterior. Assim, fica-se a saber quais os intentos de Adolfo Coelho: “Era minha intenção escrever para o periodico de Techner dois artigos sobre as influencias reciprocas das línguas, um geral, outro especial sobre os creouloz. Para o primeiro artigo o seu Slavo-deutches dá-me preciosos subsidios; d’um lado confirma alguns pontos de vistas a que eu chegara, d’outro dá-me muitas suggestões novas.”

Eslarecendo que o seu método de estudo é “sobretudo uma condensação e methodisação dos trabalhos alheios”, Coelho expõe a sua divisa para os trabalhos científicos: “O essencial para mim é que a verdade se apure e não que eu apure a verdade.”

Na mesma carta, Adolfo Coelho afirma a vontade “de corresponder ao seu amavel pedido de escrever sobre o seu novo trabalho (Slavo-d.). Poucos são os que se ocupam d’estas questões que, como diz, são de importancia capital.” Através destas afirmações pode-se perceber a dimensão dos estudos crioulisticos e dos estudos sobre o contacto linguístico.

A carta mais longa do espólio (carta 1661) aborda a diacronia de relatos e obras que possam dar alguma análise etnológica das ilhas de Cabo Verde e da sua população: “Eis porque só hoje lhe envio alguma coisa com relação ao que desejava saber da população das ilhas de Cabo-verde. Não prossegui nas investigações (em parte renovadas d’outras já feitas ha tempo), porque os resultados seriam por certo muito magros. Nada de positivo ha escripto acerca da ethnologia d’essas ilhas. Os mais antigos historiadores dos descobrimentos dos portuguezes ou não ou só dão vagas indicações sobre o povoamento das ilhas, que evidentemente estavam desertas quando foram descobertas.”

Nesta carta, Coelho faz citações de várias obras, procurando comentar o material de estudo: “O livro de Sousa Monteiro nada mais offerece que lhe possa ser util sobre o assumpto.” Exercendo o seu parecer acerca das obras de José Monteiro (*Diccionario geographico das províncias e possessões ultra-marinas*) e de Richard Major (*The life of prince D. Henrique*)<sup>247</sup>, Coelho procura fornecer uma visão o mais técnica e o mais pormenorizada possível: “Tudo isso é muito tenue, muito mais de pressumpção que de facto documentado. A comparação entre a população de côr das ilhas e a das costas fronteiras é que poderia levar a resultados mais seguros; mas essa comparação falta, porque aos escriptores que teem contado do assumpto faltava a competencia em materia d’ethnologia. Em todo o

---

<sup>247</sup> À excepção da indicação feita por Adolfo Coelho, nada mais se pode encontrar acerca destas duas obras e de seus autores, nem através dos catálogos da Biblioteca Nacional portuguesa, nem através da internet.

caso todos os indícios levam a crer que effectivamente a parte negra da população das ilhas veio da costa fronteira. Em Santo Antão distinguem ainda o elemento fula do elemento negro.”

Ao mostrar informações sobre a obra de um etnólogo residente em Lisboa, Hopffer<sup>248</sup>, Adolfo Coelho procura interpretar de que modo esta se encaixa nas pretensões de Schuchardt: “Dar-lhe-hei agora alguma coisa acerca da noticia de Hopffer. Este medico vive aqui perto de Lisboa e eu tentei já sacar d’elle alguns esclarecimentos por intermedio d’um amigo mas sem resultado. O relatório d’elle começa no n.º 2 da IV serie do Bol. da Soc. de geogr.; tem-no completo?

O que H. diz a p. 220 ss. é effectivamente contraditório. O homem não tinha idea clara da questão; é por isso que recorre a generalidades vagas de segunda mão.

p. 220 (n.º 5) falla de brancos nascidos na ilha de paes e maes europeus; n.º 6 de brancos europeus que vieram implantar-se na ilha, onde estabeleceram casa e familia.

É evidente que elle quer referir-se a duas camadas de colonos brancos: uma já antiga, outra contemporanea. Os n.ºs 1 e 2 teem similhante interpretação. No n.º 1 tracta-se dos negros que não nasceram na ilha, mas foram para lá da Guiné, e cujo numero, não tendo sido alimentado ha annos por novas importações, se acha hoje muito reduzido; no n.º 2 tracta-se dos negros nascidos na ilha, descendentes dos que os portuguezes, povoadores d’ella, para lá levaram da Guiné. Aborigines aqui está em sentido extensivo, abusivo por primeiros povoadores. Por primeira e segunda geração designa, creio, H. os primeiros negros transplantados seus filhos nascidos na ilha e seus descendentes sem cruzamento; o cruzamento d’estes com os portuguezes primeiros colonos deu uma primeira geração de mulatos (3.ª geração de H.); estes mulatos do primeiro grau (½ negro) continuaram a reproduzir-se entre si, sem a alteração do typo, ou se cruzaram com brancos, dando mulatos claros do 2.º grau (¼ negro). Assim temos:

- 1.ª geração: negros transportados de Guiné.
- 2.ª “ : filhos d’esses negros nascidos na ilha.
- 3.ª “ : cruzamento da 2.ª com brancos.
- 4.ª “ : “ “ 3.ª “ “

Nos brancos da camada mais recente entram americanos.

Parece-me ser isto o que H. queria dizer.”

Coelho alerta também para os dividendos que os estudos dos costumes podem originar, indicando um exemplo: “Alem dos factos d’ordem propriamente anthropologica, o estudo das

<sup>248</sup> Nada mais é possível encontrar para além das informações fornecidas por Coelho.

tradições e costumes dos povoadores de cor das ilhas e dos indígenas da Guiné ministrariam bons indícios em relação à proveniência dos primeiros, conquanto esses costumes e tradições tenham por vezes experimentado modificações.

Citar-lhe-hei um facto. Em Santiago ha a tradição de que a hirã é uma mulher de cabeça muito volumosa e de corpo franzino, a qual em chegando á idade de 12 annos se transforma em serpente e vae viver no mar.

Na Guiné: «Creem na existencia de duas categorias de genios bons e maus (. Os bons) a que chamam irã ou riam são formosos como os anjos do céu, e como não fazem mal, só recebem d'estes gentios o preito de homenagem, devido ás suas formas encantadoras.» Bol. Soc. de geogr. de Lisboa III ser. n.º 12, p.716.”

No final da carta há a menção à *Nubische Grammatik* de K. Richard Lepsius como uma influência positiva para o artigo sobre o contacto linguístico: “Já li Lepsius Nubische Grammatik que me faltava para o meu trabalho sobre mistura grammatical.”

Na carta 1662, o crioulista português agradece os artigos enviados pelo professor de Graz, justificando de que modo esses “extractos” são de extrema importância: “Os meus agradecimentos pelos seus bilhetes e os artigos da *Literaturblatt* de que só um veio em duplicado. Reduzido a um minimo de recursos bibliographicos (as Bibliotecas de Lisboa não teem nenhuns periodicos allemães) esses extractos são para mim valiosissimos.”

Asseverando a Schuchardt o seu intento de fazer trabalho de pesquisa para o professor de Graz, Coelho apresenta o seu método de transmissão de informações: “Vou reunir o que lhe possa ser mais util para os seus estudos creolos respectivos a Cabo-verde; mas pouco achará em verdade com sufficiente precisão. Creio que não será preciso comprar; farei extractos do mais difficil d’enviar e indicar-lhe-hei em carta o que me parecer conveniente.”

Após o anúncio da recepção de família oriunda de Cabo Verde (“uma sobrinha de 8 annos nascida em Santo Antão”), designando-a de “um especimen vivo do creolo de Cabo-verde”, Coelho reporta-se ao envio de “longos questionários enviados para a India e Africa” com alguma desilusão. Estes questionários, como já se viu em pontos anteriores, eram a base de angariação de material sobre os vários crioulos.

Na carta 1663, atribuindo a não concretização da pesquisa pedida por Schuchardt a uma “cruel doença”, Coelho indica também a impossibilidade de escrever sobre o “Slavo-deutsches e de preparar para a impressão o meu estudo sobre heterogenia grammatical.”

Em adenda ao bilhete postal, no qual se tematiza a auto-imposta pausa adolfiana, encontra-se também a opinião de Adolfo Coelho sobre a infalibilidade das leis fonéticas: “Sou contra a infallibilidade das leis phoneticas, no sentido dos neo-grammaticos. Eu chegara por



outros caminhos à ideia da analogia na lei fonética. As leis fonéticas são da mesma ordem que as morfol. e sintáticas. As leis da linguagem são da mesma natureza que as moraes e estéticas.”

A carta 1664 permite, para além da habitual requisição de novas informações por parte de Adolfo Coelho, a indicação da publicação da primeira adenda aos *Dialectos*, tal como um sumário de que consistem estes novos materiais: “Tenho no prelo (Bol. Soc. geogr.) novas notas complementares ao artigo as Linguas romanicas etc.; são puros materiais na parte nova e uma revisão da Bibliographia creola com pouco novo para si. Ha alguma publicação sua sobre mistura de linguas?”

Procurando uma opinião fundada, Adolfo Coelho propõe “o termo heterogenia grammatical para designar a existencia de elementos grammaticaes d’origem diversa na mesma lingua”. O conceito proposto afigura-se muito significativo para as noções adolfianas sobre os crioulos e o contacto linguístico, uma vez que, no final do mesmo bilhete postal, expressa nova e explicitamente o desejo de um feedback: “Responda-me sobre a heterogenia grammatical, peço-lhe.”

A 4 de Novembro de 1886 (carta 1665), Adolfo Coelho menciona o desejo de “receber tudo o que escrever sobre os neo-grammaticos e as leis fonéticas”, uma vez que o crioulista português fizera “um art.º sobre a Classificação da sciência da linguagem, em que me occupo das leis fonéticas”. Expressando a sua opinião sobre a segunda adenda aos *Dialectos*, Coelho comenta a mais-valia de um estudo completo ante a mera compilação: “As minhas notas creolas n.º III, no prelo, pouco valem; ha notas novas sobre o port. de Singapura, derivado do de Malaca, alguns textos creolos francezes meus conhecidos ( e outros conhecidos, mas dispersos) e notas avulsas d’aqui e d’alli. Nada disso torna menos util qualquer estudo dos assumptos feito de mão assente.”

Reiterando a noção de uma possível cisão entre os estudos crioulisticos e os estudos sobre o contacto linguístico, Adolfo Coelho relata a Schuchardt a infinita vontade de escrever sobre a mistura de línguas: “Não recebi o Appendix ao seu Slavo-d.. Se tiver algum exemplar disponível muito me obsequieia enviando-m’o, pois não paro a esperar o poder escrever sobre Sprach-mischung, apesar do meu estado nevrasthemico ser muito apprehensivo.”

No bilhete postal 1666 há a referência à publicação do artigo de Botelho da Costa e de José Duarte, para além da indignação adolfiana para com a Sociedade de Geografia de Lisboa: “O Boletim da Sociedade de geographia VI ser. n.º 6 traz um artigo sobre Creolo de Cabo Verde por João Maria Botelho da Costa e Custódio José Duarte. É-lhe offerecido; mas caso não lhe tenha chegado ás mãos, diga-m’o, para que eu lhe mande exemplar.

Devem estar impressas as minhas Notas III, mas como a Sociedade agora tracta mais de festas que de sciência talvez demore a distribuição.”

Na carta 1667, reflectindo sobre a Sprachmischung, Adolfo Coelho discorre em ideias acerca das leis fonéticas, afirmando que estas estão à mesma altura que as “leis logicas, estheticas e moraes” e “não do lado das leis naturaes (physicas, chimicas, psicologicas, etc.)”. Prossequindo o seu raciocínio, Coelho expõe que “às leis da linguagem (incluindo as phoneticas), com as estheticas, etc. podem implicar uma concepção metaphysica, conscia ou inconscia. Nesse sentido a proposição as leis phoneticas não teem excepção é não um postulado logico, mas um postulado metaphysico.”

A carta 1668 inicia com uma chamada de alerta do português para Schuchardt acerca de “um erro singular” no primeiro artigo dos *Dialectos*: “ (...) pertence a S. Thiago o que alli se attribue a S. Antão.” Esta situação surge através do “exame dos materiaes reunidos pelos mrs. Botelho da Costa e José Duarte.” Comentando a sua relação com estes dois crioulistas, Coelho diz que eles “não ignoram a existencia do que eu publiquei; mas fingem não sabel-o. Terão suas razões.”

Um bilhete postal (1671), aparentemente sem importância alguma, mostra a referência de Adolfo Coelho, no post scriptum, ao envio de “um art.º meu sobre physio- psychol. da linguagem.” Noutro post scriptum, desta feita numa carta de 7 de Janeiro de 1890 (código 1675), Coelho refere-se a um seu “protegido”:

“Em tempo não lhe enviei o estudo creolo de Paula Brito, porque este mr., que eu não autorizei a declarar ter revisto o seu trabalho, que carecia de ser feito d’ outra forma, apesar do trabalho que eu tive com elle, nem sequer me deu um exemplar dos 100 que recebeu da Soc. de geogr. e me declarava que enviaria 1 ao mr. Schuchardt, o que parece não fez; um puro creolo, velhaco e mentiroso, como quasi todos os da sua raça.”

Três dias mais tarde, a 10 de Janeiro (carta 1676), Adolfo Coelho reporta a Hugo Schuchardt a sua concordância com o artigo do alemão sobre a obra de Paula Brito. Para além de pedir Separatabdruck da mesma obra, Coelho reitera a vontade de escrever e analisar os *Kreolische Studie* e os *Beiträge*.

Sensivelmente sete anos mais tarde (carta 1678), numa carta redigida a 15 de Janeiro de 1897, Adolfo Coelho apresenta-se ao alemão como um homem sem capacidade produtiva, a nível científico: “Se nestes ultimos tempos o meu nome por acaso lhe veiu á memória foi sem duvida como o dum morto, pelo menos dum homem intelectualmente morto. Em verdade desde o livro dos Ciganos quasi nada tenho publicado, desse pouco envio-lhe umas coisas

insignificantes, de que apenas lhe pode interessar uma passagem que respeita ao crioulo no artigo sobre a instrução popular p.198.”

Aliada à falta de produção do filólogo português encontra-se também a escassez de input científico: “Aqui de cada vez se torna mais difícil conhecer o que se publica de novo no domínio da linguística e como tenho para publicar alguns materiais para o estudo dos crioulos, rogo-lhe o favor de me informar se o meu amigo publicou algum estudo ou nota sobre os dialectos creoulos depois do estudo sobre o malaio-português (Kreol. Studien XII).”

Alguns dias depois de 18 de Outubro de 1901, Schuchardt recebe uma carta, na qual Coelho indica o início da impressão dos “estudos sobre a mistura grammatical e envio-lhe o primeiro intitulado Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla”. Esta indicação surge como agradecimento pela oferta de obras schuchardtianas.

A carta 1682 apresenta mais um agradecimento adolfiano, embora este seja misturado com explicações pela não-publicação das suas obras (de Adolfo Coelho): “O seu bilhete renova-me a idea da culpa em que estou incurso de não lhe ter agradecido a oferta do art. do mr. J. Meyer sobre a influencia do lat. no albanez; faço-o agora, contando que trabalhos urgentes me tenham impedido de enviar para o periodico de Techner a primeira parte do meu estudo sobre a influencia reciproca das linguas, assim como de dar a lume um art.º já em rascunho sobre o seu Slavo-Deutsches.”

De seguida, Coelho faz a análise/denúncia acerca do dicionário de Moraes e Silva sobre o português da Índia: “A maior parte das palavras incluídas no dicc. de Moraes e Silva do port. da India são tiradas do livrinho A Vocabulary in the Ceylan Portuguese and English languages, with a series of Familiar Phrases, By John Callaway, Wesleyan Minning, Columbo, 1820. In-120.”

Na mesma carta e após feroz crítica a um senhor chamado Carrilho Vieira, Coelho indica um outro artigo publicado “intitulado: Lingua creola da Guiné Portuguesa e do Archipelago de Cabo-Verde, por Frederico de Barros.”<sup>249</sup> Em comentário, Coelho tece as seguintes afirmações: “Este Barros é parente do padre M. M. de Barros e creio que também padre. Supponho que sabe esses Barros são puros negros guineanos; M. M. de Barros foi educado em Portugal no seminário das missões de Sernache do Bonjardim; fallei aqui com elle e pareceu-me um homem intelligente. Disse-me ir escrever sobre o creolo da Guiné no Boletim da Soc. de Geographia. Algumas informações que este mr. me deu e outras havidas de diversas fontes discordam em diversos pontos.”<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup> Não é possível saber os dados da publicação desta obra.

<sup>250</sup> Barros, *Senegambia Portuguesa ou Noticia Descritiva das Differentes Tribus que Habitam a Senegambia Meridional*.

A última carta analisada proveniente do espólio schuchardtiano (1683) alude à decisão de Adolfo Coelho para com os estudos crioulos: “Resolvi não prosseguir nos meus estudos creolos e limitar-me-hei simplesmente a publicar as notas reunidas como complemento do meu primeiro artigo, esperando a publicação da sua obra completa sobre o assumpto.”

Coelho, com esta decisão, centra-se na comprovação da teoria schuchardtiana: “Verei com interesse a sua demonstração da influencia das linguas extra-europeias na formação dos creolos, influencia que em grande parte me parece assaz difficil d’admittir. Para o indo-português, por exemplo, achamo-nos num terreno excellente d’experencia pelo conhecimento que temos das linguas de Ceylão.”

No término da carta, Coelho desabafa sobre a sua situação, dizendo que é “impossivel continuar a sustentar-me nas desgraçadas condições em que me acho. Se fosse possivel achar um lugar numa universidade estrangeira para a glottologia germanica ou geral ou literatura comparada, talvez pudesse ser um pouco util á siência. Aqui estou condenado a um estiolamento inevitavel.”

### **7.3 Leite de Vasconcelos**

A primeira carta extraída do espólio de Leite de Vasconcelos possui o código 5260. Esta inicia praticamente com a disposição de Coelho aos serviços de revisão e de intermediário dos trabalhos de Leite de Vasconcelos. Coelho procura ser bem explícito: “(...)querendo mande-me em boa calligraphia, que eu revejo e envio para Zeitschrift de Gröber ou Romania. O melhor será mandar primeiro o rascunho para o copiar depois das emendas.”

Após uma alusão à publicação do primeiro artigo sobre fonética geral, o filólogo português transmite uma novidade a Leite de Vasconcelos: “(...)ultimamente o pouco tempo que tenho podido trabalhar tem sido consagrado ao meu novo e mais largo estudo sobre creolo, especialmente á parte geral em que me ocupo com uma extensão grande dos phenomenos glottologicos que se dão ao contacto de pessoas fallando linguas diversas.”

Imediatamente profere Coelho suas opiniões acerca da crioulistica: “É como sabe um capitulo importantissimo e quasi inteiramente novo da historia da linguagem. Tudo quanto se tem escripto sobre elle é vago.”

O escritor de *Dialectos* procura prever a recepção de seu trabalho, tal como, ao mesmo tempo, faz uma descrição superficial dos “glottologos” europeus neste campo: “A sciencia europea dirá se nas minhas theses fructos d’exame de factos numerosos e de longas meditações ha verdade ou não. Infelizmente (triste é dizel-o) não ha senão uma duzia de glottologos na Europa que possam dar um juizo seguro sobre o meu trabalho, porque a maior

parte dos glottólogos são terrivelmente especialistas; outros que têm escripto sobre glottologia geral são muito formalistas e eu tenho que combater opiniões d'elles.”

A carta 5262 é, em termos de conteúdo, amplamente dedicada à etimologia da língua portuguesa, com a excepção de algumas linhas: “Tenho prompto 2.º art.º sobre Dialectos creolos, materiaes e considerações novas, a proposito dos quais fui terça-feira numa conferencia. É um mundo novo que eu sou o primeiro a explorar e que é extremamente fructuoso para a anthropologia.”

A 18 de Fevereiro de 1882 (carta 5263), Coelho escreve a Leite de Vasconcellos, respondendo que a bibliografia “do dialecto de Ceylão está no Bol. Soc. geogr. art.º sobre Dialectos romanicos.”

Manifestando-se acerca da publicação de uma conferência, Adolfo Coelho comenta irónicamente acerca dos meios disponíveis em Portugal: “Não se publicou a conferencia s/ geogr. da lingua portuguesa; depende a publicação d'um passeio pela nossa fronteira e gallega.”

A carta 5275 apresenta as justificações da demora do segundo artigo dos *Dialectos*, expondo de seguida qual a quantidade de exemplares possuidos por Coelho na separata: “Enquanto aos meus trabalhos eis o que lhe posso dizer. Ainda não me deram provas do artigo II sobre Dialectos romanicos fora da Europa. Na Imprensa Nacional tudo quanto sae do ramerrão ordinario leva longo tempo a fazer-se. Causa-me transtorno a demora; mas que hei de fazer? Ha difficuldade de publicar coisas d'estas; o Boletim vae para o estrangeiro em numerosos exemplares e tenho 50 de separata.”

Mais adiante confirma a posse de um exemplar do primeiro artigo dos *Dialectos* e que “irá um d'estes dias.” Perante a curiosidade de Leite de Vasconcellos sobre o crioulo de São Tomé, Coelho responde-lhe (carta 5276) um bilhete postal, onde faz a indicação de várias fontes de conhecimento: “Junto a nota que me pede. Recebi do Schuchardt o estudo sobre o creolo de S. Thomé. Eu tenho como sabe na imprensa novo art. sobre os dialectos romanicos extra-europeus, de que só sabbado me deram a 1.ª prova; lá ha textos de S. Thomé.”

Acerca deste tema, Coelho afirma também a intenção de apresentar uma réplica ao trabalho de Schuchardt: “Vou discutir o trabalho do Schuchardt na parte geral principalmente.”

Sobre este último ponto assinala Coelho nas últimas linhas do bilhete postal 5278, no qual descreve o “novo art. sobre Creolo, noticia de alguns trabalhos de Schuchardt e d'outros.”

O bilhete postal 5282 mostra já o cuidado de Coelho em dar conhecimento a Leite de Vasconcellos das obras recebidas e das obras planeadas:

“Recebi também os novos estudos creolos de Schuchardt, sobre os quaes vou escrever no jornal de Techner extenso artigo. O am.º terá separata.”

Aludindo-se ao conhecimento da obra de L. Adam no bilhete postal 5283, Coelho faz o balanço do ano 1883, no que diz respeito aos estudos crioulos, que denomina de “favoritos”: “Não [...] ainda o L. Adam sobre o creolo. O anno de 1883 foi perdido para os meus estudos favoritos completamente e por isso deixo de estar ao corrente das ultimas novidades. Agora recomeço.”

Na carta 5284, após um longo argumentar adolfiano acerca da etimologia lusitana, há duas passagens de interesse para este estudo. A primeira, embora sendo algo enigmática (dado remeter-se a uma carta de Leite de Vasconcellos), apresenta a concordância de Coelho numa questão sobre as línguas africanas: “Tem razão no que me disse com relação ás línguas africanas. Em breve lhe fallarei de mão assente sobre o assumpto e verá que alguns passos tenho dado já para nos desaffrontar da vergonha nacional que pesa sobre nós.”

O segundo excerto é o anunciar de exemplos/argumentos, que contradizem cabalmente com parte das teorias schuchardtiana e adamiana. Ao mesmo tempo junta a recepção de materiais sobre mais um crioulo de co-origem portuguesa: “Tenho colhido factos importantes que destroem algumas asserções do Schuchardt e sobretudo as do L. Adam com relação aos dialectos creolos. Tenho dados para o conhecimento de mais um creolo portuguez.”

A última carta analisada proveniente do espólio de Leite de Vasconcellos (5288) possui, no contexto das “anti-criticas para desenvolver as minhas observações”, uma indicação ao método usado por Coelho: “Em vez do calculo linguistico eu prefiro as comparações com os factos analogos e ainda a observação directa.”

Mais adiante, Coelho volta a exercer o seu poder crítico sobre o nível dos estudos científicos portugueses: “Bem será que consiga os meios para a publicação da Revista de linguistica; é uma vergonha não termos um periodico serio para estes estudos e sermos obrigados a escrever em jornaes em geral sem valor scientifico e até por vezes caricatos.”

Terminando a carta com algumas observações sobre o desenvolvimento de seus artigos crioulisticos, Coelho afirma a Vasconcelos o seguinte: “Para o jornal de Techner estou redigindo a primeira parte do estudo sobre a mistura de elementos grammaticaes de línguas diversas (Heterogenia grammatical); essa parte comprehende considerações previas, estudo da questão e a parte phonetica; apesar de estar tudo nas línguas originaes, a calligraphia da parte

port. da muito trabalho e só lá para final d'este anno é que o art. virá a lume, porque o jornal é semestral. O Boletim da Soc. de geogr. continua impossivel.”

## 8 Novidades

A correspondência de Adolfo Coelho a Hugo Schuchardt e a Leite de Vasconcelos revela-se, no seu todo, ser muito frutífera quanto a uma perspectiva sobre a vida pessoal do crioulista radicado em Lisboa. Usando as cartas (ou bilhetes postais) como meio de exteriorizar os seus sentimentos, Adolfo Coelho acaba por dar-nos, entre os vários desabaços, alguns indícios acerca das possíveis componentes da sua teoria sobre as línguas crioulas.

Com algumas nuances (detectáveis até pela quantidade de cartas empregues neste trabalho), Adolfo Coelho orientava o desenvolvimento de suas ideias através do contacto com Hugo Schuchardt. Exemplo crasso de tal facto são os vários pedidos de envio de livros e trabalhos publicados ou não pelo alemão referentes aos crioulos. Enquanto que Leite de Vasconcelos não se apresentava, aos olhos de Coelho, como um verdadeiro crioulista, o interesse do filólogo português restringia-se a pequenas “passagens”, nas quais Adolfo Coelho expunha alguns conhecimentos bibliográficos ou era inquirido sobre o conhecimento de algum crioulista estrangeiro (o caso de Lucien Adam, nomeadamente).

Em acordo com a última afirmação, pode-se indagar a necessidade da presença da correspondência enviada a Leite de Vasconcelos neste trabalho. Contudo, há uma pequena passagem em Hugo Schuchardt, mais explicitamente, o pedido de uma opinião acerca de um conceito. Uma outra passagem acerca do mesmo conceito surge também sob a forma de uma sucinta definição, numa das cartas a Leite de Vasconcelos.

Nas cartas endereçadas a Leite de Vasconcelos há um modo tutorial e expositivo com que Adolfo Coelho aborda os vários assuntos, assumindo, verdadeiramente, a posição de mestre.

### 8.1 *Os Crioulos e Contexto Social*

Os vários comentários expressos por Adolfo Coelho, acerca da sua vida pessoal, cingem-se a dois tópicos: as dificuldades na vida laboral (seja ela qual for) e as dificuldades no seio íntimo.

Do primeiro grupo, os poucos e dispersos comentários do crioulista espelham da melhor forma os juízos opinados pela sociedade portuguesa sobre o seu trabalho (de Coelho). É também possível que tais opiniões o tivessem influenciado na redacção das suas obras. Segundo Adolfo Coelho, a sociedade em que vivia marcava-se pela falta de interesse para com os mais diversos temas científicos. Este ponto é essencial para a compreensão dos

motivos (entre outros) que o levaram a abandonar as suas pesquisas e redacções de trabalhos tematizando as línguas crioulas.

De certo modo, Adolfo Coelho sucumbiu nos seus intentos, enquanto esta ciência humana, ainda na sua fase embrionária, ainda não tinha a suficiente exposição (e devida recepção) nos meios culturais europeus. Também a nível continental, Coelho estava também dependente de um contacto com a vanguarda crioulista (daquela altura). A falta de obras e demais periódicos estrangeiros (a respeito dos mais distintos temas) nas bibliotecas da capital portuguesa é merecedora de um azedo comentário, servindo, ao mesmo tempo, como desculpa para contínuo pedido de obras oriundas de Graz.

À falta de estímulos para desenvolver as suas pesquisas adiciona-se a dificuldade e/ou os sucessivos atrasos na impressão dos seus trabalhos. Em alternativa à Sociedade de Geografia de Lisboa e à Imprensa Nacional, Adolfo Coelho enceta publicar os seus artigos num jornal estrangeiro (“jornal de Techner<sup>251</sup>”), referindo mesmo a Schuchardt a intenção de publicar as críticas ao *Slavo-deutsches* nesse periódico. O tom de linguagem torna-se mais irónico e azedo nas cartas enviadas a Leite de Vasconcelos, onde a publicação de conferências estavam dependentes de uma ida à fronteira luso-galega. E como ele próprio afirma, numa das últimas cartas abordadas neste trabalho, ser vergonhoso o facto de não existir no país um “periodico serio”, obrigando a uma publicação em jornais sem valor científico.

A nível pessoal, Coelho refere-se somente à candidatura a um cargo, que lhe abriga das dificuldades financeiras e da sua vida atormentada pela doença. Essas dificuldades levam-no mesmo a expressar o seu agrado por um lugar de docente numa universidade estrangeira na última carta da correspondência schuchardtiana.

No que diz respeito à crioulista em geral, as cartas são esclarecedoras de algumas ideias e também comprova outras ideias até agora erradas ou dúbias. Por exemplo, a crioulista contemporânea critica os estudos de Coelho e Schuchardt pelo facto de os pesquisadores não terem estado *in loco*, aquando das investigações. Uma das comprovações é a certeza dada por Coelho a Schuchardt de ter enviado vários e longos questionários com destino à Índia e África, aos quais só tinha promessas de resposta. Contudo, a questão não se encerra só por este facto. Numa outra carta, Adolfo Coelho tem um modo rude e frio de tratar uma sobrinha de 8 anos de idade, natural de Santo Antão. Ele denomina-a como um espécimen vivo. Abstraindo-nos deste modo de tratamento, pode-se comprovar a veracidade de, no mínimo, uma variante de um crioulo: o de Santo Antão, ilha pertencente ao arquipélago de Cabo Verde. Assim, podemos estabelecer duas ligações: a primeira, existe veracidade na

---

<sup>251</sup> Para além das informações dadas por Adolfo Coelho, nada mais foi possível auferir acerca deste periódico e de seu editor, Techner.



pesquisa de um crioulo (ou de uma variante de um crioulo); e a segunda, podemos entender o erro singular existente no primeiro artigo dos *Dialectos*, onde se atribui a Santo Antão àquilo que era falado em Santiago.

Quanto à veracidade, ela é, até certo ponto, existente. Embora Adolfo Coelho não tivesse estado no local, ou seja na ilha de Santo Antão, ele teve a oportunidade de pesquisar apud homine. Enquanto que com os questionários, o pesquisador está sujeito aos conhecimentos filológicos de seu correspondente, no caso da sobrinha de Coelho temos a certeza de que o pesquisador exerceu os seus conhecimentos na análise do seu objecto de estudo (a variante do crioulo). Pode-se, porém, também contra-argumentar, alertando para o facto de uma análise a uma única pessoa poder não ser suficiente para uma compreensão total do fenómeno, uma vez que os registos da variante diferem-se de indivíduo para indivíduo. Numa outra publicação de Adolfo Coelho, mencionada a Schuchardt como uma obra dedicada ao estudo da “mistura grammatical”, Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas, I - Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla (1901), Coelho aborda a obra de N. Krusewski remetendo a dois princípios a performance de um sistema fonético<sup>252</sup>: “1. Todo o systema phonetico dum certo individuo deve ser sempre quasi homogeneo.

2. O systema phonetico de todos os individuos duma mesma epoca e que fallam um mesmo dialecto deve ser quasi homogeneo.”

Respeitante ao erro de publicação, que só fora detectado após a análise e comparação com a obra/artigo de Botelho da Costa e José Duarte (tal como referido pelo próprio Coelho em carta a Schuchardt), obtêm mais uma possível explicação, para além da de erro tipográfico. Essa permuta pode ser da autoria de Coelho, justificada por uma distração.

Vistos hoje em dia como discípulos de Adolfo Coelho, Botelho da Costa e José Duarte são assunto para uma questão de Schuchardt, à qual Adolfo Coelho indica existir uma ignorância total à sua obra publicada (*Dialectos*). Um outro “discípulo” de Adolfo Coelho, A. de Paula Brito, é alvo de comentários menos abonatórios, para não dizer, de teor racista. Por causa de uma diferença de opinião, quanto à apresentação do artigo de Paula Brito, Adolfo Coelho, que é indicado no artigo como revisor do mesmo trabalho, classifica o seu “protegido” como “(...) um puro creolo, velhaco e mentiroso, como quasi todos os da sua raça.” Com estes excertos temos a noção de que, ao contrário do que é subentendido em Morais-Barbosa, não existiu um grupo homogéneo de crioulistas portugueses que se formassem como uma vaga científica.

---

<sup>252</sup> Coelho, *Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas, I - Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla*, p. 45.

Para além de tais situações as cartas revelam-nos a existências de mais dois nomes ligados à crioulistica residentes naquela altura em Lisboa: Hopffer e Frederico Barros. O primeiro, segundo Coelho, é um médico alemão residente em Lisboa. Acerca das observações feitas por Hopffer, cuja obra fora também publicada na Sociedade de Geografia de Lisboa, Coelho tece vários comentários – entre os quais “generalidades vagas de segunda mão” –, analisando e interpretando as várias percepções feitas pelo alemão (Hopffer) a respeito das vagas de povoamento das ilhas caboverdianas. Frederico Barros, por seu turno, tem sua educação e laços familiares descritos por Coelho, querendo este ressaltar a discordância entre informações dadas na obra crioulistica e através de conversas com o crioulista guineense.

A crítica é uma componente do método de trabalho de Coelho (tanto para si mesmo, como para a análise de obras doutros filólogos), chegando mesmo ao ponto de se propor a Schuchardt como revisor e crítico dos trabalhos do alemão. Em carta a Leite de Vasconcelos, Coelho refere que a crítica à obra schuchardtiana assenta principalmente “na parte geral”. As funções desempenhadas pelo português ante o alemão não se restringiram a estes dois papéis. Coelho também realizara trabalhos de pesquisa para o docente de Graz, procurando “reunir que lhe possa ser mais útil para os seus estudos creolos” e fazendo “extractos do mais difficil d’enviar”.

Esta entreaajuda existente entre ambos crioulistas é contextualizada pelo escasso número de pessoas interessadas neste campo de estudo. Em carta a Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho relata que, para sua infelicidade, a quantidade de “glotólogos” capazes de creditar o seu trabalho (de Coelho) é muito reduzida e, ao mesmo tempo, demasiado especialistas.

Ao número reduzido de crioulistas europeus junta-se o nome de Lucien Adam, que era completamente desconhecido de Coelho. De facto, a obra de Adam fora introduzida a Coelho através de Leite de Vasconcelos, como se pode notar pela resposta enviada a este último. Na mesma passagem, Coelho expõe que o ano de 1883 fora um ano infrutífero para os “meus estudos favoritos”. Esta é a mais óbvia justificação para a inexistência de correspondência entre Adam e Coelho.

Outro facto singular é a forma como, inicialmente, Adolfo Coelho classifica o segundo artigo dos *Dialectos II*. Para o filólogo português, os materiais e os comentários expostos nos *Dialectos II* não são mais do que curiosidades. Se notarmos que ele faz “sobretudo uma condensação e methodisação dos trabalhos alheios”, é através dessas “curiosidades” que Coelho reporta o conhecimento de vários crioulos de co-origem portuguesa. Quando já tinha indicado a Schuchardt a sua resolução de desenvolver os seus estudos crioulos para além da mera exposição de materiais e de aguardar pela publicação da obra schuchardtiana, Coelho

dirige-se, mais tarde, a Leite de Vasconcelos, alegando ter colhido “factos importantes que destroem algumas asserções do Schuchardt e sobretudo as do L. Adam” mais os dados para o descobrimento de mais um “creolo portuguez”. Os crioulos, para além de serem muito estimados por Coelho (frequentando mesmo conferências sobre o assunto), significavam para o glotólogo um novo capítulo na história da linguagem.

Neste capítulo, e ao contrário da tendência contemporânea, Coelho separa crioulos de mistura de línguas. O exemplo mais comprovativo de tal noção é a indicação, na mesma carta, para o uso do *Slavo-deutsches* como ponto de partida para um artigo sobre mistura de línguas e, mais adiante, a referência ao regressar às lides crioulisticas, das quais esperaria novidades por parte de Schuchardt. Outro exemplo para a cisão entre os campos de contacto linguístico é a designação de uma obra sua, centrada na “mistura grammatical”. Em 1901, Coelho confirma o início da impressão sobre “mistura grammatical e envio-lhe o primeiro intitulado Diferenças fonéticas das línguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla”. A publicação dos três *Dialectos*, da obra de José Duarte e Botelho da Costa e do artigo de Paula Brito, a cargo de Morais-Barbosa, não inclui indicação alguma às *Diferenças*. A concatenação publicada pela Academia Internacional de Cultura Portuguesa, sob o título de *Crioulos*, deixa muito bem claro, mais de sessenta e cinco anos depois, que essa divisão é patente.

## 8.2 A Teoria de Adolfo Coelho

Aquilo que se poderia entender como a teoria da génese crioulista de Adolfo Coelho, deverá ser perspectivada como elementos singulares na correspondência adolfiana que forneçam partes componentes da teoria em si. Nas cartas, de facto, não é explícito por Adolfo Coelho o que prefaz a sua teoria crioulistica. Antes pelo contrário, através de várias indicações fornecidas pelas cartas podemos indagar e alcançar a teoria, que só o glotólogo português terá tido conhecimento. Contudo, é necessário ter em mente os dois princípios expostos no primeiro artigo de *Dialectos*:<sup>253</sup> “1.º Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.

2.º Os dialectos românicos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos.”

Se alguns pontos poder-nos-ão explicitar ou indicar certas direcções, para onde Coelho se orientava (não só a nível das línguas crioulas), outros pontos, como teremos a oportunidade

---

<sup>253</sup> Morais-Barbosa, *Crioulos*, p. 102.

de ver, aumentarão ainda mais as dúvidas sobre aquilo que Ernesto d'Andrade e Alain Kihm apontam como o mais actual dos trabalhos adolfianos.<sup>254</sup>

O primeiro ponto que nos serve de compreensão para uma possível explicação do abandono dos estudos crioulos do glotólogo, prende-se com o facto de, numa das primeiras cartas enviadas a Schuchardt, Coelho expor que aquilo que mais o amedronta é o “veto temível da indiferença e da diffamação”. Foi mencionado no ponto anterior deste mesmo trabalho a falta de vontade do crioulista português em continuar com os seus estudos devido à falta de interesse do meio social que o rodeava. Enumerando as várias críticas à falta de periódicos internacionais nas bibliotecas lisboetas, à inexistência de um jornal próprio para os estudos científicos e, por fim, ao desinteresse da sociedade portuguesa (caracterizada como um “naufragio do bom senso”), enumerando todos estes factores, podemos concluir que ao todo a sociedade portuguesa funcionava como um veto e o principal travão ao desenvolvimento da teoria adolfiana.

Deste ambiente social, Adolfo Coelho possui ideias e intuítos muito bem definidos. O objectivo principal é poder contribuir para o desenvolvimento científico, sem se perder com “lutas estereis”. Para atingir tais fins, Adolfo Coelho necessita de toda a ajuda possível na formação e desenvolvimento dos seus trabalhos e teorias. Somente deste modo se pode compreender a impaciência adolfiana em receber críticas acerca das afirmações expressas nos *Dialectos*. Se tivermos em consideração o objectivo adolfiano, aliado à necessidade crítica dos seus artigos, deparamo-nos com uma situação paradoxal quanto ao abandono dos estudos das línguas crioulas. Se, para Adolfo Coelho, o fundamental é “que a verdade se apure e não que eu apure a verdade”, como se pode justificar o abandono puro e simples dos estudos crioulos, remetendo-se somente à verificação das teorias de Hugo Schuchardt? Na notificação dada ao alemão, nenhum motivo é apresentado, nem tão pouco é possível de subentender. Numa carta dirigida a Leite de Vasconcelos, o glotólogo comenta o estado dos estudos crioulos. Expressando que o número de interessados nos mesmos estudos é reduzido devido à terrível especialização da maior parte dos glotólogos europeus ou à excessiva identificação da glotologia geral com as ideias formalistas, Coelho termina a frase com a sensação de se apresentar perante uma tarefa árdua: “(...) e eu tenho que combater opiniões d’elles”. Talvez resida neste ponto uma justificação para o sucedido. Seria este combate a razão pela qual Coelho deixou o estudo dos crioulos, campo que ele mesmo designara a Vasconcelos como os seus “favoritos”?

---

<sup>254</sup> d'Andrade & Kihm, *O Coelho crioulista*.

Dado o facto de não haver uma resposta contundente a esta pergunta, há a certeza do interesse adolfiano nas obras de diversos linguístas. Daí, o intercâmbio de obras entre Graz e Lisboa ter sido deveras assíduo. Entre essas obras constava o *Slavo-deutsches*, ponto de partida para uma crítica ao trabalho do alemão, coincidindo também com a apresentação de várias observações adolfianas acerca da “mistura de línguas”. Sobre esse artigo, Coelho indica as linhas-mestras do fenómeno, orientando-se mais na secção horizontal (segundo os conceitos do alemão). A “mistura de línguas” seria, para Coelho, muito mais profunda do que somente no plano lexical (o termo usado por Adolfo Coelho é vocabulário). Esta implicaria a transferência de sons, “formas grammaticaes” (incluindo-se nestas os sufixos e as formas verbais), tal como construções sintácticas. Adolfo Coelho chega mesmo a caracterizar tal fenómeno como “influencia reciprocas das linguas”. Mas esta não é a única abordagem feita ao tema. Na crítica às observações feitas por Hopffer, Coelho indica para um melhor desenvolvimento e compreensão dos factos de ordem antropológica através do auxílio do estudo das tradições e costumes dos “povoadores de cor das ilhas e dos indigenas da Guiné”, com referência ao caso caboverdiano.

Por mais diversos que sejam os campos de estudo que auxiliam o trabalho de Coelho, a sua percepção teórica sobre o fenómeno leva-o a avançar com a proposta de um termo para “designar a existencia de elementos grammaticaes d’origem diversa na mesma lingua”. Através da insistência adolfiana em um parecer de Schuchardt sobre o conceito, temos a noção da importância deste conceito para a formação de uma teoria crioula adolfiana. Também Leite de Vasconcelos foi confrontado com o termo, quando o glotólogo fazia um ponto da situação de seus trabalhos crioulos. Adolfo Coelho, na intenção de escrever um artigo para o jornal de Techner, expõe que estava redigindo “a primeira parte do estudo sobre a mistura de elementos grammaticaes de linguas diversas (Heterogenia grammatical)”. Essa primeira parte do estudo ocupa-se principalmente das “considerações previas, estudo da questão e a parte phonetica”.

É sobre a parte fonética que podemos ter uma noção mais alargada da teoria adolfiana exposta pelas várias cartas. De modo muito disperso na vária correspondência enviada a Schuchardt, Coelho vai tecendo considerações sobre as leis fonéticas, especialmente no que diz respeito à infalibilidade das mesmas leis, no sentido entendido pelos neo-gramáticos.

Ao contrário de Schuchardt, Coelho afirma ter chegado à ideia de analogia nas leis fonéticas através de outros meios. Em carta a Leite de Vasconcelos, Coelho apresenta preferência pelas comparações com factos análogos e a observação directa em detrimento do cálculo linguístico. Exemplo de tal fornece-nos Coelho com o interesse na comprovação da

teoria schuchardtiana, na qual o alemão procura demonstrar a influência das línguas extra-europeias na formação dos crioulos: “Para o indo-português, por exemplo, achamo-nos num terreno excelente d’experiencia pelo conhecimento que temos das linguas de Ceylão.”

Segundo Coelho, “as leis fonéticas são da mesma categoria das leis morfológicas e sintácticas, do mesmo modo que as leis da linguagem possuem a mesma natureza das leis morais e estéticas”. Ou seja, para o glotólogo, as leis fonéticas são só uma componente das leis da linguagem e estas possuem os mesmos valores das leis morais e estéticas. Daqui pode-se subentender que o carácter linguístico situa-se no mesmo plano que o carácter social. Noutra carta remetida ao alemão, Coelho dá a subentender a possibilidade da implicação, consciente ou inconsciente, de um nível metafísico das leis da linguagem. Deste pressuposto conclui Coelho que “as leis phoneticas não teem excepção” é meramente um postulado metafísico e não um postulado lógico. Da mesma maneira, as leis da linguagem contrapõem-se às leis naturais (físicas, químicas e psicológicas).

Que as leis fonéticas desempenham um papel importante na Heterogenia gramatical, fica-nos uma ideia afirmativa sobre o tema. Caso contrário, Coelho não faria tanto enfoque nelas e o tema limitar-se-ia a mais uma questão anti ou pro neo-gramáticos. O mesmo aplica-se ao conceito proposto por Adolfo Coelho para definir dentro de um só campo o contacto linguístico e as línguas crioulas. Dado, por motivos desconhecidos, a teoria adolfiana nunca ter vindo a público, todo e qualquer esforço empregue neste campo baseia-se na simples especulação e interpretação dos factos.

## 9 Conclusão

No término deste trabalho, e tal como foi dito na introdução à correspondência adolfiana, algumas questões aclararam-se e, por outro lado, outras surgiram no horizonte da obra adolfiana. De todo modo, pode-se comprovar que a correspondência entre crioulistas serve para alargar ou comprovar factos, os quais algumas obras e alguns artigos deixam em aberto. Os espólios schuchardtiano e vasconceliano, neste caso, forneceram dados importantes quanto à procura de elementos que nos permitissem formar uma teoria adolfiana. Embora não tenha sido possível encontrar, de modo cabal, a teoria adolfiana sobre a formação dos crioulos, foi-nos possibilitada a obtenção de elementos que nos permitem a reconstrução de parte da mesma teoria. Apesar de Adolfo Coelho endereçar-se com mais frequência a Hugo Schuchardt sobre o tema da crioulistica, justificando assim a diferença significativa de cartas usadas neste trabalho entre ambos os espólios, a correspondência enviada a Leite de Vasconcelos acaba por ser decisiva na percepção de alguns factos.

Há pormenores ou novas informações que vieram a lume, tal como a questão da quase comprovação da autenticidade do trabalho empregue por Adolfo Coelho no levantamento do crioulo de Santo Antão, para o qual ele observou uma sobrinha sua lá nascida. Relacionado com tal facto está o incidente do erro no primeiro artigo de *Dialectos*, no qual se designa o estudo do crioulo de Santiago, sendo na verdade um estudo sobre o crioulo de Santo Antão.

Através da correspondência houve também a possibilidade de conhecer os trabalhos de um crioulista e de um antropólogo residentes em Portugal, até agora desconhecidos da crioulistica portuguesa. Através dos vários trabalhos de análise e partilha de informações acerca de artigos crioulistas de Adolfo Coelho com Hugo Schuchardt, foi-nos dado a conhecer um artigo de um médico alemão residente em Lisboa, que fizera um esboço das várias ondas de imigração das ilhas de Cabo Verde, e também foi-nos mencionado o artigo de Frederico de Barros (*Lingua creola da Guiné Portuguesa e do Archipelago de Cabo-Verde*). Especial destaque possui este último, uma vez que o artigo não foi incluído na obra de José Morais-Barbosa, que procura coleccionar todos os trabalhos crioulistas portugueses feitos nos inícios do campo científico.

A correspondência também aclarou o conhecimento da relação entre ambos os crioulistas, uma vez que foi possível notar o trabalho de assistente desempenhado por Adolfo Coelho ao alemão. Para além da partilha de críticas a trabalhos (por exemplo, de Paula Brito) e de trocas de obras mais difíceis de obter por qualquer um dos crioulistas, notou-se o pesquisar adolfiano de obras e a remessa de questionários para os vários locais do mundo, em busca de mais informações acerca dos crioulos. Neste ponto (o dos questionários), é mais que justificada a colocação em causa da veracidade dos materiais obtidos por ambos os crioulistas, tendo, por vezes, os vários remetentes nenhuma formação linguística para a tarefa pretendida.






Com a análise da correspondência adolfiana complicou-se a compreensão dos motivos de abandono dos estudos crioulos por parte de Adolfo Coelho. Se sem o conhecimento das cartas, a questão do abandono não possuía um motivo concreto, com estudo destas surge um autêntico dilema quantos aos motivos, dado o facto do glotólogo asseverar a Schuchardt a vontade de contribuir para o apuramento da verdade científica. De facto, na conferência protagonizada por Ernesto d'Andrade e Alain Kihm nem sequer este tema (o abandono dos estudos) é abordado, à imagem da colectânea de Jorge Morais-Barbosa.

Também na obra de Jorge Morais-Barbosa é dada a imagem de um movimento de crioulistas portugueses, encabeçados por Adolfo Coelho, o que contradiz completamente as afirmações expressas nas cartas. Adolfo Coelho procurara ser, até certo momento, um protector de A. de Paula Brito. Porém, a partir do momento em que este decide remodelar o













seu artigo sobre os crioulos de Cabo-Verde, Adolfo Coelho repudiara Paula Brito, chegando mesmo a acusá-lo de usar o seu nome, na qualidade de revisor do artigo publicado. Ideia semelhante também se adquire do trabalho feito por Botelho da Costa e por José Duarte. Embora, no prefácio do seu artigo, os dois crioulistas indiquem Schuchardt como possível endereçado de tal opúsculo, Adolfo Coelho nega o conhecimento pessoal com ambos os crioulistas.











Independentemente de todos estes novos aspectos visíveis na análise das cartas, o ponto principal deste trabalho concretizou-se parcialmente. A tentativa de encontrar elementos, que permitam uma maior percepção da teoria adolfiana, não foi na sua totalidade concretizada, contudo podemos encontrar um conceito em desenvolvimento e várias indicações acerca do seu carácter fonético. Uma vez reconhecida a importância do conceito Heterogenia Gramatical (importância perceptível através da insistência de Adolfo Coelho junto de Schuchardt para obter um parecer), o mesmo conceito possui uma pequena indicação por parte de Adolfo Coelho, no qual é indicado a redacção de um artigo acerca da mistura de elementos gramaticais oriundos de línguas diversas. Curiosamente, esse mesmo artigo não é tido em conta como um trabalho adolfiano sobre as línguas crioulas, uma vez que nem Morais-Barbosa, nem d'Andrade ou Kihm se referem a *Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas, I - Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla*. Lançando o repto para futuros trabalhos, quem sabe se neste artigo não existirão indicações mais precisas acerca da teoria adolfiana sobre a génese das línguas crioulas.













## 10 Bibliografia













-  (1881), *Revista de Etimologia e de Glotologia*, Lisboa: Tipografia Universal
-  (1896), *Revista de Ciências Naturais e Sociais*
-  (1947), *Biblos*, Volume XXIII, Tomo III, Coimbra: Universidade de Coimbra
-  (1948), *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo XIV, 2ª Série, Nº 1, Lisboa: Universidade de Lisboa
-  (1949), *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural : à memória de Francisco Adolfo Coelho*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos


























-  (1950), *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural : à memória de Francisco Adolfo Coelho*, Vol. II, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos
-  Adam, L. (1883), *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen: Essai d'hybridologie linguistique*, Paris: Maisonneuve
-  Adone, D. & Plag, I. (1994), *Creolization and language change*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag
-  Arends, J., Muysken, P. & Smith, N. (1995), *Pidgins and creoles*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
-  Barros, Luis Frederico de (1878), *Senegambia Portuguesa ou Noticia Descritiva das Diferentes Tribus que Habitam a Senegabia Meridional*, Lisboa: Typographia Editora de Mattos Moreira e Cia.
-  Bartens, A., *Notes on componential diffusion in the genesis of the kabuverdianu cluster*, in: McWhorter, John (ed.) (2000), *Language change and language contact in pidgins and creoles*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
-  Bickerton, D. (1981), *Roots of Language*, Ann Arbor: Karoma
-  Bickerton, D. (1984), *The language bioprogram hypothesis*, in: *Behavioral and brain sciences*, Vol. VII, 2
-  Boléo, M. de Paiva, «Francisco Adolfo Coelho», in: *Verbo: Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, Vol. V, Lisboa: Editorial Verbo
-  Casimiro, A. (1940), *Portugal crioulo*, Lisboa: Edições Cosmos
-  Coelho, F. A. (1868), *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*, Coimbra: Imprensa da Universidade
-  Coelho, F. A. (1870), *A Ciência alemã e a ignorância portuguesa (nº1, Hübner versus Levy)*, Lisboa: Typ. Luso-Britannica











-  Coelho, F. A. (1870), *Algumas observações acerca do Dicionario Bibliografico Portuguez e seu autor*, Lisboa: Typ. Lallement Frères
-  Coelho, F. A. (1870), *Sobre a necessidade da introdução do ensino da glottica em Portugal*, Lisboa: Typ. Lallement Frères
-  Coelho, F. A. (1871), *Theoria da conjugação em latim e portuguez*, Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Q. Antunes
-  Coelho, F. A. (1872), *A questão do ensino (Conferencia publica feita no Casino Lisbonense em 17 de Junho de 1871)*, Porto/ Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugenio Chardron
-  Coelho, F. A. (1873-75), *Bibliografia crítica de Historia e Litteratura publicada por...*, Porto: Imprensa Litterario-Commercial
-  Coelho, F. A. (1874), *Questões da lingua portugueza. Primeira parte – preliminares – o léxico – o consonantismo*, Porto: Liv. Internacional de Ernesto Chardron
-  Coelho, F. A. (1880), *Etnografia portuguesa – Costumes e crenças populares*, in: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, II, n.º6, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa
-  Coelho, F. A. (1881), *Curso de litteratura nacional para uso dos lyceus centraes. I – A lingua portugueza. Noções de Glottologia geral especial portugueza*, Porto: Typ. Elzeveriana [2ª Edição, 1887]
-  Coelho, F. A. (1887), *Os ciganos de Portugal com um estudo sobre o calão*, in: *Revista Lusitana*, I
-  Coelho, F. A. (1891), *Noções Elementares de Gramática Portuguesa*, Porto: Lemos & C.<sup>a</sup> - Editores













-  Coelho, F. A. (1892), *Os ciganos de Portugal com um estudo sobre o calão*, Lisboa: Imprensa Nacional
-  Coelho, F. A. (1896), *Tradições populares portuguesas: Caprificação*, in: *Revista de Sciencias Naturais e Sociais*, IV, n.º 15, Porto
-  Coelho, F. A. (1899), *Morte e o Inverno*, in: *A Tradição*, I, 33
-  Coelho, F. A. (1900), *De Algumas Tradições Populares a Propósito de Estantígia*, in: *Revue Hispanique*, VII, Paris
-  Coelho, F. A. (1901), *Estudos sobre a influencia ethnica na transformação das linguas, I - Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla*, Coimbra: Imprensa da Universidade
-  Coelho, F. A. (1912), *Estudo das Tradições Populares*, in: *Revista Lusitana*, XV
-  Coelho, F. A. (1936), *Cultura e analfabetismo*, 3ª Edição, Porto: Livraria Educação Nacional Editora
-  Coelho, F. A., *Romances populares e rimas infantis portuguezes*, in: *Zeitschrift für Romanische Philologie*, III
-  Collado, J.-A. (1980), *Fundamentos de Linguística Geral*, Lisboa: Edições 70
-  Correia, J. (1933), *Adolfo Coelho*, in: *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo I, N.º 1 e 2, Lisboa: Universidade de Lisboa
-  Couto, H. H. (1994), *O crioulo português da Guiné-Bissau*, Hamburgo: Helmut Buske Verlag
-  Couto, H. H. (1996), *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*, Brasília: Editora da Universidade de Brasília

-  Cunha, C. (1981), *O protocioulo português e sua universalidade nos séculos XVI, XVII e XVIII*, in: *Língua, Nação, Alienação*, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira
-  Dalgado, S.R. (1900), *Dialecto Indo-Português de Ceylão*, Lisboa: Imprensa Nacional
-  d'Andrade, E. & Kihm, A. (1997), *O Coelho crioulista*, in: *Actas do 12.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996)*, 2, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística
-  DeGraff, M. (1999), *Language creation and language change: creolization, diachrony, and development*, Cambridge: The MIT Press
-  Dias, J. Lopes (1958), *O Dr. José Leite de Vasconcelos*, Lisboa: Torres & CTA. - Livraria Ferin
-  Fernandes, R. (1973), *As ideias pedagógicas de F. Adolfo Coelho*, Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/ Centro de Investigação Pedagógica
-  Fernandes, R. (1973), *F. Adolfo Coelho. Para a história da instrução popular*, Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/ Centro de Investigação Pedagógica, 1973
-  Fernandes, R. (1973), *Para a História da Instrução Popular*, Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência/ Centro de Investigação Pedagógica
-  Fernandes, R. (1978), *O pensamento pedagógico em Portugal*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa
-  Gama, Eurico (1969), *Cartas de Adolfo Coelho a António de Tomás Pires (1882 - 1904)*, Coimbra: Universidade de Coimbra
-  Gilbert, G. (1980), *Hugo Schuchardt: Indo-English, pidgins and creoles*, New York: Cambridge University Press
-  Gilbert, G. (1986), *The language bioprogram hypothesis: déjà vu?*, in: *Substrata versus universals in creole genesis*, Amsterdam: John Benjamins

-  Guerreiro, M. Viegas (1984), in: *Cultura e Analfabetismo*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural/ Departamento de Etnologia
-  Hesseling, D. C. (1910), *Overblijfsels van de Nederlandse taal op Ceylon*, in: *TNTL* 29
-  Hesseling, D. C. (1979), *On the origin and formation of creoles: a miscellany of articles*, Ann Arbor: Karoma Publishers Inc.
-  Holm, J. (1998), *Pidgins and creoles, Vol. I - Theory and structure*, Cambridge: Cambridge University Press
-  Kihm, A., *Are creole languages "perfect" languages?*, in: McWhorter, John (ed.) (2000), *Language change and language contact in pidgins and creoles*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
-  Kotzé, E. , *Effects of attitudinal changes towards creolization in Afrikaans*, in: <http://www.unb.br/il/liv/crioul/textos/ernst.htm>
-  Lefebvre, C. (1986), *Relexification in creole genesis revisited: the case of haitian creole*, in: *Substrata versus universals in creole*, Amsterdam: John Benjamins Publishing
-  Leland, C. G. (1866), *Pidgin English singsing, or Song and Stories in the China-English dialect*, London: Trübner and Co.
-  Lemos, E. (1979), *Dicionário de literatura*, 3ª Edição, 1.º Volume, Porto: Figueirinhas
-  Lima, J. J. Lopes de (1844), *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas na África ocidental e oriental, etc.*, Lisboa
-  Lisboa, E. (1990), *Dicionário cronológico de autores portugueses*, Vol. II, Mem Martins: Publicações Europa-América

-  Machado, L. Saavedra (1950), *Adolfo Coelho e o seu labor pedagógico*, in: *Biblos*, Vol. XXVI, Coimbra
-  McWhorter, John (ed.) (2000), *Language change and language contact in pidgins and creoles*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
-  Meijer, G. & Muysken, P. (1977), *On the beginnings of pidgin and creole studies: Schuchardt and Hesselning*, in: *Pidgin and creole linguistics*, Bloomington: Indiana University Press
-  Moniz, A. Francisco (1900), *Noticias e documentos para a historia de Damão*, Bastorá:
-  Morais-Barbosa, J. (1967), *Crioulos*, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa
-  Neto, S. Silva (1949), *Falares crioulos*, Coimbra: Coimbra Editora Limitada
-  Neves, J. Simões (1949), in: *Miscelânea de filologia, literatura e história cultural : à memória de Francisco Adolfo Coelho*, Vol. I, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos
-  Perl, M. (1994), *Portugiesisch und crioulo in Afrika*, Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer
-  Perl, M., Schöberger, A. & Thiele, P. (1993), *Portugiesisch-basierte Kreolsprachen*, Frankfurt-am-Main: TFM/ Domus Editoria Europea
-  Pires, A. Machado (1987), *Antero de Quental. Prefácio e antologia*, Angra do Heroísmo
-  Plag, I. (1994), *Creolization and language change: a comparison*, in: *Creolization and language change*, Tübingen: Niemeyer
-  Prince, A. & Smolensky, P. (1993), *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*, Rutgers/ New Brunswick: Rutgers University

-  Romaine, S. (1988), *Pidgin and creole languages*, London: Longman
-  Romão, Matos et alii (1948), *Revista da Faculdade de Letras*, Tomo XIV, 2ª Série, N° 1, Lisboa: Universidade de Lisboa
-  Salgado Júnior, A. (1930), *História das conferências do casino*, Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar
-  Schuchardt, H. (1882), *Kreolische Studie I - Ueber das Negerportugiesische von St. Thomé*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Carl Gerold's Sohn
-  Schuchardt, H. (1883), *Kreolische Studie II - Ueber das Indoportugiesische von Cochim*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Carl Gerold's Sohn
-  Schuchardt, H. (1883), *Kreolische Studie III - Ueber das Indoportugiesische von Diu*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Carl Gerold's Sohn
-  Schuchardt, H. (1884), *Kreolische Studie IV - Ueber das malaiospanische der Philippinen*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Carl Gerold's Sohn
-  Schuchardt, H. (1888), *Kreolische Studie IV - Ueber das Negerportugiesische von Annbom*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Adolf Holzhausen
-  Schuchardt, H. (1890), *Kreolische Studie IX - Ueber das Malaioportugiesische von Batavia und Tugu*, in: *Sitzungsberichte der Philosophisch - Historischer Classe*, Wien: Adolf Holzhausen
-  Silva, A. Carvalho da (1995), *Lembrar Adolfo Coelho (1847-1919)*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística

-  Simões, J. G. (1977), *A Geração de 70 – uma revolução cultural e literária*, Biblioteca Breve, Amadora: Instituto de Cultura Portuguesa
-  Smith, N., & Veenstra, T. (2001), *Creolization and contact*, Vol. 23, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
-  Spitzer, L. (1922), *Hugo-Schuchardt-Brevier – Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft*, Halle (Saale): Verlag Max Niemeyer
-  Spitzer, L. (1928), *Hugo Schuchardt*, in: *Biographisches Jahrbuch für Altertumskunde*, Wien
-  Spitzer, L. (1929), *Hugo Schuchardt*, in: *Neue Österreichische Biographie 1815–1918*, Band 6, Wien
-  Trajano Filho, Wilson (2003), *Pequenos mas Honrados: Um Jeito Português de Ser na Metrópole e nas Colônias*, Brasília: UNB Série Antropológica
-  Thiele, P. (1991), *Kabuverdianu: Elementaria seiner TMA-Morphosyntax im lusokreolischen Vergleich*, Bochum: Universitätsverlag Dr. N. Brockmeyer
-  Van der Vegt, A. Helmig (1884), *Proeve eener handleiding om het neger-engelsch*, Amsterdam
-  Vasconcelos, J. Leite de (1883), *Dialecto brasileiro*, in: *Revista de estudos livres*, Porto
-  Vasconcelos, J. Leite de (1959), *Lições de filologia portuguesa*, Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 3ª edição
-  Vasconcelos, J. Leite de (1970), *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 2ª Edição
-  Wolf, M. (1993), *Hugo-Schuchardt-Nachlaß*, Graz: Leykam





Wullschlägel, H. R. (1965), *Bautzen (1854), Kurzgefasste Neger-Englische Grammatik*, Amsterdam: Wrappers [Reprint]

## 11 Appendix

1652

Porto, 16 d' outubro, 1873

Meu Senhor,

Espero da indulgencia de VEx.<sup>a</sup> uma desculpa á longa demora n'esta resposta à carta com que VEx.<sup>a</sup> me honrou e á ainda maior demora na resposta á carta que VEx.<sup>a</sup> escreveu ao meu conveio José de Sousa, á qual elle me encarregara de responder. Há dous meses fora do Porto, onde voltei hontem, tenho tido uma larga interrupção nos meus trabalhos litterarios e na minha correspondencia; agora espero ter em breve reatados uns e outros.

A Hispania não se publicará, pelo menos tão cedo; em Portugal, obtivemos apenas 5 ou 6 assinaturas! A falta d'interesse pelas questões científicas, principalmente historicas e philologicas, é enorme em o meu pais. A Bibliographia critica por dificuldades economicas e pelo pequeno numero de collaboradores não irá alem do fasciculo XII, com que conclue um volume. Aceitaria de bom grado a assignatura de VEx.<sup>a</sup> se o jornal continuasse além d'aquelle fasciculo; mas n'estas condições, peço a VEx.<sup>a</sup> aceite os fasciculos publicados e os que ainda serão publicados como uma pequena homenagem d'um homem que deseja bem seguir o mais perto possivel o movimento sientifico da Allemanha, mas que vê deante de suas empresas o – veto temivel da indiferença e da diffamação. Os meus trabalhos encetados e os futuros destino-os á Romania, á Rivista de Filologia romanza, ao Archivio d' Ascoli, etc. D'este mundo a minha actividade não se perderá em lutas estereis e o pouco com que eu posso contribuir para a siencia chegará com facilidade ao conhecimento de todos a quem os meus estudos possam offerecer algum interesse.

Na Hespanha o methodo da linguistica é quasi desconhecido e eu não conheço sabio algum d'aquelle pais que estude a sua lingua sob um ponto de vista sientifico, embora lá haja philologos estimaveis; demais a sobranceria hespanhola faz com que não me tenha sido possivel obter relações com os sabios do pais vizinho, relações cuja falta sinto muito. Que fazer! Na peninsula sem uma posição official não se é nada e eu sou um simples impressor, dilettante em philologia romanica: Eis porque não posso obter a VEx.<sup>a</sup> a satisfação do desejo que exprime na sua carta de ter um ausiliar de Hespanha no seu trabalho sobre o castelhano,

apesar de meu desgosto em perder uma ocasião de ser d'alguma utilidade a um sabio, como VEx.<sup>a</sup> em cujos escriptos tenho tanto apprendido; mas se alguma outra ocasião se offerecer em que possa prestar effectivamente algum serviço a VEx.<sup>a</sup> espero creia que isso me será muito agradavel.

De VEx.<sup>a</sup>

Respeitador obrigado

F. Adolpho Coelho

1655

Lisbonne 29 octobre 1881

Cher Mousieur

Je viens de lire votre belle étude sur les Cantes Flamenus et je vous en remercie infiniment. C'est avec des recherches en originales comme les vôtres que la mème pourra faire des progrès. L'ethnologue trouvera beaucoup de sujets pour de sérieuses réflexions dans votre article. J'attends avec impatiences votre critique de mes Dialectos etc., où vous me ferez voir bien des choses que je n'ai pas vu dans les matériaux que j'ai reunis. Vous parlerez de ma Revista quand il vous plaira. Les Fasc. V – VI, contiendrant des articles de linguistique.

Je publierai bientôt de nouveaux matériaux pour l'études des dialectes créoles. Ce sont surtout des curiosités.

Votre devoué

F. Adolpho Coelho

1656

Amigo e Sr.

Acabo de receber o seu bellissimo estudo sobre o Dialecto de S. Thomé e comquanto ha meses não tenho pensado em creolo, e ande desviado por trabalhos diversissimos, li-o immediatamente com um grande interesse. Ha meses que dei á redacção do Boletim da Sociedade de geogr. a primeira série de notas complementares sobre o Dialectos romanicos, etc. em que ha umas notas novas sobre o creolo de S. Thomé; por circunstancias que não conheço ainda não foi publicado. Aqui, como o meu amigo pode calcular, dá-se muito pouca importância a estas coisas. Vou escrever um pequeno artigo sobre o estudo de VEx.<sup>a</sup> que lhe enviarei logo que esteja publicado, assim como as minhas notas complementarez.

Brevemente lhe enviarei a tradução dos enigmas creolos de Cabo-Verde e algumas notas mais sobre o mesmo (manuscripto.)

Entretanto aceite os meus cordiaes agradecimentos pelo estudo e creia-me de VEx.<sup>a</sup>

servo e amigo obrg.mo

Lisboa 1 dez. 1882.

F. Adolpho Coelho

1657

Meu amigo

Agradeço-lhe cordealmente as suas boas palavras de abril, mez em que perdi minha mãe.

Recebi ha alguns dias os seus novos estudos creolos e a nota sobre a lingua de benguela, que muito me interessam. No momento é-me, porém, impossivel consagrar-lhe toda a attenção que merecem, porque o meu tempo está absorvido n'uma campanha que, se n'ella for feliz, poderá pôr-me ao abrigo das grandes difficuldades materiaes com que tenho luctado, e ao mesmo tempo permittir-me-ha prestar ao meu paiz alguns uteis serviços.

É todavia assaz modesto o que tracto de obter: o cargo d'inspector primario municipal!

Envio-lhe o artigo sobre as linguas romanicas fora da Europa. Tenho materiaes para mais dois. São simples notas, como verá. Não conheço o livro de folk-lore inglez (Unile Remus) de que me fallou.

Tenciono estudar os artigos creolos no jornal de techner.

Disponha d'este seu

Am.º obr.<sup>mo</sup>

Lisboa 28 / 5 / 83

F. Adolpho Coelho

1658

4 / 2 / 84

Meu amigo

Espero da sua bondade uma desculpa para a minha longa demora no agradecimento dos seus Kreolische Studien (I-V) e o estudo sobre a lingua de Benguela, assim como de alguns

artigos avulsos. A minha vida tem sido atormentada por doença e o meio social em que vivo é dos menos próprios para estudos serios. Quiz ver se a minha actividade poderia ser aproveitada n'outra direcção – na pedagogia; infelizmente parece-me que não me espera aqui grande exito. Em Portugal quem quizer viver carece de achar bom tudo que se faz e incensar as autoridades litterarias instituidas; o meu mal vem de não poder fazel-o. Se visse o que aqui se escreve contra mim, passaria por [...].

Um facto mostrar-lhe-hei o estado de barbaries com que está o paiz, apesar de alguns esforços isolados.

Um sujeito meio doido, meio charlatão affirma ter enfim decifrado as inscripções peninsulares em letras desconhecidas, lançando por terra os trabalhos de todos os archeoloz anteriores; ora essas inscripções são, diz elle, escripto em portuguez e hespanhol, com poucas differenças do estado actual d'estas linguas. Assim o latim e o hespanhol existiam antes da invasão romana, etc. Segue ume serie de dislates historias de grande calibre. Tudo isso será provado n'uma obra volumosa que conterà prodigiosas revelações historicas. O homem pede ao governo um subsidio para a publicação; o governo consulta a Academia das Sciencias e classe de historia e lettras responde favoravelmente com relação á pretensão; o presidente d'essa classe escreve uma carta (publicada) ao archeologo dizendo-lhe estar convencido que elle achou a chave dos velhos alphabets ibericos. Eis que os jornaes proclamam genio o homem, lhe chamam um novo Galileo, que lança por terra tudo o que os sabios allemães, francezes, etc. imaginavam ter descoberto. Ao mesmo tempo outros jornaes dirigem-me amabilidades como cretino, idiota, etc. N'este naufragio do bom senso não vejo o que poderá saber-se. O meu amigo imaginará se eu tenho bons estimulos para trabalhar. Todavia estudo sempre. Do creolo não tenho podido occupar-me. Só hontem é que vi os Idiomes negro-aryen, etc do L. Adam. Mas tenciono apesar de tudo fazer dos seus Kreolische Studien e do opusculo do L. Adam objecto de um artigo para o jornal de Techner. Entretanto espero que continue a honrar-me com o offerecimento dos seus estudos. Só do estrangeiro posso receber estimulo e se esse me falta, nunca mais escreverei.

Creia-me

Seu am.º dedicado

F. Adolpho Coelho

1659

Meu caro collega

Muito agradecido pela remessa do seu estudo Slavo-deutsches, etc. que vem exactamente na occasião em que tracto d'organizar em artigo algumas notas sobre mistura de linguas, artigo em que para me servir de termos seus me ocupo mais da secção horisontal do phenomeno que da vertical. É sobretudo uma colleccionação de observações dispersas, agora concatenadas e submettidas a alguma critica o que tracto de fazer. O seu novo estudo ministra-me dados importantes. A mistura das linguas não só no vocabulário, mas ainda na grammatica em que passam de lingua para lingua sonz, formas grammaticaes (não só suffixos, mas ainda formas verbaes, etc.) construcções syntacticas é uma these que se vulgarizará finalmente. Em varios casos particulares terei que divergir do meu collega, de Ascoli, etc. Se assentar alguns principios geraes (principalmente methodologicos) em relação a este ponto, ficarei satisfeito. Recebeu talvez umas notas minhas em que ha primeiros ensaios sobre a onomatologia celto-iberica. Vou publicar um estudo sobre Gallaecia, etc. Depois voltarei ao creolo, acerca do qual espero novos estudos seus.

am°. dedicado

F. A. Coelho

Lisboa, 30 jan. 1885

1660

Meu bom amigo

Recebo o seu bilhete postal e apresso-me a responder-lhe, comquanto ainda hontem lhe escrevera agradecendo-lhe o seu Slavo-deutches, de que já li uma boa parte.

O artigo de que lhe fallou Leite de Vasconcellos foi publicado ha dois annos; saiu muito imperfeito, por isso tencionava reimprimi-lo correcto e augmentado para lh'o enviar; infelizmente a necessidade de me ocupar de assumptos diversos [dirigo aqui uma escola primaria superior (-escola media), que me absorve o melhor do meu tempo] e a falta de saude e ainda de periodico em que facilmente imprima qualquer coisa, adiaram o projecto; não guardei senão um exemplar do artigo; mas vou tractar de o completar e corrigir e logo que esteja reimpresso enviar-lh'o-hei.

Era minha intenção escrever para o periodico de Techner dois artigos sobre as influencias reciprocas das línguas, um geral, outro especial sobre os creoulos. Para o primeiro artigo o seu Slavo-deutches dá-me preciosos subsidios; d'um lado confirma alguns pontos de vistas a que eu chegara, d'outro dá-me muitas suggestões novas. Como o meu estudo é sobretudo uma condensação e methodisação dos trabalhos alheios, não fica ainda inutil em

frente da sua publicação e quando o ficasse, dar-me-ia por satisfeito. O essencial para mim é que a verdade se apure e não que eu apure a verdade. Comquanto o tempo de que eu disponha para estes estudos seja muito pouco e portanto inteiramente desproporcionado às meditações que elles exigem, vou tractar de corresponder ao seu amavel pedido de escrever sobre o seu novo trabalho (Slavo-d.). Poucos são os que se ocupam d'estas questões que, como diz, são de importancia capital. Far-lhe-hei chegar às mãos com a possivel rapidez o que eu publicar sobre o assumpto.

Enviei-lhe com a nota sobre os Ciganos, etc. um primeiro ensaio sobre a nomatologia antiga da Peninsula iberica. Confesso é com a maior hesitação e septico das proprias hypotteses que eu calco esse terreno em que tantos teem escorregado. Diga-me se acha visos de probabilidade n'aquellas hypotteses, que em rigor só podem ser criticadas quando os meus estudos comprehenderem um muito maior numero de normas e forem postas em relação com considerações d'ordem ethimologica.

Eu supponho que pelo menos, não serei levado para alguma casa d'oratez (hospital de doidos) com os mesmos motivos porque lá devera estar methido o mr. Fidel-Fita, celtomano encartado.

Dos seus estudos creolos recebi n.º 1-6; ha mais?

Creia-me seu

amigo dedicado

F. Adolpho Coelho

Lisboa 1 de fevereiro de 1885

1661

Meu amigo

Tenho padecido bastante n'estes ultimos tempos. Não ha duvida de que estou com uma forte diethese rheumatismal, com feição um tanto gottosa. Vem a velhice antes do tempo, porque tenho 38 annos. Infelizmente a lueta pela existencia aqui é dura e o tempo que me fica dos trabalhos forçados (Curso superior, onde ha só discipulos nominaes, direcção d'uma escola primaria superior, que me absorve o melhor do meu tempo, etc.) é pouco e esse pouco perturbado com os meus padecimentos. Eis porque só hoje lhe envio alguma coisa com relação ao que desejava saber da população das ilhas de Cabo-verde. Não prossegui nas investigações (em parte renovadas d'outras já feitas ha tempo), porque os resultados seriam por certo muito magros. Nada de positivo ha escripto acerca da ethnologia d'essas ilhas. Os

mais antigos historiadores dos descobrimentos dos portuguezes ou não ou só dão vagas indicações sobre o povoamento das ilhas, que evidentemente estavam desertas quando foram descobertas. Essas indicações e as de escriptores mais recentes resumem-se no seguinte que se acham em José Maria de Sousa Monteiro, Diccionario geographico das provincias e possessões ultra-marinas (Lisboa, 1850, 8.º p. 179-80):

“Estavam completamente deshabitadas (as ilhas de Cabo-verde), quando foram descobertas, e vestidas de muito arvoredo, de que ainda hoje em algumas Ilhas se encontram vestigios; mas logo em 1462 cuidou o Infante D. Fernando, a quem tinham sido doadas, em as povoar com criados seus, os quaes mandaram vir de Guiné casaes de Jalofos, Balantes e outras tribos por quem dividiram as terras, mas esta povoação apenas foi nos primeiros annos [...] nas Ilhas de Santiago e Fogo, que eram consideradas as principais. Não se pode assignar nem a epocha, em que principiaram as outras ilhas a povoar-se, nem o modo como a sua povoação se fez; não poderia contudo deixar de ser muito menor, porque por exemplo na Ilha da Boavista ainda em mais de meado do seculo 17 e na de Maio nos primeiros annos do seculo 18 viam-se inglezes alli trabalhar o sal, e conduzi-lo depois nos seus navios, dando apenas alguma cousa aos poucos habitantes pelo trabalho de lh’o carregarem; e por isso delles tomaram o nome os portos principaes, que nesta era o de porto dos Inglezes, e naquella de porto-inglez.”

O livro de Sousa Monteiro nada mais offerece que lhe possa ser util sobre o assumpto.

A noticia authentica mais antiga que se conhece parece ser a relação de Diogo Gomes, existente na bibliotheca de Munich, da qual deu conhecimento Richard Major na sua obra The Life of Prince D. Henrique, cap. XVI. Segundo essa relação a ilha de Santiago foi descoberta em 1640 e não havia lá signal algum de homens. José Joaquim Lopes de Lima nos seus Ensaios I, p.XI, quando não se conhecia ainda a existencia da relação de Diogo Gomes, attribuindo ao descobrimento a Antonio de Nolle, diz:

“Eu persisto no que assim deixo escripto acerca da descoberta das primeiras tres Ilhas (Maio, S. Thiago e Fogo), rejeitando tradições estrangeiras em contrario, tanto no que respeita à epocha, como à opinião infundada de que a Ilha de S. Thiago, ao descobrir-se era já povoada de povos Jalofos, o que bem claramente contradizem os auctores a que me refiro: de Jalofos, Felupes, Balantes, Papeis, e outros, seriam ellas effectivamente povoadas ( não fallando nos casaes portuguezes, que para lá mandaram os Donatarios); que para esse fim expresso lhes foi comedido aos moradores exclusivo o resgate de escravos na terra firme fronteira, como se deprehe de da limitação posta no contracto de arrendamento feito a Fernão Gomes por El-Rei

D. Affonso 5.º, no anno de 1469; mas isso foi por decurso de annos, e por obra dos Portuguezes.”

Tudo isso é muito tenue, muito mais de pressumpção que de facto documentado. A comparação entre a população de côr das ilhas e a das costas fronteiras é que poderia levar a resultados mais seguros; mas essa comparação falta, porque aos escriptores que teem contado do assumpto faltava a competencia em materia d’ethnologia. Em todo o caso todos os indicios levam a crer que effectivamente a parte negra da população das ilhas veiu da costa fronteira. Em Santo Antão distinguem ainda o elemento fula do elemento negro.

Dar-lhe-hei agora alguma coisa acerca da noticia de Hopffer. Este medico vive aqui perto de Lisboa e eu tentei já sacar d’elle alguns esclarecimentos por intermedio d’um amigo mas sem resultado. O relatorio d’elle começa no n.º 2 da IV serie do Bol. da Soc. de geogr.; tem-no completo?

O que H. diz a p. 220 ss. é effectivamente contraditório. O homem não tinha idea clara da questão; é por isso que recorre a generalidades vagas de segunda mão.

p. 220 (n.º 5) falla de brancos nascidos na ilha de paes e maes europeus; n.º 6 de brancos europeus que vieram implantar-se na ilha, onde estabeleceram casa e familia.

É evidente que elle quer referir-se a duas camadas de colonos brancos: uma já antiga, outra contemporanea. Os n.ºs 1 e 2 teem similhante interpretação. No n.º 1 tracta-se dos negros que não nasceram na ilha, mas foram para lá da Guiné, e cujo numero, não tendo sido alimentado ha annos por novas importações, se acha hoje muito reduzido; no n.º 2 tracta-se dos negros nascidos na ilha, descendentes dos que os portuguezes, povoadores d’ella, para lá levaram da Guiné. Aborigines aqui está em sentido extensivo, abusivo por primeiros povoadores. Por primeira e segunda geração designa, creio, H. os primeiros negros transplantados seus filhos nascidos na ilha e seus descendentes sem cruzamento; o cruzamento d’estes com os portuguezes primeiros colonos deu uma primeira geração de mulatos (3.ª geração de H.); estes mulatos do primeiro grau (½ negro) continuaram a reproduzir-se entre si, sem a alteração do typo, ou se cruzaram com brancos, dando mulatos claros do 2.º grau (¼ negro). Assim temos:

- 1.ª geração: negros transportados de Guiné.
- 2.ª “ : filhos d’esses negros nascidos na ilha.
- 3.ª “ : cruzamento da 2.ª com brancos.
- 4.ª “ : “ “ 3.ª “ “

Nos brancos da camada mais recente entram americanos.

Parece-me ser isto o que H. queria dizer.



A imperfeição do Tableau Anomatique de Broca não permite julgar bem se as determinações de H. em relação á coloração da pelle são exactas.

Alem dos factos d'ordem propriamente anthropologica, o estudo das tradições e costumes dos povoadores de cor das ilhas e dos indigenas da Guiné ministrariam bons indicios em relação á proveniencia dos primeiros, conquanto esses costumes e tradições tenham por vezes experimentado modificações.

Citar-lhe-hei um facto. Em Santiago ha a tradição de que a hirã é uma mulher de cabeça muito volumosa e de corpo franzino, a qual em chegando á idade de 12 annos se transforma em serpente e vae viver no mar.

Na Guiné: “Creem na existencia de duas categorias de genios bons e maus (. Os bons) a que chamam irã ou riam são formosos como os anjos do céu, e como não fazem mal, só recebem d'estes gentios o preito de homenagem, devido ás suas formas encantadoras.” Bol. Soc. de geogr. de Lisboa III ser. n.º 12, p.716.

Agradeço muito o seu offerecimento com relação ao questionário. Eu espero em breve poder mandar imprimir um largo questionário ethnologico, então enviar-lhe-hei exemplares para distribuir pelos seus amigos. Conclui um artigo sobre as Sereias e mythos similares, para o Archivio de Pitré, onde reuno novos textos sobre a mãe d'água.

Espero o artigo da Miscellania Canellolaire sobre o albanez. Já li Lepsius Nubische Grammatik que me faltava para o meu trabalho sobre mistura grammatical. Prestes 15 dias remeter-lhei umas Notas Philologicas.

Disponha sempre d'este seu

Am.º obg.<sup>mo</sup>

F. Adolpho Coelho

Lisboa, 11 de Abril de 1885

1662

Meu amigo

Os meus agradecimentos pelos seus bilhetes e os artigos da Literaturblatt de que só um veio em duplicado. Reduzido a um minimo de recursos bibliographicos (as Bibliotecas de Lisboa não teem nenhuns periodicos allemães) esses extractos são para mim valiosissimos. Teria grande prazer em ver o seu artigo sobre Alban. Studien de J. Meyer, que por certo seria muito util para o meu estudo em preparação. Vou reunir o que lhe possa ser mais util para os seus estudos creolos respectivos a Cabo-verde; mas pouco achará em verdade com sufficiente

precisão. Creio que não será preciso comprar; farei extractos do mais difficil d'enviar e indicar-lhe-hei em carta o que me parecer conveniente. Vou ter aqui um especimen vivo do creolo de Cabo-verde, uma sobrinha minha de 8 annos nascida em Santo-Antão. Tenho observações sobre creanças bilingues, negros, etc. Longos questionários enviados para a India e Africa trouxeram-me ... algumas promessas, e mais nada. Estão exhaustos muitos numeros do Boletim da Soc. de geogr., mas eu tenho a collecção completa, mandar-lhe-hei o que lhe possa interessar!

Am.º dedicado

F. A. Coelho

1663

Meu caro amigo.

Uma cruel doença, que me não deixa ainda de me dar tristes apreensões, me impediu de responder até hoje ás suas cartas postaes de 29 jan. e 2 fev. Essa doença torna impossivel realizar tão depressa o desejo de lhe dar informação acerca das partes que lhe interessam. Mas por isso não deixará o seu estudo de ser completo e novo. A minha saude arruinada ha muito, a necessidade de lutar até á última pela existencia impediram-me de escrever sobre o seu Slavo-deutsches e de preparar para a impressão o meu estudo sobre heterogenia grammatical. Por largo tempo talvez tenho que pôr pausa nos meus trabalhos para tentar reconstituir o meu organismo arruinado. Muito agradecido pelos dois extractos. Espero continue a honrar-me com noticias e publicações.

Am.º mto. obg.do

F. A. Coelho

Sou contra a infallibilidade das leis phoneticas, no sentido dos neo-grammaticos. Eu chegara por outros caminhos à idea da analogia na lei phonetica. As leis phoneticas são da mesma ordem que as morphol. e syntacticas. As leis da linguagem são da mesma natureza que as moraes e estheticas.

1664

Meu caro amigo. Envio 4 cathecismos diversos; talvez sirvam ao seu intento. Não recebi os seus Kreolischen Studien senão até ao n.º VI; não publicou mais? Tenho no prelo (Bol. Soc. geogr.) novas notas complementares ao artigo as Linguas romanicas etc.; são puros

materiaes na parte nova e uma revisão da Bibliographia creola com pouco novo para si. Ha alguma publicação sua sobre mistura de linguas? Muito me obsequeia informando-me a este respeito. Que lhe parece o termo heterogenia grammatical para designar a existencia de elementos grammaticaes d'origem diversa na mesma lingua? – Continuo padecendo, conquanto menos, de nevrasthemia; são raros os dias em que posso trabalhar um pouco; emprego-os em pôr em ordem, preparar-me para a impressão trabalhos a que falta só a ultima demão. Responda-me sobre a heterogenia grammatical, peço-lhe. Leite de Vasconcelos vae publicar uma revista de glottologia e ethnologia portug.; mas em Portugal não ha publico, nem diminuto para estas coisas. Os meus respeitos ao mr. J. Meyer.

Seu dedicado

F. A. Coelho

Lisboa 15 out. 1888

1665

Lisboa 4 nov. 1886

Meu caro amigo e infelizmente collega em nevrasthemia. Recebo os seus artigos da D. Lit. Zeitung, em muito agradeço. Folgarei muito em receber tudo o que escrever sobre os neogrammaticos e as leis phoneticas. Tenho em esboço um art.º sobre a Classificação da sciência da linguagem, em que me occupo das leis phoneticas. As minhas notas creolas n.º III, no prelo, pouco valem; ha notas novas sobre o port. de Singapura, derivado do de Malaca, alguns textos creolos francezes meus conhecidos ( e outros conhecidos, mas dispersos) e notas avulsas d'aqui e d'alli. Nada disso torna menos util qualquer estudo dos assumptos feito de mão assente. Não recebi o Appendix ao seu Slavo-d.. Se tiver algum exemplar disponível muito me obsequeia enviando-m'o, pois não paro a esperar o poder escrever sobre Sprachmischung, apesar do meu estado nevrasthemico ser muito apprehensivo. Logo que possa ir á Soc. de geogr. empenhar-me-hei para que lhe enviem o Boletim: As Chronicas port. Continuam a ser publicadas.

Disponha deste seu am.º dedicado

F. A. Coelho

L. Vasconcelos vae publicar uma revista de glottologia e ethnografia.

1666

Meu caro amigo.

O Boletim da Sociedade de geographia VI ser. n.º 6 traz um artigo sobre Creolo de Cabo Verde por João Maria Botelho da Costa e Custódio José Duarte. É-lhe offerecido; mas caso não lhe tenha chegado ás mãos, diga-m'ó, para que eu lhe mande exemplar.

Devem estar impressas as minhas Notas III, mas como a Sociedade agora tracta mais de festas que de sciência talvez demore a distribuição.

Am.º dedicado

F. A. Coelho

1667

Meu caro amigo.

Suppondo que o Appendix ao Slavo-deutsch se ache no [...], fil-o vir por o meu livreiro. No caso de ser impressão privada e portanto o meu livreiro não m'ó forneça, obsequiava-me, se fosse possível, enviando-me um exemplar que eu recambiaria com promptidão registado. Desejo fazer a historia, dar ideas acerca da Sprachmischung tão completa quanto possível. Li já a [...] de Ascoli (Archivio X) e conto ter conhecimento dos elementos da questão leis phoneticas, que ha muito me attraze particular attenção pelo seu valor geral. Eu ponho as leis phoneticas não do lado das leis naturaes (physicas, chimicas, psicologicas, etc.), mas das leis logicas, estheticas e moraes. Admiro que Zeller na sua memoria sobre as leis moraes não se tenha lembrado das leis da linguagem. Em todo o caso às leis da linguagem (incluindo as phoneticas), com as estheticas, etc. podem implicar uma concepção metaphysica, conscia ou inconscia. Nesse sentido a proposição as leis phoneticas não teem excepção é não um postulado logico, mas um postulado metaphysico. Rogo-lhe que na direcção dos escriptos ou cartas com que me honre ponha – Rua do Quelhas 107 para evitar extravios.

Amigo dedicado

Vae outro postal nesta data.

1668

Meu amigo.

Recebi do mr. Blumentilt os seus Nachträge zu Slavo-deutsch etc., que já agradei ao seu amº. Envio-lhe Boletim da Soc. de geogr. ser. VI, nº. 6. No meu art. I Dialectos romanicos etc. na Asia, etc. ha um erro singular só explicável pelo modo porque me foram

chegando ás maus os materiaes acerca do creolo de Cabo-Verde: pertence a S. Thiago o que alli se attribue a S. Antão. Suspeitam já desse erro agora confirmado pelo exame dos materiaes reunidos pelos mrs. Botelho da Costa e José Duarte. Estes senhores não ignoram a existencia do que eu publiquei; mas fingem não saber-o. Terão suas razões. Espero com muito interesse o seu artigo sobre Ascoli. Não me convencera a hypothese sobre formas em ca, co alem de nomes da za em –ce.

A minha nevrasthenia exige o maior repouso intellectual possível durante mais tempo ainda; mas sinto impaciencia por concluir o meu estudo sobre Sprachmischung. – Os livreiros aqui são gente singular, com quem não se pode contar. Na Soc. de geographia o expediente está muito mal organizado; mas eu estou ao seu dispôr. Caso não lhe mandem o Bolet. posso emprestar-lhe a minha colecção.

Am.º dedicado

F. A. Coelho

1671

Meu caro am.º

Pode obter livros portuguezes por intermedio de Augusto Férin Rua do Almada n.os 70-74 – Lisboa ou de Magalhães + Moniz, Livraria Universal, Largo dos Loios, Porto.

Na Sociedade de Geogr. de Lisb. ha apenas uma collecção incompleta do Bolet. da Soc. de geogr. do Rio de Janeiro (filial) e nos n.<sup>os</sup> alli existentes não acho continuação do art.º de Macedo Soares. Espero com impaciência o art.º sobre Romano-basco -

Sempre ao seu dispor

F. A. Coelho

Em breve lhe envio um art.º meu sobre physio- psychol. da linguagem

1675

Lisboa, Travessa da Bella-vista, 9

7-I, 90.

Meu amigo

Muito agradecido pela remessa da continuação dos seus estudos creolos; dos Kreol. Studien recebi até n.º VIII e dos Beiträge até n.<sup>a</sup> IV-VI, excepto d'estes o n.º I, que se estraviou. Agradeço tambem o opusculo magyar e as Romanische etymologie. Num

Diccionario que comecei a imprimir em 1873 e que só agora, após largas interrupções, vae ser publicado, apesar de umas graves imperfeições, apontei ha já 12 annos a relação provavel de chouriça e chorume, chorudo; pensei tambem na relação de \*choro e lat. jure. Tenciono publicar varias notas relativas a etymologias de Cornu.

Tambem tenho impresso no meu Diccionario ha alguns meses vadio de lat. \*vagativas e afigura-se-me que ja alguem antes suggeriu esta etymologia.

Envio-lhe: 1 opusculo sobre Reforma do Curso superior de letras; 1 artigo sobre Gallaecia etc; 2 artigos Questões ethnogenicas (continuum).

Creia-me sempre seu  
muito dedicado

F. Adolpho Coelho

Em tempo não lhe enviei o estudo creolo de Paula Brito, porque este mr., que eu não autorizei a declarar ter revisto o seu trabalho, que carecia de ser feito d' outra forma, apesar do trabalho que eu tive com elle, nem sequer me deu um exemplar dos 100 que recebeu da Soc. de geogr. e me declarava que enviaria 1 ao mr. Schuchardt, o que parece não fez; um puro creolo, velhaco e mentiroso, como quasi todos os da sua raça.

1676

Lisboa, Travessa da Bella-vista, 9, 1.º

10-I-90

Meu amigo

Acabo de ler o seu artigo sobre os Apontamentos de Paula Brito; d'acordo em tudo. Le lado é talvez port. lez (de lez a lez). Escrevera ao amigo mr. Schuchardt uma carta ha poucos dias e enviei-lhe uns escriptos meus. Obsequieia-me enviando-me Separatabdruck do artigo sobre Paula Brito, no caso de ter. Espero poder em breve escrever artigo desenvolvido sobre os seus Kreolische Studien u. Beiträge. Só posso trabalhar pouco e sou forçado a ocupar-me de assumptos variados e pouco produtivos para a sciencia.

Seu muito amigo

F. A. Coelho

1678

Lisboa, Rua dos Remedios á Lapa, 62, 2.º

15 de janeiro de 1897

Meu amigo

Se nestes ultimos tempos o meu nome por acaso lhe veiu á memória foi sem duvida como o dum morto, pelo menos dum homem intelectualmente morto. Em verdade desde o livro dos Ciganos quasi nada tenho publicado, desse pouco envio-lhe umas coisas insignificantes, de que apenas lhe pode interessar uma passagem que respeita ao crioulo no artigo sobre a instrução popular p.198.

Aqui de cada vez se torna mais difficil conhecer o que se publica de novo no dominio da linguística e como tenho para publicar alguns materiaes para o estudo dos crioulos, rogo-lhe o favor de me informar se o meu amigo publicou algum estudo ou nota sobre os dialectos creoulos depois do estudo sobre o malaio-português (Kreol. Studien XII).

Espero ancioso os seus estudos sobre o basco e o iberico. Sei que fez viagem linguística até ao Caucaso e que colheu , como sempre, novos e valiosos frutos nessa excursão.

Disponha sempre de quem se confessa

De VEx.<sup>a</sup>

Am.<sup>o</sup> mto. obj.<sup>do</sup>

F. Adolpho Coelho

1679

Lisboa, Rua dos Remedios á Lapa, 64, 2.º

18 de outubro de 1901

Meu amigo

Não lhe agradei em tempo devido a offerta dos Estudos de etymologia romanica (2 fasciculos), porque desejava fazer acompanhar o agradecimento dalguma publicação minha que lhe mostrasse que ainda trabalho; mas pouco tenho publicado que lhe interesse nalgum grau. Comecei finalmente a imprimir os meus estudos sobre a mistura grammatical e envio-lhe o primeiro intitulado Diferenças phoneticas das linguas e diferenças anatomicas dos órgãos da falla, que submetto á severidade da sua critica. Envio-lhe igualmente um extracto da Revue hispanique sobre tradições populares da Hispanha e de Portugal.

Acabo de ler os seus artigos no Globus sobre [...] und Säge; [...] und Dolch. Eu escrevera alguma coisa sobre a foice serreada num artigo intitulado Alfaia agricola portuguesa, de que saiu já a 1.<sup>a</sup> parte na revista Portugalia (Porto, 1900) e de que a 2.<sup>a</sup> (onde fallo da foice) está impressa desde agosto do corrente anno e vae ser publicada em o 3.º

fasciculo da mesma Revista, que será distribuido por estes dias proximos, segundo me communicam os redactores. Não pude por isso aproveitar os seus artigos do Globus, nem sequer fazer referencia a elles supplementarmente no dito 3.º fasciculo da Portugalia, por estar concluida a impressão. Pedi um exemplar da impressão em separado dos meus artigos sobre Alfaia agricola; mas como um dos redactores, que tem a seu cargo as separatas, não está no Porto, recebi da imprensa sómente um exemplar do segundo artigo, que lhe envio desde já, comquanto quasi nada de novo lhe diga. A gravura da foice serreada /seitoira/ ficou muito má. Como outras gravuras mostram, usam-se tambem em Portugal foices de gume liso, de que não lhe fallou D. Carolina Michaëlis, apesar desse uso ser muito espalhado em o meu país.

Espero com o máximo interesse a continuação dos seus estudos ibero-bascos, sentindo ter ha tempo posto de parte a continuação dos Kreolische Studien.

Por aqui as coisas vão de cada vez peor. Os homens descem moralmente sem cessar.

Creia-me sempre

Seu amigo muito reverente e obrigado

F. Adolpho Coelho

1682

Meu caro amigo

O seu bilhete renova-me a idea da culpa em que estou incurso de não lhe ter agradecido a offerta do art. do mr. J. Meyer sobre a influencia do lat. no albanez; faço-o agora, contando que trabalhos urgentes me tenham impedido de enviar para o periodico de Techner a primeira parte do meu estudo sobre a influencia reciproca das linguas, assim como de dar a lume um art.º já em rascunho sobre o seu Slavo-Deutsches.

A maior parte das palavras incluidas no dicc. de Moraes e Silva do port. da India são tiradas do livrinho A Vocabulary in the Ceylan Portuguese and English languages, with a series of Familiar Phrases, By John Callaway, Wesleyan Minning, Columbo, 1820. In-120

Carrilho Vieira não é philologo, nem mesmo litterato; é um ex-estudante de Medicina, republicano, Rochefort au petit prêt, que publica livros republicanos e vende outros numa pequena livraria na Rua do Arsenal, Lisboa; é editor do jornal Revista de estudos livres, de que são directores JL Braga e Teixeira Bastos. Nesse periodico, que veiu a substituir o Positivismo, ha vol. III, nr.º 3 (Maio 1885) um art. intitulado: Lingua creola da Guiné Portuguesa e do Archipelago de Cabo-Verde, por Frederico de Barros. Este Barros é parente do padre M. M. de Barros e creio que tambem padre. Supponho que sabe esses Barros são



puros negros guineanos; M. M. de Barros foi educado em Portugal no seminário das missões de Sernache do Bonjardim; fallei aqui com elle e pareceu-me um homem intelligente. Disse-me ir escrever sobre o creolo da Guiné no Boletim da Soc. de Geographia. Algumas informações que este mr. me deu e outras havidas de diversas fontes discordam em diversos pontos.

Envio-lhe copia do art. de Fred. de Barros, que deve ser continuado.

Agradeço desde já o escripto contra os neogrammaticos, que vem completar o que tenho de Mistelli, Custins, Dellmück etc. sobre o assumpto.

Envio dois exemplares do artigo sobra as Sereias de que rogo o obsequio de entregar um ao mr. J. Meyer.

Creia-me sempre á sua disposição.

am.º mto. obg.º

F. A. Coelho

1683

Meu caro Senhor

Devia ha mais tempo ter respondido á sua amavel carta de 2 de março; mas a pouca tranquillidade da minha vida não me permittiu fazel-o, sobretudo porque não me tem sido possivel pensar nos dialectos creolos.

Resolvi não prosseguir nos meus estudos creolos e limitar-me-hei simplesmente a publicar as notas reunidas como complemento do meu primeiro artigo, esperando a publicação da sua obra completa sobre o assumpto.

Verei com interesse a sua demonstração da influencia das linguas extra-europeias na formação dos creolos, influencia que em grande parte me parece assaz difficil d'admittir. Para o indo-português, por exemplo, achamo-nos num terreno excellente d'experiencia pelo conhecimento que temos das linguas de Ceylão.

Agradeço muito a sua nota na Zeitschrift de Gröber e rogo-lhe me dê noticia da publicação sobre os dialectos creolos.

Não fui convidado para collaborar na publicação da Sociedade camoneana, nem sequer recebi o volume. Aqui para tudo são chamados os que menos estudam.

Ignoro qual possa ser aqui o meu futuro proximo. É-me impossivel continuar a sustentar-me nas desgraçadas condições em que me acho. Se fosse possivel achar um lugar numa universidade estrangeira para a glottologia germanica ou geral ou literatura comparada,

talvez pudesse ser um pouco util á siência. Aqui estou condenado a um estiolamento inevitavel.

Creia-me sempre

Seu

am.º dedicado

F. Adolpho Coelho

5260

[...]

Ex.mo Snr.

Respondo ás suas ultimas cartas, não o tendo feito ha mais tempo á primeira dellas por diversos motivos entre os quaes ter-me perseguido ultimamente uma irritação nervosa que me tira o sonno.

Recebi e agradeço muito o extracto do Pantheon. Com o maior interesse verei publicado e reunido tudo o que tenha sobre linguagem popular, classificado convenientemente. Uma collecção de vozes como gri-gri grillo, béu-béu cão etc. não faltará no seu estudo. Eu tenho materia para 10 ou mais boas pag. como as da Bibl. critica querendo mande-me em boa calligraphia, que eu revejo e envio para Zeitschrift de Gröber ou Romania. O melhor será mandar primeiro o rascunho para o copiar depois das emendas. Titulo – Notaz sobre a linguagem popular de Minho e Beira (etc.) – Portugal. Phonetica – Morphologia (se ha particularidades que não entrem na phonetica) – Sintaxe (ha muita cousa interessante a colher). Etymologia popular. Vocabulario.

Enquanto à minha Revista concluido o I vol. o que depende da imprensa, vou tentar se alcanço que o governo o mande imprimir na Imprensa Nacional, porque com assignantes não posso contar; mas se ali não sair o seu art.º, que pode preparar com vigor, mando-lh'o para a Revista das trad. pop. que começa na Sicilia a ser publ.<sup>a</sup> este mez por Pitré e S. Maurio.

Da Bibl. critica consegui reunir-lhe o que lhe mando; creio ficar-lhe faltando só uma folha que não tenho. Exemplares de n.º 1 – 6 possue Anselmo de Moraes.

Tenho para mandar por conta do editor vol. I e II da Revista de Filol. romanza (2400 vol.)

Recebi o I n.º da Revista scientifica. Não sei ainda quando irá o meu I art. sobre Phonetica geral, porque exactamente para esse I art.º tenho que ver duas ou tres cousas que ha nas bibli.<sup>as</sup> e ultimamente o pouco tempo que tenho podido trabalhar tem sido consagrado ao

meu novo e mais largo estudo sobre creolo, especialmente á parte geral em que me ocupo com uma extensão grande dos phenomenos glottologicos que se dão ao contacto de pessoas fallando linguas diversas.

É como sabe um capitulo importantissimo e quasi inteiramente novo da historia da linguagem. Tudo quanto se tem escripto sobre elle é vago. A sciencia europea dirá se nas minhas theses fructos d'exame de factos numerosos e de longas meditações ha verdade ou não. Infelizmente (triste é dizel-o) não ha senão uma duzia de glottologos na Europa que possam dar um juizo seguro sobre o meu trabalho, porque a maior parte glottologos são terrivelmente especialistas; outros que teem escripto sobre glottologia geral são muito formalistas e eu tenho que combater opiniões d'elles.

5262

Ex.mo Cav.º e Snr.

Recebi as suas duas ultimas cartas e o n.º da Vanguarda.

É muito difficil traçar uma linha entre o neologismo e o archaismo. Tal palavra que não é usada na linguagem geral vive como termo provincial ou termo technico (p.e. aculeo, derrelicto dadas como desusadas Ling. port. p. 35). A p.44 lin.10 era mister pôr seguidas na linguagem litteraria e das pessoas cultas – e ainda assim! Agradeço as suas observações que aproveito. Ha alguns pequenos erros a corrigir no livro que carece de edições posteriores para se aproximar do irreprehensivel: A p. 98 lin.18 está bogalho por bolota. É mister observar também que laude = glauden é provincial. A p.91 o que se diz do suffixo eiro é inexacto; eiro = ariuz é especial nas línguas romanicas (não só em portuguez, para formar nomes d'arvores, uso que ainda não tinha em latim, onde [...] é frequente para formar substantivos como acuarius, altiliarius, bractearius, carpentarius, furmarius, notarius, topiarius etc. etc.; aerarium, promptuarium, ossuarium, vestiarium etc.

Corga na provincia significa tambem um caminho entre barreiras. Com relação a trasgo-nevoeiro, eis o que ha. Perguntei ha alguns annos em Tras-os-montes pelo Trasgo; quasi nada apurei do povo. Um sujeito de Villa-Real, pessoa instruida (sobrinho de C. C. Branco) disse-me que o Trasgo era o nevoeiro; que quando o nevoeiro se esturdia no valle se dizia – lá vem o Trasgo. Ora pela fonte podia ser levado a crer que a cousa não o facto, mas a theoria; mas a identidade do Trasgo e Trado (evidente corrupção d'aquelle nome pelo processo da etymol. pop.), Tardo em Aveiro (porque vem tarde! segundo me explicaram) e o facto do trado fazer parar os viandantes (averiguar este ponto é importante), o character koboldico do Trasgo,

fazem-me crer que ha fundamento na asserção do homem de Villa-Real. Espero que no seu livro dê alguma cousa sobre o Trasgo para concluir. As relações entre os kobolds e o nevoeiro estão demonstradas. Os Naberas das Asturias apresentam o carácter koboldico muito pronunciado; p. ex. os toques dos sinos fazem-nos desaparecer. Na Foz do Douro quando ha nevoeiro toca-se o sino; dizem lá que é para os navegantes pelo toque conhecerem a direcção da terra; mas não será uma interpretação moderna? Convém averiguar este ponto curioso.

O mytho das sereias é popular em toda a península. Tenho numerosos textos. Eis uma quadra gallega:

A sereia quando canta  
Canta no pego do mar:  
Tanto navio se perde  
Oh que tão dulce cantar!

A palavra sereia falta no imperfeitissimo Dicc. gall. de Caneiro Puñol; a forma como vê exactamente identica á portugueza.

O Boletim da Soc. geogr. está com o Tangro-mangro. Ainda não distribuiram o n.º 7 e o meu art. II vem só no VIII. Tenho prompto 2.º art.º sobre Dialectos creolos, materiaes e considerações novas, a proposito dos quais fui terça-feira numa conferencia. É um mundo novo que eu sou o primeiro a explorar e que é extremamente fructuoso para a anthropologia. Espero com o maior interesse o seu livro e o Pantheon. Não se esqueça das folhas (as de que poder dispor) com o meu artigo:

A Revista scientifica pode contar com a minha collaboração assidua, tanto na bibliographia como nos artigos de fundo. A necessidade de um tal orgão é evidente. É mister combater com sciencia positiva um positivismo tolo que por ahi inchando nos pobres rapazes, que poderiam alias ser uteis. Um orgão serio independente da politica, religião e philosophia dogmática poderá sá contribuir para a nossa reconstrucção intellectual. A unica condição que proponho é que dos artigos de alguma extensão me sejam dados exemplares; mas não é preciso fazer impressão em separado; bastam folhas. Desejo saber qual a extensão maxima dos artigos em cada n.º e pouco mais ou menos o formato do jornal para calcular.

Subscrevo-me cordealmente  
respeitador e am.º obrg.<sup>mo</sup>

F Adolpho Coelho

A lentidão com que trabalhar na Revista d'ethnol. não me permite prever quando poderei distribuir os fasc. V-VI.

Breve mandarei o I art.º para a Revista scientifica.

5263

18 II 82

Ex.mo Am.º e Snr.

Sabe como o tempo foge a quem trabalha. Tenho demais estado com umas tarefas que não me quadram bem e por isso me fatigam em extremo.

Sinto profundamente a sua doença e faço sinceros votos pelas suas melhoras, esperando que em pouco possa imolar o gallo ao seu patricio Esculapio.

Recebi o folheto do Cornu que agradeço. Remetterei o frontespicio da Bibliographia critica com qualquer outra cousa (talvez o II artigo do Boletim Soc. Geogr.) para não se estragar. Tenho já um artigo para a Revista scientifica que me falta apenas rever. Espero os seus estudos que deseja que eu reveja. Li art.º de Th. Br. 1/ Superstições.

Sempre a mesma falta de methodo e a mesma monomania [...]. Hei de pôr de pernas ao ar esta theoria em toda a sua extensão, é que não é difficil. A Bibliographia do dialecto de Ceylão está no Bol. Soc. geogr. art.º sobre Dialectos romanicos.

Ahi no Porto havia o N. Testamento na Bibl. do visconde d'Azevedo. A orthographia dos missionarios é má. Não se publicou a conferencia s/ geogr. da lingua portuguesa; depende a publicação d'um passeio pela nossa fronteira e gallega. As notas do Congresso que o Cartailha estropiou saem no Campte-venda, que está muito atrazado, com uma nota sobre os Ciganos. No Occidente saiu resumo melhor.

Desejava muito entrar com o nosso am.º M. Sarmiento em polemica sobre os Celtas, mas não me é possivel sem me desembaraçam de musas urgentes.

Sobre hom, etc noutra occasião.

D' Archivio de Pitré ainda nada sei.

Agradeço o n.º de Folha Nova, peço agradeça ao auctor do art.º em meu nome, se o conhecer.

Dê-me noticias suas que espero sejam boas e dispunha d'este

De VEx.<sup>a</sup>

am.º mt.º obrg.<sup>do</sup>

18 II 82

F. A. Coelho

5275

Ex.mo Am.º e Snr.

Envio-lhe finalmente o artigo sobre o seu livro que causas diversas fizeram demorar. São inevitáveis os erros nos meus artigos, apesar da revisão cuidadosa que faço d'elles. Os compositores corrigem á ultima hora e a pressa.

Como verá fui intransigente; estar certo que não me levará a mal a minha intransigencia; demais se o Am.º snr. L. de V. tiver que replicar tem à sua disposição as columnas do J. do Commercio. Mas só com severidade é que faremos alguma coisa, demais ella serve para melhor pôr em relevo os seus meritos.

Enquanto aos meus trabalhos eis o que lhe posso dizer. Ainda não me deram provas do artigo II sobre Dialectos romanicos fora da Europa. Na Imprensa Nacional tudo quanto sae do ramerrão ordinario leva longo tempo a fazer-se. Causa-me transtorno a demora; mas que hei de fazer? Ha difficuldade de publicar coisas d'estas; o Boletim vae para o estrangeiro em numerosos exemplares e tenho 50 de separata. Deve ficar prompto este mez o vol. dos Jogos infantis; descrevo ou menciono cerca de oitenta; mas vae para o Archivio de Pitré um artigo complementado. Os meus artigos sobre Folk-lore no J. do Comm. continuarão alternando com outros. A Grammatica hist. está ha tempos dormindo quasi a animo solto. O estudo sobre o calão não sei ainda onde sairá.

Não recebi ainda provas do artigo da Revista scientifica. Logo que venham preparo o II art.

Espero que não se faça demorada a publicação do Dialecto mirandez. Diga-me que os n.ºs do [...] lhe envie, assim como do J. do Comm., para lhe mandar outros, sem duplicação.

Tenho ja para o am.º um exemplar dos Dialectos romanicos na Africa, etc.; irá um d'estes dias.

Creio ter-lhe já anunciado a recepção de Romania IV. Rogo-lhe o obsequio de fazer juntar, sendo possivel, no meu art.º à parte em que falla do [...], in fine, a nota junta.

Dê-me noticias mas creia-me sempre

de VEx.<sup>a</sup>

am.º m.<sup>to</sup> obrg.<sup>do</sup>

28/11/82

F. Adolpho Coelho

5276

Meu amigo

Junto a nota que me pede. Recebi do Schuchardt o estudo sobre o creolo de S. Thomé. Eu tenho como sabe na imprensa novo art. sobre os dialectos romanicos extra-europeus, de que só sabbado me deram a 1.<sup>a</sup> prova; lá ha textos de S. Thomé. Vou discutir o trabalho do Schuchardt na parte geral principalmente.

Envio-lhe formas gallegas do canto XV, de documentos de Santiago, [...] por Villa-Amil y Castro; o gallego d'elle é prfeitissimo, sem mistura alguma castelhana, como succede noutros da não de [...] conhecendo a lingua de Castella; na alli o art. só tem a forma lo, la quando se acha nas formulas antigaz em que se dera assimilação de lo (=des lo), etc. Sobrelo por \*sobelo, sober-lo, etc. veem em documentos port. tambem; o que se pode chamar um caso mixto.

Nada mas [...] pois a acceitar factualmente a existencia no seculo XV de lo independente.

Por este mez fica conhecido, segundo espero, o vol. dos Jogos infantis.

am.º m.<sup>to</sup> obrg.<sup>do</sup>

F. A. Coelho

5278

Meu Am.º

Não estou mal como o am.º nem podia estar. A minha vida tem andado gravemente embaraçosa. Agora espero pôr as coisas em ordem até outubro a ver se volto aos meus velhos trabalhos. Enquanto ao t̄ dos Açores, creio que é um t̄ interdental. Foi n'esse sentido que eu escrevi ao A. Furtado e elle não reclamou. Todavia tenciono dar-lhe uma descripção do mm, assim como do t̄ palatalisado (tj), para ter a certeza da verdade. Vê o trabalho de Vianna. É muito valioso; mas há muitas coisas que não foram bem vistas. Por exemplo o que elle diz de fecto mostra um conhecimento muito imperfeito da nossa antiga orthographia e mesmo da historia da nossa phonetica. Escrevi um novo art. sobre Creolo, noticia de alguns trabalhos de Schuchardt e d'outros.

am.º mt.º obrg.<sup>do</sup>

F. A. C.

Sae do Porto? Eu não saio d'ahi até setembro.

5282

Meu amigo

Tenho esperado a carta que me prometia. Esquecera de lhe dizer que os extractos do Jornal do Commercio relativos às minhas conferências são inexactoz. Não vale a pena nem tenho tambem de fazer [...]. [...] é um homem de boa vontade, [...] não está muito corrente. Eu fallei dos elementos pre-romanos que tinham influido na influencia dialectal do latim na peninsula. Nem outra coisa podia ser. Na forma em que está no jornal era um tremendo disparate que nem consigo dormir se diria. Volto aos meus estudos glottologicos e folkloricos depois de excursão forrada e demorada n'outro dominio. Creio que não ignora que organizo aqui uma escola primaria superior, alem d'um museu escolar. Recebi tambem os novos estudos creolos de Schuchardt, sobre os quaes vou escrever no jornal de Techner extenso artigo. O am.º terá separata. O Pires de Elvas mandou-me novos elementos ciganos.

Am.º obrg.<sup>do</sup>

F. A. Coelho

5283

Meu amigo

Enviei-lhe hontem um volumesito. Recebi os seus estudos sobre os Contos brasileiros e onomatologia, que muito agradeço. São ambos boas contribuições; o methodo no estudo dos nomes proprios de logar é aquelle. Continue pois! Apenas estou em desacordo n'um ou outro ponto secundario. Um estudo largo sobre os nomes de logar seria um bello serviço. Não [...] ainda o L. Adam sobre o creolo. O anno de 1883 foi perdido para os meus estudos favoritos completamente e por isso deixo de estar ao corrente das ultimas novidades. Agora recomeço. Estimarei muito receber as curiosidades archeologicas de que me falla. Agora estou pondo em ordem o que tenho sobre origens peninsulares e essas curiosidades veem muito a proposito. O que Martins Sarmiento escreveu sobre Ora maritima e Celtas é insustentável. Elle é inteligente; mas é local. A Citania cega-o; alem d'isso chegou tarde a estas coisas. não tem methodo. A Soc. de geogr. tem estado em desordem por mudança; tenho lá o estudo sobre o cigano e calão.

am.º obrg.<sup>do</sup>

F. A. Coelho

5284



Meu amigo

Com relação a modificação na genealogia de mãe que propõe parece-me possível made por madre, comquanto sejam necessarias outras provas de influencia da phonetica da phonetica infantil sobre a da lingua geral. A perda do r em mare é effectivamente difficil d'explicar, porque só ocorre por dissimilação, como eu já notara, ou em quer, que o am.<sup>o</sup> explica por quêrs; ha todavia as formas provençaes e o ant. port. dado por Viterbo; por qualquer dos lados ha difficuldade, como vê. Porque não se dirá madinha, admittindo a influencia da phontica infantil? O facto ficaria no que parece isolado. Madre emprega-se tambem por freira, isoladamente; em Lisboa ha a Rua das Madrez.

Ha Profirio ao lado de Porfirio; é verdade que pode admittir-se a analogia de pro pref.; convem em todo o caso examinar se não ha alguns outros casos na pronuncia popular mas o facto da-se alli em syllaba atona. Em syllaba tonica não me recordo d'exemplo de metathese.

A derivação de tatro do nome de povo é inadmissivel, porque ha toda a razão de crer que o povo não soubesse a existencia dos tatosos; porque a palavra ja [...] pelo menos no seculo XVI, porque o povo não chamaria gago, balbuciator a outro povo que elle nunca ouviu fallar.

Uma etymologia d'esta natureza, isto é, da especie chamada historica, só pode ser admittida quando se baseie sobre documentos historicos. Algarvia entende-se perfeitamente; tataro = tatro tem só a favor a similhaça no som. Na lingua ha tataranho e tatibitate que não podem separar-se de tataro; este é pois, como a etymologia vulgar quer, uma formação comparavel a ceceio, e talvez a gaguejo, etc.

Dir-lhe-hei com franqueza que o art. em que ha apenas de novo duas pequenas interpretações phoneticas não me parece offerecer interesse sufficiente para sair isolado. Temos obrigação de mandar lá para fora melhor. Ligado a outros factos, como parte d'um artigo vae muito bem (salvar difficuldades que aponto); assim parece-me excessivamente magro.

Tem razão no que me disse com relação ás linguas africanas. Em breve lhe fallarei de mão assente sobre o assumpto e verá que alguns passos tenho dado já para nos desaffrontar da vergonha nacional que pesa sobre nós.

Tenho colhido factos importantes que destroem algumas asserções do Schuchardt e sobretudo as do L. Adam com relação aos dialectos creolos. Tenho dados para o conhecimento de mais um creolo portuguez.

Creia-me sempre seu

am.<sup>o</sup> mto. obrg.<sup>do</sup>

F. Adolpho Coelho

5288

Meu amigo

Tencionava escrever-lhe hoje ou amanhã; o seu bilhete veio pois a propostio. Nas Not. Phil. II<sup>255</sup> havia ainda que observar muita coisa, mas não dispunha de mais espaço. Assim siá por sinhá devia ser comparado com sô, sôr, siôr por senhor em Portugal.

Espero as suas anti-criticas para desenvolver as minhas observações. Em todo o caso é mister não estudar isoladamente os factos portuguezes, mas sim com as analyses noutras muitas linguas. [...] carece de forma. Em vez do calculo linguistico eu prefiro as comparações com os factos analogos e ainda a observação directa.

Ainda quando admitta com J. Vianna que o e de de é muitas vezes nullo resta explicar a fusão dos dois dd phoneticamente. Para mim em bondoso ha não syncope no sentido ordinario desta palavra, mas outro phenomeno; por outra bondoso não assenta realmente sobre bondadoso. Caridadoso e outras nunca existiram. Bondadoso não foi popular. Cautela com o calculo linguistico de que hoje se duvida mais do que se duvidou ja, sem deixar de reconhecer o seu valor quando emprego com prudencia.

Enfim eu não pude desenvolver as minhas ideas no art., nem o posso fazer aqui, esperando o seu artigo; direi então o que tenho observado directamente, isto é, que factos tenho notado na transformação immediata de palavras ouvidas por a primeira vez por diversas pessoas (principalmente creanças de diversas edades) e reproduzidas já oral já graphicamente, factos que adquirem tanto mais valor quanto elles se repetem.

Bem será que consiga os meios para a publicação da Revista de linguistica; é uma vergonha não termos um periodico serio para estes estudos e sermos obrigados a escrever em jornaes em geral sem valor scientifico e até por vezes caricatos. Para o estrangeiro ha a difficuldade da lingua: sendo em francez dá trabalho, sobretudo na tradução dos textos d'outrem, porque me é mais facil pensar em francez do que traduzir para francez; em portuguez ha a questão da calligraphia. O artigo sobre as sereias deu-me enorme trabalho e não sei como sairá.

Para o jornal de Techner estou redigindo a primeira parte do estudo sobre a mistura de elementos grammaticaes de linguas diversas (Heterogenia grammatical); essa parte comprehende considerações previas, estudo da questão e a parte phonetica; apesar de estar

---

<sup>255</sup> 5 de Abril de 1885

tudo nas linguas originaes, a calligraphia da parte port. da muito trabalho e só lá para final d'este anno é que o art. virá a lume, porque o jornal é semestral. O Boletim da Soc. de geogr. continua impossivel.

Para porém responder em relação ao artigo sobre onomatologia celtica da peninsula careço de saber quando tenciona publicar o primeiro n.º da Rev., na qual collaborarei com todo o gosto.

Envio-lhe os Lusiadas do Diario de Noticias, que saiu sem erros, mas que ainda assim serve.

am.º obrg.º

F. A. Coelho

Outro dia sobre physio-psychologia, em que lhe indicarei em obra d'auctoridade o que eu, como não especialista, não me atrevi affirmar, contra a sua affirmação, a respeito dos amputados. Sobre tatuagem posso indicar-lhe alguns livros estrangeiros. Vae um artiguito para a Rev. do Minho. [...] como esse mandar outros indefinidamente.